

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23369

DIRECTOR ANTÓNIO RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA 19 NOVEMBRO 90 70\$00

Cimeira de Paris começou esta manhã

A nova Europa é hoje definida

Até a Albânia participa com o estatuto de observador

Pág. 7



Beijinhos à «Miss» Macau constaram do intenso programa de Mário Soares nas 48 horas que passou no território sob administração portuguesa. Mas o Presidente, regressado ontem a Lisboa, trazia também na bagagem os resultados de uma conversa privada com o primeiro-ministro de Moçambique e a avaliação da actualidade política de Macau marcada, como disse, por um «progresso espectacular». A viagem ao Oriente incluiu, ainda, múltiplos contactos de alto nível, em Tóquio, e o Presidente vai agora gozar três dias de «folgas de compensação», na campanha eleitoral do candidato Soares: até quarta-feira percorre o Norte do País, concluindo esta fase com a participação no debate organizado pelo Sindicato dos Jornalistas. Pág. 5



O árbitro Sipa Santos quando era assistido no terreno de jogo, após agressão com um saco de água na cabeça

Mais um atentado ao futebol

Pancadaria, tiros e gases lacrimogéneos no jogo entre o Farense e o FC Porto, em que o árbitro Sipa Santos foi agredido

Pág. 19



PORTE PAGO

Donos de farmácias vão produzir «genéricos»

Pág. 9

Setúbal: as mazelas do plano de recuperação

Pág. 6

«Stress»: como prevenir em vez de remediar?

Págs. 2 e 3

Filipe La Féria sem papas na língua

Págs. 14 e 15

O Concerto de Montserrat Caballé no Coliseu

Pág. 16



Emapsa

STAND: Rua Gomes Freire, 163 A/B-1100 Lisboa
Telefs. 56 05 88 e 352 43 93

ASSISTÊNCIA E PEÇAS: (Edifício Batista Russo) — Cabo Ruivo Telef. 859 28 68

Congresso da CGTP/Setúbal

A missão impossível de Carvalho da Silva

Pág. 11

Função Pública: greve só de quadros técnicos

Pág. 9

Os valores culturais e os núcleos familiares são os sustentáculos psicológicos para combater o mal-estar e as doenças das sociedades de consumo modernas, disse ao «DL» a professora norte-americana Rosemary Sullivan

Deitar fora o «stress»

Prevenir-se contra o stress e enfrentá-lo quando aparece, não desistir, combater a obsessão e pensar em alternativas, modificando o comportamento de acordo com a situação real, assim se pode resumir o essencial da técnica de «como lidar com o stress», segundo disse ao DL a professora e consultora norte-americana Rosemary Sullivan, especialista em «Stress Management».

A residir em Portugal desde 1981, Rosemary Sullivan é da opinião que no nosso país o problema do stress é menor do que nos EUA. Para aquela professora, este facto não se fica a dever apenas «à vida frenética e individualista dos norte-americanos, mas à ausência de valores e tradições culturais fortes» daquele país.

Para Rosemary Sullivan, a autenticidade destes valores persiste muito viva em Portugal e é, juntamente com a família, o grande sustentáculo psicológico dos portugueses na luta contra o stress.

«É preciso acreditar que o futuro vai ser melhor, preservar os valores comuns, não se deixar enredar em falsas ou exageradas expectativas no dia-a-dia, gerir cada situação da vida com uma atitude positiva, sem pensar que os problemas parecem mais graves do que são na realidade», sublinha Rosemary Sullivan.

Segundo as teorias do psicólogo americano Albert Ellis, as pessoas criam normalmente uma dose de stress muito superior ao grau de gravidade da situação real que estão a viver. Ficam, por outro lado, muito aflitas com as perspectivas do futuro ou de uma situação que vai acontecer e para a qual não se sentem preparadas ou acham que não podem falhar. Muitas vezes é uma tempestade num copo de água.

Segundo a técnica «Stop», no



Rosemary Sullivan: «Portugal é um país privilegiado quanto aos problemas do stress porque possui raízes culturais e valores tradicionais muito fortes»

ritmo apressado e competitivo dos anos 90, a pessoa deve ter uma «atenção relaxada» e concentrar-se naquilo que está a fazer. É uma arte que se aprende. Esta técnica é muito utilizada com os atletas de alta competição. Trata-se de fazê-los imaginar o êxito final, as ovações, a vitória, concentrá-los nessa ideia enquanto treinam. «Resulta», as-

segura Rosemary Sullivan.

Braços cruzados

Não se considerando católica, nem utópica, nem contestando que é necessário alterar as estruturas sociais para atenuar o stress, esta professora de Boston, licenciada em Literatura e em Educação, que tem efectuado diversos seminários

e cursos em empresas portuguesas e estrangeiras, defende que ninguém deve ficar com os braços cruzados perante uma situação agressiva e revoltante, como as que se vivem, por exemplo, no quotidiano das cidades: os transportes, a poluição, o ruído, o crime, a fome, o desemprego.

«Deparamo-nos com uma situação desagradável e inevitável. Não vale a pena ficarmos parados e chateados. Temos que enfrentar e mudar. Também não devemos ficar obcecados por um acontecimento, um desejo. Temos que procurar sempre uma alternativa positiva e não entrar em stress negativo. A isto se chama a técnica do Stop», diz Rosemary Sullivan.

Quem não tentou já deixar de fumar? Quem não protestou contra os impostos? Quem não barafustou contra o aumento do pão ou por não ter entrada na Universidade? Quem não quis alguma vez fazer a revolução?

Segundo aquela professora, em todas as situações de angústia, de desespero ou de revolta «cria-se muita energia negativa», sendo por isso benéfico «responsabilizar as pessoas e encontrar-lhes ocupação para que possam deitar fora o stress».

A competição, a ganância, o desejo de vencer no emprego e de enriquecer a todo o custo, são factores permanentes de stress. Se somarmos estas vontades individualistas à má qualidade de vida dos cidadãos, verifica-se que há cada vez mais stressados. São as pessoas de tipo A, na caracterização apresentada pela professora Rosemary: «Uma pessoa muito competitiva, muito frenética, muito pontual, com um comportamento que esconde normalmente uma grande ausência de valores pessoais e de objectivos precisos».

Tipo A e B

As pessoas de tipo B, para aquela especialista, são «pessoas calmas, mais criativas, com um rumo pessoal definido, que pensam mais, repetem e correm riscos, podendo por isso realizar melhores obras».

A tendência da sociedade moderna de consumo é criar pessoas de tipo A. Portugal, na opinião de Rosemary Sullivan, possui mais gente de tipo B do que nos EUA, mas a tendência nos próximos anos, com a entrada de Portugal na CEE e com as multinacionais, se não houver alteração dos códigos que gerem a sociedade portuguesa, é fabricar cada vez mais pessoas de tipo A.

Pergunta-se o que une os europeus na CEE, visto que cada país tem a sua identidade própria, o seu passado histórico e a sua cultura. A resposta é: o dinheiro. Portanto, a maior causa de stress da humanidade.

Com a livre circulação dos trabalhadores na Europa e com a valorização dada às multinacionais vai assistir-se ao chamado Stress Inter-cultural. Existe um conflito permanente entre raças e culturas diferenciadas que pode originar falta de produtividade e de realização pessoal, indiferença e stress negativo.

Para William Bridges, professor de Literatura Inglesa, um dos teóricos em que Rosemary Sullivan se apoia, a «transição» é um factor importante de combate ao stress. Segundo ele, deve aprender-se com o passado histórico para construir o futuro.

«É preciso dar ênfase aos valores do passado, corrigindo os erros. Reconhecendo os sinais de mudança das sociedades, os trabalhadores podem adaptar-se melhor às companhias onde exercem a sua profissão e integrarem-se no grupo», afirma.

Rui Ferreira e Sousa

Problemas pessoais não podem ser dissociados das condições profissionais

Previna-se: não seja passivo

O «stress» profissional não pode ser dissociado dos problemas pessoais que os trabalhadores têm que enfrentar no seu dia-a-dia. Para o combater é necessário não só criar boas condições de higiene e de segurança no

local de trabalho, e uma participação e remuneração equilibradas nas empresas, mas também um ambiente familiar e social favorável, sem rupturas, sem doenças.

Se existir uma harmonia

global entre as componentes trabalho, família, lazer e vida cultural activa, as causas do stress diminuem consideravelmente, asseguram vários especialistas da matéria: «É tudo uma ques-

tão de atitude e de adaptação».

O «stress» deve ser visto mais como uma resposta do organismo à acção de factores exteriores adversos. Uma pessoa em situação de confronto agressivo passa por três estádios que ajudam a caracterizar o stress: O alerta, a resistência e o esgotamento.

Raramente o problema do «stress» é abordado numa componente política. Os sistemas ditatoriais e as sociedades democráticas modernas são um viveiro de «stressados».

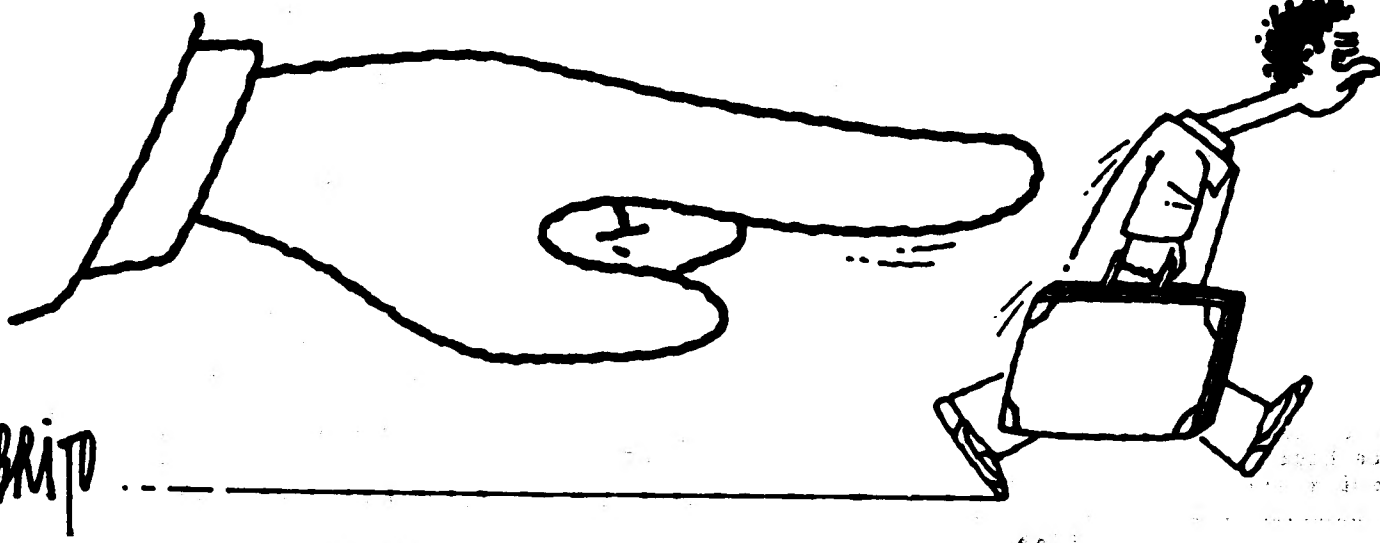
Todos os especialistas que trabalham na área do «stress» defendem que a melhor arma para o combater é a «prevenção». Técnicas de relaxe, de descanso, de descontração, de aquisição de uma estratégia mental activa, são aconselhadas por alguns médicos,

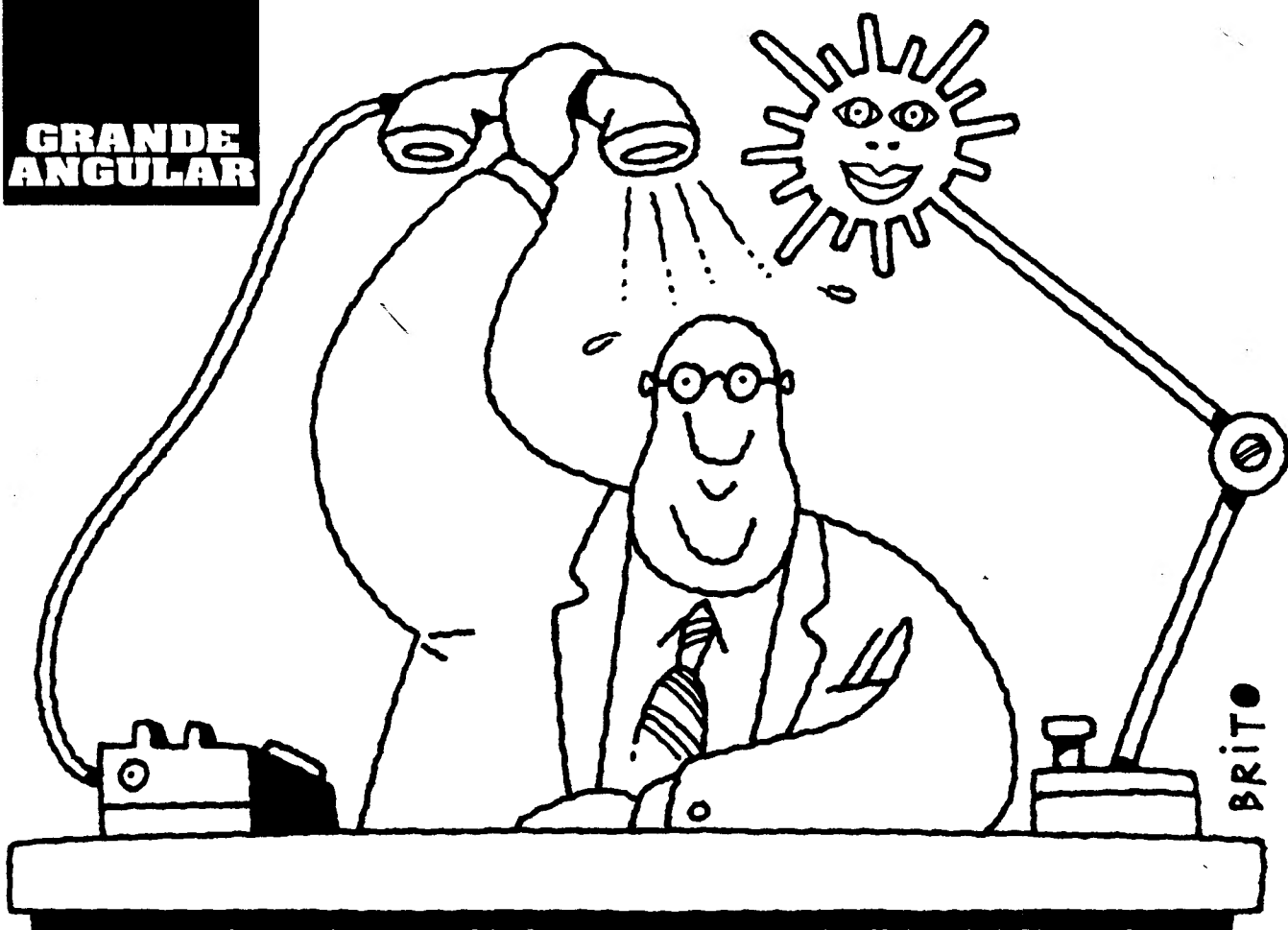
desde que praticadas com método.

Meditação

A meditação, o yoga, a psicoterapia, o exercício físico, são práticas correntes em trabalhadores de algumas profissões atreitas ao «stress». A alimentação é igualmente um factor que pode ajudar a combater esse mal moderno, se o indivíduo não recusar uma terapia à base de frutas e legumes frescos, diminuindo significativamente os lípidos.

Todas estas soluções terapêuticas variam de pessoa para pessoa e o diagnóstico que é feito para um pode não servir para outro. É um problema complexo para o qual não existe uma única resposta. Esta está dependente das características de cada um e da capacidade de se adaptar às situações. Muitas das técnicas têm uma componente subjectiva



GRANDE
ANGULAR

Pobres,
remediados
e ricos, homens
e mulheres,
em qualquer
actividade
podem ser
vítimas
do «stress»,
um fenómeno
do nosso tempo
que tanto pode
ter de caricato
como de
trágico

Um mal que atinge todas as pessoas

O «stress» é uma «doença democrática»: sabe-se já que ele pode atingir todas as pessoas, independentemente da actividade que desenvolvam ou das responsabilidades que assumam. Faz sofrer de igual modo pobres, remediados e ricos, homens e mulheres, sem escolher idades. Ele pode manifestar-se tanto no descanso como no trabalho.

A instabilidade no emprego e as condições sob as quais este é desenvolvido, podem originar graves problemas, mesmo físicos, os quais atingem todas as idades e ambos os sexos.

É o «stress», essa doença dos tempos modernos, que não se sabe bem o que seja, mas que tem vindo a colher a atenção dos especialistas para detectar as suas reais origens e mecanismos humanos que levam ao seu aparecimento.

Mas não é tarefa fácil, tanto mais que já se descobriu que a reacção às condições adversas não são idênticas em todos os seres humanos. Na verdade, há trabalhadores que, sujeitos a determinadas tensões, entram em «stress», enquanto outros ganham uma nova vitalidade e até mais saúde.

Interessante é verificar que investigadores americanos que se dedicaram a estudar o fenómeno verificaram que até o descanso pode provocar «stress» em muitas pessoas, em especial nos períodos de antes e após períodos de férias.

Os médicos dão cada vez mais atenção ao «stress», embora haja alguns que fazem coro com os patrões na negação da evidência de que determinadas doenças do foro neurológico e físicas estão directamente relacionadas com o ambiente de trabalho. Doenças que podem tomar a forma de neuroses, psicoses, cansaço mental e físico, doenças de pele, problemas renais, hepáticos e cardíacos e até certas formas de cancro. Pode levar à dependência alcoólica e de drogas.

No que respeita às suas causas, elas podem ser as mais variadas e afectam de forma diferente as pessoas. A habitação, os transportes públicos, situações de tensão nacional ou internacional, instabilidade política, problemas económicos, a burocracia, falta ou excesso de informação, incapacidade de comunicar, execução de tarefas rotineiras ou desagradáveis, excesso de trabalho ou este executado sob diversos tipos de pressão, problemas com os colegas de trabalho, chefias mal orientadas, ambiente físico desa-

gradável do local de trabalho (luz, cor, mobiliário, instalações, etc.), problemas no seio da família, a equipa predilecta que perdeu o jogo no domingo passado, pequenas e grandes coisas, enfim, tudo pode contribuir para que o «stress» se manifeste.

Desemprego mortal

O «stress», reconhecem os especialistas, pode assumir aspectos trágicos, levando a situações limite que podem culminar na morte, caso as suas causas não sejam devidamente detectadas e rapidamente eliminadas.

Um estudo levado a cabo pela OCDE considera que a saúde e o bem estar são afectados negativamente pela insegurança no emprego e pelo desemprego, podendo mesmo originar casos mortais.

O documento revela que «os desempregados e as suas famílias sofrem de morbosidade e mortalidade acrescidas» em resultado das alterações químicas corporais que conduzem a aumentos da pressão sanguínea, a deficiências cardíacas, a enfermidades mentais e a suicídios.

Uma questão de mobiliário

Mas ele manifesta-se às vezes até de formas bem caricatas. Há uns anos atrás, numa empresa norte-americana que estava a proceder a uma reestruturação, um jovem promissor gestor foi promovido, esperando-se dele uma acção altamente compensadora para a companhia. Aconteceu, contudo, que o jovem bloqueou totalmente e entrou num estado de profunda e nítida apatia, que não só prejudicava a empresa como a sua vida social e familiar. A empresa consultora que procedia à reestruturação analisou a situação e o seu psicólogo encontrou a solução: o jovem quadro tinha-se ido abaixo porque simplesmente o seu colega de gabinete tinha uma secretária e uma cadeira maiores.

É evidente que, se o mobiliário foi a causa primeira da situação de «stress», a verdade é que este resultou, essencialmente, da incapacidade do jovem gestor em revelar e resolver uma situação que a sua inteligência se negava a aceitar como racional, acabando por acumular uma tensão interior superior à que poderia suportar. Mas este caso, real, ilustra bem como são ao mesmo tempo simples e complexos os mecanismos do «stress».

V. L.

COMENTÁRIO

Democratização é remédio

O «stress» profissional começa a ser encarado muito a sério em Portugal, embora de forma ainda muito limitada, na medida em que se reconhece o «direito» de os empresários e gestores poderem ser vítimas desse fenómeno, mas não os trabalhadores em geral.

Na verdade, as empresas que se dedicam à formação começam a colocar no mercado acções que visam levar os empresários e gestores a defenderem-se do «stress». Por outro lado, o projecto JEEP (Jovens Empresários de Elevado Potencial) são alvo de uma acção que vai precisamente no sentido de aprenderem a proteger-se contra esta «doença».

Contudo, melhor seria que os empresários e gestores fossem ensinados a combater as causas gerais e particulares de «stress» a todos os níveis das suas empresas. Esta seria, ao fim e ao cabo, a melhor forma de evitarem caírem eles próprios numa situação de «stress».

Na verdade, ao eliminarem-se as causas deste mal do nosso tempo estão-se a corrigir todos os procedimentos e obstáculos que obstam a um bom funcionamento das empresas. Causas que se encontram nas más relações no trabalho, na burocracia, na desorganização, nas hierarquias mal definidas (dificuldades relacionais), nos ambientes insalubres, no desinteresse pelos problemas pessoais dos trabalhadores, em síntese na desumanização do trabalho.

Num ambiente como este é natural que as empresas se defrontem com elevado absentismo, com acidentes de trabalho frequentes, com apatia laboral, com dificuldades em fazer circular a informação, com ineficiências e insuficiências ao nível da qualidade da produção e do produto, portanto com menos produtividade, logo com menor capacidade competitiva.

Com este panorama nada aliciante, a tarefa dos empresários e gestores fica fortemente dificultada, o seu verdadeiro papel desvirtuado, o seu tempo mal gerido, condicionado que está pela resolução de problemas que ultrapassam aquela que deveria ser a sua verdadeira missão de decidir sobre as grandes questões estratégicas.

É um problema grave, que em Portugal ainda se faz sentir de forma muito intensa e que só pode ser resolvido de uma forma: através daquilo que os especialistas chamam «democratização das empresas». Democratização que passa por alguns vectores importantes: encarar os trabalhadores como seres humanos (dar atenção à componente social); criar esquemas de circulação e tratamento de informação adequados e que sejam estímulo à participação dos trabalhadores na vida da empresa; descentralizar a capacidade de decisão; promover esquemas de incentivos justos, especialmente para as profissões horizontais (sem hipótese de carreira vertical); acabar com a «capatazia» e constituir uma hierarquia baseada na liderança e não no «quero, posso e mando»; fazer dos locais de trabalho espaços higiénicos, salubres e seguros, onde as pessoas se sintam bem física e psicologicamente...

Se se proceder desta forma, a empresa produzirá mais e melhor e de certeza que se eliminam as principais causas do «stress» profissional, seja ele do empresário, do gestor ou de qualquer trabalhador.



Victor Leitão

muito forte que as tornam pouco eficazes. Alguns especialistas defendem que a pessoa deve ser capaz de controlar o comportamento com vista a modificar as características objectivas de um facto que se apresenta como uma ameaça.

As intenções e os desejos do homem em se controlar e acabar com o seu próprio «stress» não chegam. Porém, se essa vontade não for acompanhada por uma mudança radical dos valores sócio-culturais em que ele vive. Numa sociedade que vive da corrupção, da burocracia, dos padrinhos, do lucro fácil e da mediocridade institucionalizada, é praticamente impossível encontrar uma solução para o «stress», a não ser o fechamento numa concha. E mesmo aqui há que conseguir-se uma protecção contra o ruído.

R. F. S.

FORUM

Diário
de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho
de Administração:
António Ruella Ramos.
Administradores:
Mário do Carmo Ruella Ramos,
João Manuel Ruella Ramos,
António Brás Montalvo
e António Gomes da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director
António Ruella Ramos

Exerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Mano (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)
Mário Mesquita (1989/1990)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
Daniel Reis
e Rodrigues da Silva
Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
Adelino Cardoso,
José Luís Feronha
e Neves de Sousa

Redacção e reportagem fotográfica:
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Villela,
Cáu Neves, Dina Soares,
Elsa Andrade, Emília Trindade,
Ernesto Sampaio,
Fernando Braderode Santos,
F. Dias Brito, Gláucia Oliveira,
Jorge Ferreira, Júlio Rodrigues,
Luísa Alexandra Botinas,
Lurdes Féria,
Marta Antónia Martinho,
Marta João Martins,
Marta João Rocha,
Marta Tavares Dias,
Pedro Alvim, Rodrigues Borges,
Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Baisano,
Francisco Paraiso, Isabel Joyce,
Jorge Fallorca e Roby Amorim.

Gratistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira,
José António Carvalho,
Jorge Santos
e Oscar Figueiredo

Secretária de Direcção
Marta Eduarda Soutello

Secretaria da Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima
e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração,
Publicidade e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA
- Telex 12363 DIAROP

- Telefex 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress -
Rua do Norte, 115-12 - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Delegação Norte: Rua Monte
dos Pipos, 326 - Custóias - 4450
Matosinhos - Telef. 9531566
Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço
do jornal: no Continente, 70\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

OS REFÊNS, MERCADORIA BANALIZADA

Verifica-se agora, na Imprensa europeia, uma avalanche de comentários consagrados aos múltiplos negociadores que se precipitam para o aeroporto de Bagdad, a fim de conseguirem trazer para os seus países os trabalhadores ou turistas que se transformaram em reféns do ditador iraquiano.

Uma parte significativa dos comentadores não hesita em denunciar o que parece ser uma ruptura do bloqueio que, imposto pela ONU, deve forçar o Iraque a pôr-se de joelhos e a abandonar o Kuwait de maneira incondicional.

Parece-me haver em tudo isto um equívoco profundo, que não leva em linha de conta as diferentes maneiras de conceber a autonomia dos indivíduos nas relações com o poder, e sobretudo com um poder que se organiza em função de certos parâmetros religiosos.

Desde a Revolução francesa que as sociedades europeias se estão a laicizar e a dar uma força cada vez maior ao cidadão. Os direitos do homem são também — o que não poucas vezes se esquece — os direitos do cidadão. A categoria geral é assim decomposta, para dar a sua autonomia ao que constitui a personagem principal do nosso mundo cultural, social, político.

O choque europeu tem girado em torno desta personagem, que incomoda não poucas estruturas do poder, o que deu origem aos regimes totalitários. Estes funcionam baseando-se na recusa da autonomia

do cidadão. Os regimes democráticos, como o nosso, apoiam-se nessa autonomia.

Todos sabem que o Iraque é um regime ditatorial, que se cobre, para completar a panóplia do poder, com a capa religiosa, sempre que tal lhe convém. Nestas condições, o poder só pode ser partilhado entre as estruturas políticas e as religiosas, excluindo de maneira decidida toda e qualquer autonomia do cidadão.

Não admira, por isso, que o actual ditador do Iraque instrumentalize os reféns. Trata-se de «coisas» indis-

pensáveis à sua maneira de considerar os homens e o mundo, e mais particularmente as estruturas ocidentais.

Nestas condições, não se pode esperar de Hussein a menor compreensão da

importância do cidadão, na medida em que este só pode ser a «coisa» seja do poder político, seja do poder religioso. A coisa deve ser utilizada, mas não pode ela manifestar uma opinião que se choque contra a vontade suprema do poder bífido, a que me referi já.

É por isso que me não parece indigno que as nações ocidentais procurem negociar, na medida em que os reféns que não forem libertados estão em risco constante de ser liquidados, se tal aparecer como a maneira mais directa de conseguir impor um certo número de opções iraquianas aos países ocidentais.

A medida que se reduz o número de reféns, enfraquece-se o poder de chantagem do ditador iraquiano. Teria até tendência para pensar que semelhantes negociações deviam estar integradas no dispositivo organizado para forçar o ditador Hus-

À medida que se reduz o número de reféns, enfraquece-se o poder de chantagem do ditador iraquiano. Até por isso, há que retirar do Iraque os reféns, seja qual for o custo



Alfredo Margarido

CARTAS
NA MESA

A lentidão da Justiça

No dia 21 de Junho de 1989, desmoronou-se parcialmente o prédio nº 3 da Travessa da Oliveira à Estrela, acontecimento a que os jornais deram o devido relevo. Em princípio, a derrocada teria ficado a dever-se a escavações efectuadas no terreno contíguo, e os empreiteiros da obra prontificaram-se a a envidar todos os esforços para resolver a situação, designadamente a reconstrução do prédio, que podia ser recuperado. Iniciadas as obras, vieram estas a ser embargadas por ordem do tribunal, accionado pelos proprietários

do imóvel que, segundo parece, não o querem reconstruído.

Entretanto, no prédio vivem ainda duas septuagenárias sozinhas e uma família, sem possibilidades materiais de se mudarem e com medo permanente de que a parte que resta da casa venha a desmoronar-se também. O que pretendo através do vosso Jornal é alertar para a lentidão da Justiça e para o arrastamento de um caso que pode vir a ser encerrado de maneira dramática.

Silvestre A. Rivero,
leitor de Lisboa

Maria Emília Melo de Almeida — Agradecemos a sua carta, que só não publicamos porque aborda uma multiplicidade de assuntos, cada um deles merecedor de tratamento individual.

sein a respeitar as regras políticas e diplomáticas que são hoje aceites.

Não faltará quem nos venha dizer que o Iraque não faz mais do que corrigir as fronteiras impostas pelo colonialismo. Talvez valha a pena dizer que, na Europa, e exceptuado o caso português, todos os mais Estados são invenções do século XV-XVI. Será que semelhante leitura histórica e historicista nos vai lançar em guerras civis intermináveis? Será que, amanhã, se autorizará um louco qualquer a proclamar, na Itália, a in-

dependência da região de Emília, por exemplo, denunciando a acção levada a cabo pela casa real do Piemonte?

Retirem-se os reféns, seja qual for o custo: o homem nasceu livre para continuar a ser livre. Retê-lo contra sua vontade constitui um acto de selvajaria que não podemos nem acatar nem suportar.

O que explica que a diferença entre a democracia e o totalitarismo se estrutura em função da liberdade reconhecida ou negada ao cidadão.

O VÉU MUÇULMANO
E A EUROPA

A maior parte das pessoas só se deu conta do significado e da importância do véu muçulmano quando os diários e, sobretudo, os semanários franceses, começaram a preocupar-se com o que estava acontecendo nas escolas, quer dizer no ensino secundário.

Subitamente, umas alunas entravam pelas salas de aula com os véus, acrescentando que as famílias as proibiam também de assistir a um certo número de aulas, nomeadamente às ciências naturais, de biologia e desporto.

Perante esta circunstância desenhou-se imediatamente uma rejeição por parte de uma parte dos professores. A situação mobilizou a opinião pública francesa, que se viu forçada a, uma vez mais, repensar a sua relação com o Islão, dado haver em França mais de quatro milhões de crentes (o que, dentro em breve, representará cerca de 10 por cento da população).

Intervio toda a gente, sendo a mais curiosa destas intervenções a que provinha dos bispos franceses, que, embora com outro objectivo, «compreendiam» a religiosidade muçulmana.

É evidente que esta polémica ainda não está encerrada e a invasão do Kuwait pela Iraque muçulmano, não pode senão reforçar a veemência com que esta questão tem estado a ser tratada. Porque, contrariamente ao que se pode pensar, ainda não acabaram as cruzadas.

Talvez, contudo, o objectivo da cruzada se tenha invertido: o Ocidente deve hoje pagar ao Islão as feridas, reais ou simbólicas, que lhe infligiu neste século e meio de colonização. A inadequação dos sistemas europeus é o resultado das «vitórias» obtidas sobre o Islão a partir da batalha de Lepanto (século XVI).

Hoje os muçulmanos controlam fracções substanciais do petróleo de que precisa a técnica ocidental, e pretendem — como já o quisera em 1952 o esquecido dr. Mossadegh — servir-se do petróleo como arma suficiente contra o Ocidente.

Mas, por outro lado, a batalha é religiosa: o véu constitui um sinal e legítima uma resistência. Os muçulmanos servem-se, uma vez mais, das mulheres como «coisas» dos homens. O que não surpreende, quando se sabe que o prof. Akum — da Sorbona — pode dizer sem corar que os direitos do homem e do cidadão são incompatíveis com o Islão.

Mais ainda, na sua óptica, estes direitos teriam sido impostos aos muçulmanos e não seriam mais do que meros resíduos do facto colonial.

Não podemos esquecer que é esta lógica de cruzada que justifica as intervenções do presidente do Iraque. O Kuwait, como o Líbano, não seriam nem nações nem sequer Estados: meros produtos da intervenção dos colonialistas — franceses e ingleses — devem eles ser recuperados pelas nações muçulmanas.

O que, além do mais, quer dizer o seguinte: se o Ocidente, apoiado por um número assaz significativo de países muçulmanos, pode travar a corrida do presidente do Iraque, não pode ele contudo resolver a situação conflitual que «tem vindo a reforçar-se, entre os fundamentalistas — que se multiplicam — e o Ocidente, ao qual pertencemos».

A «guerra santa», que os dirigentes muçulmanos declaram por dá cá aquele poço de petróleo, traduz constantemente essa base religiosa. As armas ocidentais não têm religião, mas as mãos que as empunham não desejam apenas uma vitória militar ou económica.

Pretendem, talvez acima de tudo, liquidar os «cristãos», entendidos como sinónimo de «colonialistas» e de «diabos». Mesmo se hoje os americanos aparecem como a consubstanciação do «diabo», não podemos esquecer que, por enquanto, somos ainda ocidentais, católicos-cristãos e europeus.

POLÍTICA

POSTO DE ESCUTA

António Barreto

Cavaco

«Há uma parte do eleitorado do dr. Mário Soares e do MASP que quer que a sua reeleição contribua para a consolidação de Cavaco Silva. Há outra parte do eleitorado e do MASP que quer que a reeleição de Mário Soares contribua para o derube de Cavaco Silva. Eu, pessoalmente, e uma parte do MASP queremos que contribua para a sua queda».

Interesses

«Os interesses do Partido Socialista não são estar numa espécie de paz dos cemitérios como PSD e dr. Cavaco Silva, de modo a que a eleição do Presidente da República seja um triunfo do «bloco central». Isso não tem nem faz qualquer sentido: o PS não tem qualquer interesse no «bloco central» nem na consolidação de Cavaco Silva».

Casa

«MASP: ou é a nossa casa ou é, também, a nossa casa. E se é a nossa casa, então nós vamos fazer aquilo que estamos habituados a fazer, e não o que os outros fazem. O PSD não pára de exprimir os seus interesses relativamente à candidatura de Mário Soares».

Cabrito

«O Serviço Militar Obrigatório e a Defesa Nacional estão a ser transformados numa espécie de cabrito com batatas com que o dr. Cavaco Silva está a tentar comprar votos dos jovens. Anuncia com quatro anos de antecedência que o serviço militar vai ser reduzido para quatro meses imediatamente, não tinha sequer consultado os chefes militares, não tinha consultado os órgãos responsáveis do Parlamento, o próprio Presidente da República não estava muito ao corrente dessas promessas eleitoralistas».

Pesca

«A organização fundamental da Defesa Nacional, que é a organização das Forças Armadas, é uma cana de pesca à linha para as eleições».

Carneiro

«O ministro Roberto Carneiro é um Cavaco bom. Mas Cavaco é. Não é só bom: é uma pessoa simpaticíssima, fala muitíssimo, e bem, e não tem grandes preocupações pelos resultados do que diz. Porque assumiu a reforma educativa pelo País todo, mas a reforma educativa não chegou a todo o país. É uma espécie de ministro eléctrico, o ministro deste «Governo que mais dá a cara».

(António Barreto, deputado do PS, no «GRANDE JÚRI TSF», sábado, 17, das 12.05 às 13 horas, entrevistado por Miguel Sousa Tavares, Carneiro Jacinto e Teresa de Sousa).

Cunhal usa as presidenciais como base das legislativas

Comício de Carlos Carvalhas, no Porto, avança a ideia de uma base institucional para futuro Governo PS/PCP

Em pleno comício eleitoral de Carlos Carvalhas, no Porto, o secretário-geral do Partido Comunista passou de largo sobre as eleições presidenciais para avançar, em novos moldes, já com vista às legislativas, a velha proposta comunista de «um Governo de alternativa à direita». Cunhal insistiu, repetidamente, na ideia da criação, em 1991, da «base institucional» de suporte a um Governo PS/PCP como «viragem democrática na política nacional».

Recusando a transformação do PCP «em muleta da política e de um Governo socialista», Álvaro Cunhal sintetizou esta sua proposta face às eleições legislativas do Outono de 91:

«A viragem depende da convergência dos partidos democráticos, nomeadamente o PS e o PCP, na intenção, na vontade e na decisão de constituírem uma base de apoio institucional comum para a formação de um Governo de alternativa à direita».

Cunhal garantiu que «as presidenciais, pelo seu resultado previsível, não constituirão, por si, uma tal viragem» e deixou no ar a sugestão de que a candidatura de Carvalhas poderá não chegar à boca das urnas. Sobre

as eleições presidenciais, propriamente ditas, o secretário-geral do Partido Comunista apenas deixou implícita uma exclusão: a do voto comunista em Mário Soares. «O resultado previsível é a vitória de Soares», disse, «com o apoio do PS e do PSD».

Logo, este candidato não precisa dos votos comunistas para a reeleição. Mas não votar em Soares não significa também a certeza do voto em Carvalhas: pode passar pelo voto nulo ou a abstenção.

O candidato Carlos Carvalhas também admitiu esta última hipótese aberta pelo seu secretário-geral, mas disse haver razões de fundo que, para além das eleições presidenciais, justificaram a apresentação da sua candidatura: influenciar a evolução da vida política nacional e a acção dos seus principais protagonistas.

Soares: mais três dias de campanha no Norte

Regressado ontem, de Macau e do Japão, Mário Soares tirou três dias de folga às funções presidenciais para regressar ao Norte, em campanha eleitoral.

Ao fim da manhã de hoje, o candidato já estava em Vila



Cunhal e Carvalhas no comício de ontem à tarde, no Coliseu do Porto

Real, para inaugurar a sede local do MASP, partindo depois para Santo Tirso, com paragens em Lousada e Amarante. Amanhã, Mário Soares vai a Vila do Conde, Póvoa de Varzim, Viana do Castelo

e Braga, onde dorme, para regressar a Lisboa ao princípio da tarde de quarta-feira.

Estas «folgas de compensação», ao trabalho-extra presidencial no Extremo-Oriente, são particularmente

apreciadas pelos responsáveis do MASP que, repetidamente, se queixam da falta de disponibilidade do candidato para fazer a sua campanha eleitoral. Elas terminam na tarde de quarta-feira com a participação de Mário Soares no debate com os outros candidatos organizado pelo Sindicato dos Jornalistas.

Este debate promovido pelo SJ está marcado para as 16 horas no hotel Continental, em Lisboa, e está aberto a todos os candidatos às eleições presidenciais. Apenas Basílio Horta, depois de ter aceitado participar, não confirmou ainda a sua presença.

Frente a frente na TV com datas marcadas

Entretanto, a televisão divulgou as datas dos seis «frente a frente» que vai realizar com os quatro candidatos, sendo o primeiro a 4 de Dezembro (Carlos Carvalhas- Carlos Marques) e o segundo a 6 (Mário Soares- Basílio Horta).

No dia 11, Carvalhas enfrenta Soares e a 13 defrontam-se Basílio- Marques. A 19 é a vez de Carlos Marques se encontrar com Mário Soares, encerrando-se este ciclo da RTP com o frente a frente Basílio-Carvalhas.



Dois documentos da visita de Soares a Macau: reunião extraordinária com o executivo do território e negociações com o primeiro-ministro de Moçambique, Mário Machungo



Soares destaca «progresso espectacular» de Macau

O Presidente da República, que regressou ontem a Lisboa da sua viagem ao Oriente, considerou como «verdadeiramente um sucesso» a sua visita a Macau afirmando aos jornalistas ter encontrado o território «em estado de calma e perfeita normalidade administrativa, e de grande confiança no futuro», exprimindo também profunda admiração pelo que lhe foi dado observar.

«O progresso que se está a viver em Macau é espectacular, vertiginoso, impressionante, de ano para ano. Penso que em Portugal não percebemos bem a realidade de Macau, sobretudo esse projecto

extraordinário que se está a viver e que não tem paralelo em qualquer outro período da história de Macau», disse o Presidente da República.

Mário Soares referiu os seus encontros com o encarregado do Governo e membros do executivo e da Assembleia Legislativa, e com o Bispo D. Domingos Lam e representantes da República Popular da China, cujas boas relações com Portugal destacou, afirmando que o projecto que está a ser construído em Macau resulta, «antes de mais nada, do bom entendimento entre a República Popular da China e Portugal». Quanto à nomeação de um novo

Governador, Soares lembrou ser uma competência do futuro Presidente da República e que, embora esteja convencido de poder ganhar as eleições, «ninguém tem a certeza nesta matéria, por isso não seria correcto proceder de outra maneira». Durante a sua permanência em Macau, o Presidente da República recebeu o primeiro-ministro de Moçambique, Mário Machungo, que também se deslocara a Tóquio para assistir à cerimónia de entronização do Imperador do Japão e no regresso fez uma visita oficial de dois dias ao território a convite de executivo local.

ECONOMIA

Rosas e espinhos na região de Setúbal

Nem tudo corre sobre rodas no plano de recuperação da zona deprimida da Península de Setúbal. Faltam capitais, formação profissional e há estrangulamentos no sistema de transportes, nomeadamente no porto e nas ligações rodo-ferroviárias

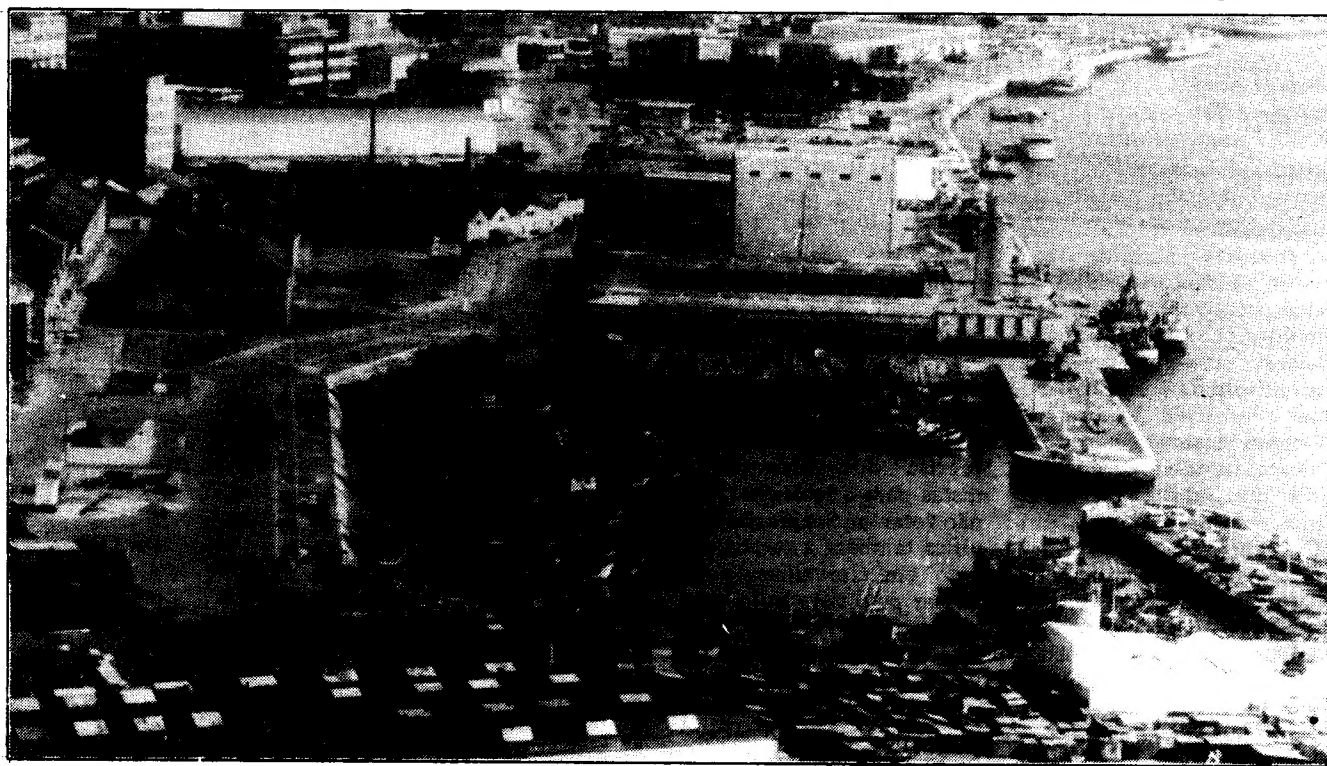
Nem tudo são rosas na península de Setúbal, apesar dos sucessivos anúncios de investimentos de milhões de contos e da criação de milhares de postos de trabalho, correspondentes a centenas de projectos aprovados no âmbito da operação integrada de desenvolvimento (OIDPS). Por outras palavras, a mudança em curso na região sadina, que lhe permitiu dizer adeus à crise dos anos 70 e 80, não é sinónimo de futuro despreocupado.

Isto mesmo ficou patente durante o seminário "Setúbal: uma estratégia para a integração no espaço europeu" promovido pelo "Semanário Económico", que identificou a formação, as infraestruturas, a investigação e desenvolvimento (I&D), a qualidade da gestão empresarial e a disponibilização de meios financeiros como os principais problemas.

Porém, mais do que pelo levantamento destas dificuldades, o encontro ficou marcado pela contradição entre o discurso optimista do Governo, representado pelo presidente da Comissão Executiva da OID, Rui Mil-Homens, e os discursos preocupados dos diversos agentes locais.

Formação

Fidélido Guerreiro, pre-



O porto de Setúbal não está a apto a corresponder ao desenvolvimento da região

sidente da associação empresarial local (NERSET), Montalvão e Silva, responsável do Instituto Politécnico de Setúbal, e Lemos Vieira, responsável pelo pelouro da formação no NERSET, foram unânimes no diagnóstico: a operação de desenvolvimento em curso não terá êxito se não for feito um forte investimento na formação.

Sem esta, disseram, «torna-

se tudo muito mais difícil». Nem a proximidade de Lisboa os alivia.

A estratégia apontada assenta em dois pilares: investimento e envolvimento do sector produtivo.

Só que (também) este não se mostra muito disposto a assumir a sua quota-parte: «São poucas as empresas que aceitam enviar técnicos qualificados para ensinar na

escola», acusou Montalvão e Silva. Talvez que isto seja causa/consequência da recomendação do representante da Associação Portuguesa para a Qualidade: «Não basta investir na tecnologia e no tratamento da informação. Também é preciso investir na gestão».

Leopoldo Guimarães, responsável da Uninova e da Faculdade de Ciências e

Tecnologia, reconheceu, por sua parte, que as saídas dos cursos universitários estão cada vez mais desadaptadas da realidade e que a ligação Universidade-empresa não é famosa.

A estas constatações acresce ainda, segundo Lemos Vieira, a desorientação perfeita em que se processam as actividades de formação: «Tudo faz formação: o NERSET, o

CEISET (Centro de Inovação Empresarial), as escolas, os sindicatos, o Instituto de Emprego... Cada um forma para seu lado. Falta um polo aglutinador».

Não é assim de estranhar que se passem situações como a que referiu: «O NERSET chega a fechar cursos por falta de formandos».

Transportes

Cantante de Matos, da SAPEC Imobiliária, apontou, por seu turno, diversos estrangulamentos nos transportes, que inibem o aproveitamento das características geográficas da península de Setúbal: periferia europeia, ponto de passagem e porta atlântica natural do Centro-Sul da península ibérica.

Segundo disse, sem a resolução dos problemas existentes as melhorias económicas alcançadas entretanto podem acabar e a situação regredir, o que anularia os esforços de sindicatos, empresas, autoridades e trabalhadores, que têm sido a base da evolução positiva.

A dragagem do porto de Setúbal, que o habilite a receber graneleiros de 60 mil toneladas, a criação de ligações rodo-ferroviárias com o Centro-Sul ibérico e de um aeroporto industrial foram as soluções sugeridas.

Rui Nunes

COTAÇÕES

Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	47\$10	53\$10
ALEMANHA (marco)	88\$15	89\$35
ÁUSTRIA (xelim)	12\$45	12\$65
BÉLGICA (franco)	4\$095	4\$345
BRASIL (cruzeiro)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	110\$50	112\$90
(notas de 5 a 1000)	110\$90	113\$40
DINAMARCA (coroa)	22\$95	23\$35
ESPAÑA	18\$35	18\$75
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	128\$20	131\$70
(notas de 5 a 1000)	128\$70	132\$20
FINLÂNDIA (marka)	36\$65	37\$25
FRANÇA (franco)	26\$10	26\$80
HOLANDA (florim)	78\$15	79\$30
IRLÂNDIA (libra)	23\$50	237\$50
ITÁLIA (lira)	\$106	\$121
JAPÃO (lêne)	\$964	\$919
NORUEGA (coroa)	22\$45	22\$95
REINO UNIDO (libra)	25\$890	25\$940
SUÉCIA (coroa)	23\$40	23\$90
SUIÇA (franco)	104\$35	105\$85
VENEZUELA (bolívar)	2\$413	3\$213

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Falta de capitais alimenta agiotas

Está a florescer um mercado financeiro paralelo, com juros mensais entre os seis e os 10 por cento, graças à falta de meios financeiros para satisfazer as necessidades das pequenas e médias empresas, denunciou um participante no seminário. Da impossibilidade de obter financiamentos junto da banca resultou que alguns projectos aprovados no âmbito da operação integrada de desenvolvimento da península de Setúbal ainda não foram concretizados.

Na origem da "secagem" do mercado financeiro oficial, disse, estarão as estratégias dos grupos económicos para as privatizações, que os levam ainda a diferir pagamentos às PME. Por outras palavras, o dinheiro que vai para o Estado, com a venda das empresas públicas, está a comprometer a actividade daquelas, um bocadinho como a história do cobertor curto: quando se tapa a cabeça, destapam os pés e quando se tapam estes, destapa-se aquela.

Impossibilitadas de recorrer à banca (por esta estar "vazia") e com recebimentos atrasados, as PME ficam perante o dilema de recorrer ao mercado paralelo ou comprometer as suas intenções. Só que no mercado paralelo os clientes são seleccionados...

Decorre daqui que só as empresas com capacidade financeira autónoma iniciam os seus projectos.

Esta questão do acesso ao crédito evidencia bem a desvantagem em que se encontram as empresas nacionais face às estrangeiras e o factor de selecção que é a (in)capacidade de financiamento no exterior.

Pode exemplificar-se a situação com a descrição de um caso típico de utilização das verbas do Sistema de Incentivos de Base Regional (SIBR).

Aqui, uma empresa com o seu projecto aprovado tem de "entrar", no financiamento deste, com 25 por cento de capitais próprios e obterá de 30 a 50 por cento a fundo perdido mais 45 a 25 por cento de financiamentos bancários a médio e longo prazo. Terá ainda de recorrer a outro empréstimo bancário, na ordem dos cerca de 25 por cento, para obter fundos de curto prazo, que lhe permitam compensar atrasos na disponibilização das verbas a fundo perdido.

A odisseia começa (e muitas vezes acaba) na obtenção do empréstimo bancário de médio e longo prazo. Não o consegue. O projecto fica como estava. Em projecto.

Se, apesar de tudo, ultrapassa as dificuldades e obtém os recursos financeiros pretendidos, depara-se com outro obstáculo: os juros à cabeça, que rondam os 40 por cento. E a desvalorização cambial está reduzida a praticamente nada,



Fidélido Guerreiro:
«A grande dificuldade é a formação»

comparada com o passado recente.

Colóquio APEC

A discussão da crise de crescimento da península sadina prosseguirá nos próximos dias 27 e 28, quando tiver lugar o "Encontro sobre recuperação de áreas em declínio - o caso sucesso de Setúbal", organizado pela Associação Portuguesa de Economistas.

Analisar-se-á, então, a ascensão e queda do modelo industrial dos anos 60 e as hipotéticas vias de passagem a um crescimento auto-sustentado.

R.N.

INTERNACIONAL

O futuro de uma Europa baseada na cooperação

Cimeira da CSCE iniciou hoje a definição da nova arquitectura europeia, tornada possível pelas mudanças a Leste

Os chefes de Estado e de Governo de 34 países da Europa e da América do Norte encontram-se hoje em Paris para enterrar solenemente 40 anos de guerra fria e esboçar os planos da nova arquitectura de uma Europa liberta de divisões. A crise do Golfo deverá, ao que se supõe, dominar as entrevistas bilaterais à margem da cimeira, sobretudo após o anúncio do Iraque de que libertaria todos os reféns estrangeiros a partir do Natal e durante um período de três meses.

As conversações começaram já ontem. O Presidente George Bush juntou com o seu chefe de Estado francês, François Mitterrand, enquanto o chefe da diplomacia norte-americana, James Baker, teve vários encontros com os seus homólogos, entre os quais Eduard Shevardnadze.

Onze Presidentes e 27 chefes de Governo participam neste encontro histórico da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), que termina na quarta-feira, com a adopção de um documento final.

A cimeira hoje iniciada deverá desenhar os contornos da nova Europa, bem como as linhas mestras no domínio da segurança, dos direitos humanos, da coop-



Mikhail e Raulo Gorbachev, à chegada ao aeroporto de Orly, em Paris, para participar na cimeira da CSCE que desde hoje decorre na capital francesa

eração económica, da cultura e do desenvolvimento.

Antes mesmo da sua abertura no centro de conferências da Avenida Kléber, os dirigentes da Aliança Atlântica e do Pacto de Varsóvia assinaram esta manhã um tratado de desarmamento, sem equívoca-lente pelo número de países envolvidos e pela amplitude das reduções de armamentos pesados, que vai impor na Europa, do Atlântico aos Urais.

Ontem, os mesmos dirigentes assinaram igualmente um documento em que declaram que, a partir de agora, já não são adversários. A cimeira

abriu às 11 horas, com uma alocução do Presidente François Mitterrand, a que se seguiu uma intervenção do secretário-geral das Nações Unidas, Perez de Cuellar.

Os Presidentes norte-americanos e soviético, George Bush e Mikhail Gorbachev, mantêm esta noite um encontro à margem da cimeira, segundo a Casa Branca. A entrevista, que deverá ocupar-se do Golfo e do desarmamento, tinha sido inicialmente prevista para terça-feira.

NATO

tem que mudar

A conferência «não pode

substituir a Aliança Atlântica», afirma o secretário-geral da NATO, Manfred Woerner, numa entrevista publicada hoje pelo jornal francês «Le Figaro».

A NATO deve continuar a existir para «equilibrar a potência soviética» e «prevenir os riscos ligados à instabilidade que a URSS atravessa».

«É uma garantia de segurança» para os países de Leste que acabam de ser libertados da tutela soviética», disse ainda Woerner, sublinhando que «os membros do Pacto de Varsóvia esperam que a NATO apoie o sistema pan-europeu de cooperação que está em marcha».

Mas a NATO deve adoptar agora uma «estratégia de reconstituição», substituindo no plano militar as grandes unidades por outras pequenas, de grande flexibilidade e mobilidade, com forças multinacionais. Quanto ao arsenal nuclear, é preciso «redefinir o papel», afirmou Woerner na entrevista.

O secretário-geral da NATO é favorável à criação de uma estrutura europeia no seio da Aliança e defende que a inclusão da França na organização militar reestruturada.

Redacção «DL»/AFP

Do Atlântico aos Urais A maior redução de armamentos de sempre

O Tratado de Desarmamento Convencional (CFE) foi hoje assinado numa cerimónia realizada no Palácio do Eliseu, em Paris, a que assistiram os chefes de Estado e de Governo dos 34 países participantes na conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa.

Vinte e dois chefes de Estado dos países membros da NATO e do Pacto de Varsóvia assinaram o tratado, que «abre uma nova época em que o papel dos estados prevalecerá sobre o das alianças», afirmou o Presidente francês, François Mitterrand.

Estabelecendo limites equivalentes para ambos os blocos no número de tanques, veículos blindados de transporte de pessoal, peças de artilharia, aviões de combate e helicópteros de ataque, e diminuindo a concentração destas forças na Europa central, o acordo prevê ainda inéditos mecanismos de verificação, designadamente inspecções de áreas e bases militares.

Portugal é o único país da NATO que, em consequência do tratado de redução de armas convencionais na Europa, aumentará o número dos seus equipamentos militares operacionais, depois de substituir grande parte do material obsoleto.

De acordo com as listas de distribuição de material militar acordadas em Viena, na sequência do tratado que estabelece novos tectos de armamentos e equipamentos para os estados membros de ambos os blocos, os limites atribuídos a Portugal prevêem 86 tanques de combate, 284 peças de artilharia e 143 veículos blindados de transporte de pessoal.

Uma parte significativa do material que Portugal receberá não está a ser, ou nunca foi, utilizada e encontra-se guardada em armazéns de países aliados, sendo agora necessário colocar os equipamentos a funcionar e transportá-los, o que implica uma participação directa ou indirecta nos custos destas operações.

Após a assinatura do tratado, os representantes dos países da NATO e do Pacto de Varsóvia vão negociar as reduções dos seus efectivos militares no continente europeu no quadro da realização da cimeira dos 34 estados europeus, dos EUA e do Canadá.

Itália

Substantial ajuda económica à Perestroika

O Presidente soviético, Mikhail Gorbachov, apesar do crescente descontentamento que enfrenta no interior do seu país, não deixa de surpreender o mundo e de marcar pontos a favor da sua política, recebendo consideráveis provas de confiança dos Governos ocidentais.

Ontem, numa visita relâmpago de oito horas efectuada em Itália, na véspera da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa (CSCE), em Paris, o prémio Nobel da Paz para 1990 assinou três importantes acordos nas áreas económica, política e social com a Itália, foi recebido pelo Papa João Paulo II e ainda recebeu um cheque no valor de cerca de 54 mil contos do prémio Fiuggi, que lhe foi atribuído pela sua «actividade excepcional em prol dos Direitos Humanos». Gorbachev, que se encontrou com os principais políticos italianos, assinou um acordo económico no qual a Itália se compromete a oferecer uma ajuda à URSS no valor de sete mil milhões de liras (cerca de 750 mil contos). O acordo prevê a criação de linhas de crédito às exportações no valor de cerca de 104 milhões de contos, entre 1991 e 1994.

O Presidente soviético assinou igualmente um Tratado vintenal de amizade e cooperação bilateral e ainda um acordo que define a colaboração entre Itália e URSS em matéria de política de protecção do meio ambiente.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

A solução de Gorbachev

Governo de concórdia nacional ou comité anticrise

De Moscovo, especial para o «DL»

Após uma discussão agitada no Parlamento e quando, no sábado, uma ruptura parecia iminente, Mikhail Gorbachev, chamado para apresentar um relatório sobre o estado da nação, mais uma vez inverteu a situação, mudando-a a seu favor, no final da sessão as propostas do presidente eram aprovadas por 316 deputados, abstiveram-se 31 e contra a proposta estiveram apenas 19.

Dizia-me recentemente, Gueorgui Chakhnazarov, ajudante do Presidente, que Mikhail Gorbachev tem a admirável capacidade de não perder a confiança em si. Talvez por isto, talvez pelo seu desejo intenso de transformar a sociedade sem se deixar arrastar por impaciências precipitadas que poderiam ser fatais, Gorbachev desarma e consegue fazer prevalecer as suas posições mesmo quando os profetas da desgraça lhe vaticinam a queda, e apesar de uma popularidade que, a decrescer, lhe não é agora muito favorável.

Para vencer esta crise, que todos apontam como a mais grave nos cinco anos e meio de perestroika, Gorbachev tinha duas saídas, aliás as de sempre, a primeira era deixar-se «amparar» nas estruturas retrógradas ainda fortes e estabelecer uma ordem rígida, a suspensão temporária das actividades dos partidos políticos foi, aliás, calorosamente

debatida no Parlamento.

A outra alternativa, bem mais na linha da política de Gorbachev que assenta na transformação gradual das estruturas, tinha como fundo o seu encontro recente com Boris Yeltsin e contempla a aceleração da passagem às relações de mercado.

Foi a solução escolhida por Gorbachev nas suas propostas de reorganização do poder central que, ao que tudo indica, irão provocar grandes mudanças no Governo e talvez a resignação de Nikolai Rizhkov, considerado um conservador moderado. Fala-se de um Governo de concórdia nacional ou de um comité extraordinário anticrise.

A guerra das Repúblicas

Uma das tónicas de Mikhail Gorbachev na sua breve intervenção no Parlamento foi a necessidade de preservar a união das Repúblicas soviéticas, «sou contra a separação», disse.

A preocupação do líder é compreensível num momento em que se encontra quase concluindo o novo tratado da união e já as Repúblicas bálticas e a Geórgia declararam que o não vão assinar.

Muitos dos problemas que avassalam a União Soviética, incluindo os de abastecimento, passam, às vezes mais do que pela falta, pela desorganização do mercado, das relações entre as regiões e dos transportes.

Consciente disso, o Presidente propôs, no

âmbito da reorganização do sistema do poder, transformar o conselho da Federação num centro coordenador dos esforços de Moscovo e de todas as Repúblicas.

As decisões que dizem respeito à união só serão tomadas depois de discutidas no Conselho da Federação e pode ser criado, como organismo de trabalho, um comité inter-republicano económico onde estarão os melhores especialistas do país. Neste caso, o presidente está disposto a dissolver o conselho presidencial que será substituído pelo conselho de segurança; Gorbachev propõe-se ainda criar um sistema de representantes do presidente nas diversas regiões.

Para tentar minorar os problemas económicos e de abastecimento, Mikhail Gorbachev incluiu no seu projecto medidas imediatas como o controlo rigoroso dos alimentos.

Acalmados os ânimos com esta intervenção do presidente, os soviéticos vão, naturalmente, continuar a viver, com os ânimos menos excitados, na crise que os atinge e se não resolve, por melhores que sejam as esperanças, de um dia para o outro, mas Mikhail Gorbachev, esse não vai poder, provavelmente, sentir a «tranquilidade», é de esperar que o tratado da união e as relações interétnicas venham levantar mais problemas e a exigir outra manifestação da sua «mestria política».

Guennadi Petrov

INTERNACIONAL

B R E V E S

Rocard enfrenta hoje moção de censura

O futuro político do primeiro-ministro francês, Michel Rocard, é decidido hoje no Parlamento, onde enfrenta uma moção de censura desencadeada pela sua intenção de aumentar os impostos. Os três principais partidos da direita francesa (RPR, UDF e UDC) com representação parlamentar, apresentaram na sexta-feira a moção de censura contra o Governo socialista, podendo teoricamente fazê-lo cair. Rocard pretende modificar o sistema de financiamento da segurança social, mediante a contribuição social generalizada (CSG), um novo imposto apresentado sob a forma de cotização. De referir que, sem maioria na Assembleia, só com a abstenção dos comunistas, conseguiram até agora levar de vencida as moções de censura apresentadas pela direita.

Thatcher contra-ataca rival Heseltine

Margaret Thatcher define a sua visão da Europa como «aberta e livre», num artigo hoje publicado no «Financial Times», em que enumera as suas opiniões sobre o problema central na eleição para a liderança do Partido Conservador. Thatcher declara que «o futuro da Grã-Bretanha está na CE, não nas suas orlas, mas no centro, com uma influência poderosa no seu futuro desenvolvimento». Na sua campanha, Thatcher, numa entrevista ao jornal londrino «The Times», acusa Michael Heseltine de arrastar consigo o país para políticas «trabalhistas» e destruir tudo o que exigiu uma grande luta para conseguir. Segundo os analistas políticos, o resultado da eleição de terça-feira continua a ser incerto. A chave encontra-se em 50 deputados que continuam indecisos. As suas abstenções ou mudança de apoio no último minuto poderiam afectar dramaticamente o resultado. Thatcher sugeriu que se o partido a afastasse, seria um fim cruel depois de ter vencido três eleições gerais. Acrescentou que havia ainda muito «trabalho não acabado» por fazer e que ela tencionava acabá-lo.

Segundo príncipe saudita

Saddam ganha tempo e o mundo impacienta-se

«Saddam Hussein ganha tempo e o mundo não pode esperar», disse hoje, numa entrevista ao diário holandês Algemeen Dagblad o príncipe saudita Abdallah bem Turki al Saud.

Segundo o príncipe Abdallah, presidente de um organismo encarregue da promoção da indústria petroquímica e dos investimentos estrangeiros, «até ao momento ainda não houve qualquer sinal indicativo de uma solução pacífica».

Saddam Hussein «é um criminoso profissional que não compreende qual a linguagem da força», acrescentou.

Interrogado sobre a hipótese de haver modificações no quadro de um acordo de paz, o príncipe Abdallah disse que o dirigente iraquiano «não deverá receber qualquer recompensa pela sua agressão. Se nós a aceitarmos significa que voltamos às leis da selva, no tempo da Idade Média».

Esta posição do príncipe Abdallah torna mais provável a hipótese de um conflito



Hussein «ganha tempo» com a crise e tem uma «atitude cínica» em relação aos reféns

militar que, segundo o estudo do Centro Norte-americano para a Divulgação de Informação de Defesa, custava aos Estados Unidos 65 mil mortos, 230 mil feridos e 50 mil milhões de dólares. Em troca venceriam o Iraque no prazo de três meses.

Este estudo foi elaborado na perspectiva de que o objectivo de Washington é destruir o Governo iraquiano e o seu poderio militar.

Com o último reforço a presença militar norte-americana no Golfo, o número de efectivos totalizará, em breve, mais de 430 mil homens.

O secretário da Defesa, Dick Cheney, afirmou que os efec-

tivos militares americanos na região excederão o número de tropas dos EUA enviadas para o continente europeu durante a guerra fria, quando inimigo em causa era uma superpotência nuclear.

Cheney referiu que cerca de um terço de todos os efectivos militares do mundo estará estacionado no deserto saudita.

Libertação dos reféns é uma atitude «cínica»

Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha classificaram de «cínica» a decisão iraquiana de libertação progressiva dos reféns a partir do Natal.

O Presidente iraquiano

«deverá libertar todos os reféns já!», afirmou ontem o porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater.

A decisão anunciada pelo Iraque de libertar, progressivamente, os reféns, a partir do Natal, constitui uma nova «tentativa de utilizá-los como fins propagandistas e de criar a divisão da coligação internacional», acrescentou o porta-voz.

Por seu turno, o secretário de Estado James Baker disse que o gesto iraquiano é «uma manipulação cínica da vida de pessoas inocentes».

Entretanto, a Organização de Libertação da Palestina (OLP) saudou a promessa iraquiana relativamente à libertação de todos os reféns ocidentais e disse que era «uma grande passo» para a criação de um «clima propício a negociações entre todas as partes envolvidas na crise do Golfo». Num comunicado divulgado em Nicosia, a OLP afirmou que se «congratula com esta atitude humanitária», do Iraque.

Segundo Saddam Hussein todos os reféns serão libertados em três fases, a partir de 25 de Dezembro, num processo que deverá terminar em 25 de Março. A OLP disse que esta decisão de Bagdad é uma «oportunidade única».

Redacção «DL»/Lusa/AFP

**STAL SUSPENDE GREVE DIA 20****PARA REANALISAR A SITUAÇÃO NEGOCIAL REDEFINIR OBJECTIVOS RETOMAR A LUTA**

O Plenário de Sindicatos da Plataforma Reivindicativa para a Administração Pública reuniu em Lisboa a 16 de Novembro de 90, analisou a nova Proposta Negocial apresentada pela Secretária de Estado do Orçamento à Comissão Negociadora, tendo decidido suspender a greve marcada para 20 de Novembro, marcar para esta data um Plenário Nacional de Dirigentes e Delegados dos Sindicatos da Plataforma Reivindicativa a realizar às 14h 30m, no Teatro Vilarett (Lisboa) mantendo formas de Luta já programadas.

Lisboa, 16 de Novembro de 1990.

A Direcção Nacional
F. Santos Brás

Conversações MPLA/UNITA

Desconfiança mútua dificulta acordo

A quinta ronda de conversações de paz entre representantes do Governo angolano e da UNITA prossegue hoje nas instalações da Escola de Hotelaria do Estoril. Rodeadas do maior sigilo, as intensas conversações, que desde sexta-feira decorrem sob os auspícios do Governo português, continuam contudo marcadas pela falta de consenso sobre as duas questões principais abordadas nesta quinta ronda: a assinatura de cessar-fogo e o reconhecimento político da UNITA. Luanda mantém-se inflexível, exigindo a assinatura do cessar-fogo imediato, seguido da criação de um exército nacional único que garanta no futuro a legalidade democrática em Angola. Para o Governo angolano, que já anunciou a implantação do multipartidarismo no país para o primeiro trimestre de 1991, o cessar-fogo e a criação de um exército nacional são considerados pontos fulcrais das negociações e visam assegurar que «não se repitam os confrontos de 1975», por altura da independência.

A UNITA, pelo contrário,

põe o seu reconhecimento formal como partido interno de oposição, como condição para a desmilitarização do seu movimento. «Para nós, a criação do exército nacional será o último ponto a discutir», afirmou à Lusa um porta-voz do movimento rebelde, o general Norberto de Castro. É evidente que apesar da capacidade de discussão e da urgência imposta pelo agravar das condições do país, o elemento que subsiste e condiciona o acordo entre Luanda e a UNITA é ainda a recíproca desconfiança. Nada indica que destas conversações saiam decisões espectaculares, contudo a generalidade dos observadores é unânime em considerar que se registam progressos e um crescer gradual de confiança e capacidade de discutir. Optimista, o porta-voz da UNITA, general Norberto de Castro afirmou assim que, apesar das divergências, esta ronda de conversações está a decorrer «relativamente bem», não existindo razões para pessimismos sobre os seus resultados finais.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Atentado no Chile

Um morto e cinco diplomatas feridos

Um homem de negócios canadiano, que jogava numa equipa de Basebol amador, morreu sábado e mais cinco pessoas ficaram feridas num atentado à bomba ocorrido no Estádio Nacional de Santiago do Chile. James Tomas, o homem de negócios canadiano de 36 que trabalhava na exportação de marisco, teve morte imediata quando uma bomba, colocada num saco de Basebol, explodiu no recinto desportivo onde decorria um jogo particular entre representantes da Câmara de Comércio americano-chilena e uma equipa local. Entre os feridos contam-se Francisco Joseph, Pierre Alarie e Frank Arseneault, todos funcionários da embaixada do Canadá atingidos por estilhaços nas pernas e nos braços. Feridos também ficaram Thomas Collins e Jeffrey Tikkanr, dois funcionários da legação diplomática norte-americana em Santiago do Chile. O atentado foi reivindicado poucas horas mais tarde por um indivíduo que disse falar em nome da Organização de Libertação da Palestina (OLP) num telefonema para um emissor de rádio local, anunciando possíveis outros ataques por ocasião da visita do Presidente norte-americano, George Bush, ao Chile, prevista para Dezembro.

QUOTIDIANO

Só quadros técnicos fazem greve amanhã

A paralisação da Função Pública convocada pela CGTP foi suspensa

As reacções das estruturas sindicais à nova proposta do Governo para a Função Pública - 13,5 por cento na tabela salarial e oito anos para o descongelamento de um escalão - são díspares entre si. Enquanto o Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado (STE-UGT) mantém a greve agendada para amanhã, a comissão negociadora da Plataforma Reivindicativa (CGTP e independentes) suspendeu a sua. E a Fesap (também da UGT) afirma, em comunicado, que há «acordo à vista».

O STE mantém a greve agendada para amanhã, estando no entanto a aguardar a marcação de uma reunião com a secretária de Estado do Orçamento ainda para hoje. Segundo afirmou ao DL o seu presidente, Bettencourt Picanço, «a proposta do Governo é insatisfatória». Para o sindicato o que está em causa não é tanto o valor apresentado para o aumento na tabela salarial, mas «essencialmente a proposta para descongelamento de escalões e a recuperação do poder de compra das pensões».

Caso se efectue ainda hoje uma reunião com a secretária de Estado, o STE só desconvocará a paralisação de amanhã «se o Governo tiver uma posição diferente, mas não nos contentamos só com promessas, visto que as dos dois últimos anos não foram cumpridas», afirmou o seu presidente.

Posição bastante diferente tem a outra estrutura da UGT, a Federação da Administração Pública (Fesap), para quem a última proposta do Governo abre caminho para a assinatura de um acordo.

Segundo afirmou ao DL Nobre dos Santos, aquela estrutura pretendia «que o Governo cumprisse no mínimo o que acordou na Concertação Social. Os 13,5 por cento estabelecidos no CPCS referem-

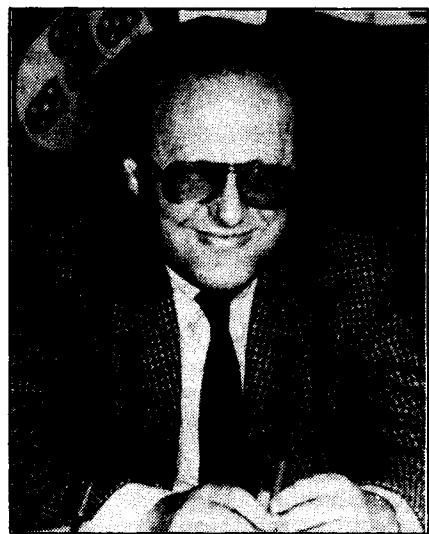
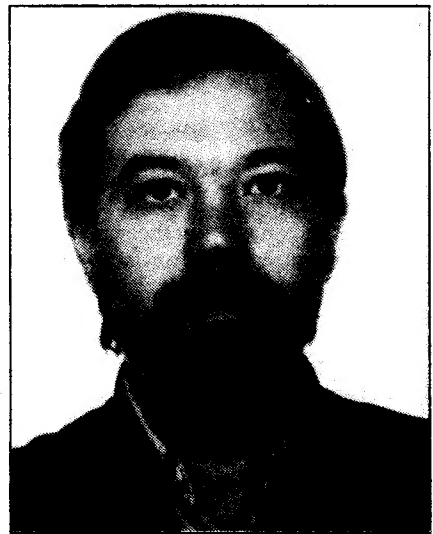
se a aumentos médios e não à tabela salarial. A proposta para a Função Pública é de 13,5 nos salários, o que em termos de massa salarial representa mais».

Sendo a Administração Pública o primeiro sector a negociar após a assinatura do Acordo Económico e Social, os valores em cima da mesa são considerados pela Fesap uma vitória. Em causa estão ainda questões como o descongelamento de escalões para 1991, no âmbito da aplicação do novo sistema retributivo da Função Pública. O Governo propõe oito anos para o descongelamento de um, e 18 anos para dois. Esta é uma das matérias que a Fesap quer ainda negociar com o Governo, na tentativa de encurtar aqueles prazos. Com a greve prevista para amanhã suspensa, mas sem se dar por satisfeita está a Comissão Negociadora da Plataforma Reivindicativa para a Adminis-

tração Pública. «Este recuo do Governo, apesar de não satisfazer o cerne das nossas reivindicações, não pode, no entanto, ser visto senão como uma primeira conquista da luta dos trabalhadores da Administração Pública», afirma em comunicado a comissão, composta por sindicatos da CGTP e independentes.

Segundo afirmou ao DL Humberto Costa, da Federação da Função Pública, «a suspensão da greve prende-se com o facto de considerarmos a proposta do Governo como uma base aceitável para a negociação. Mas ela não assinaremos o acordo com os valores lá expressos».

A Plataforma Reivindicativa da Administração Pública mantém a sua reivindicação de aumentos salariais de 17,5 por cento para 1991 e exige que o Governo encurte o prazo que propõe para o descongelamento dos escalões.



Carlos Mamede (CGTP) e João Proença (UGT): as negociações da Função Pública passam por eles

Arranque em 1993

Proprietários de farmácias produzem «genéricos»

No segundo trimestre de 1993, Portugal começará a produzir os primeiros medicamentos genéricos através de uma empresa especialmente criada para esse efeito e que conta com 50% de capital português, assegurado pela Associação Nacional de Farmácias (ANAF).

«Farmindústria S.A.» é o nome desta nova sociedade do sector farmacêutico, criada com a empresa alemã Stada - que garante o restante capital - cujo laboratório de produção e investigação de genéricos operará em Palmela.

A criação da «Farmindústria S.A.» foi assegurada sábado, em assembleia geral da ANAF, na qual foi aprovado, por 73% de votos a favor, o orçamento da associação para 1991.

1 milhão e 700 mil contos é o montante global deste orçamento e, de acordo com o dr. João Silveira, membro da direcção da ANAF, cerca de 60 por cento são destinados a investimentos.

O reforço do controlo de medicamentos, de certos alimentos de origem pecuária, a construção de uma nova sede para a associação e o seu reforço financeiro, e o aprofundamento da participação da farmacêutica nacional em Bruxelas foram outros dos pontos aprovados na assembleia da ANAF, a «mais participada da história desta associação».

Sublinhando a «total oposição» que a produção dos «genéricos» tem das multinacionais do sector, João Silveira defendeu a produção daquele tipo de medicamentos - prática comum em diversos países da Europa - não só ao nível dos benefícios de produção/custo que trazem para laboratórios, utentes e Estado, bem como naquilo que designou como «intervenção e recuperação da tradição das farmácias na produção de medicamentos».

Recorde-se que, de acordo com as estimativas existentes, daqui por três anos, cerca de 30% dos medicamentos do mercado europeu serão «genéricos» e, tal como sustentou João Silveira, num país em que «praticamente não existe investigação e indústria farmacêutica de raiz», a produção de genéricos poderá contribuir para «alterar de vez esta situação, com consequentes benefícios nacionais».

Nevoeiro condiciona tráfego aéreo e terrestre

O nevoeiro assolou, esta manhã, a região de Lisboa e provocou os seus estragos. O aeroporto da Portela foi obrigado a condicionar o tráfego aéreo cerca das 9 horas, prevendo-se que a situação normalize ao princípio da tarde. Contactadas pelo «DL», as Brigadas de Trânsito da GNR e da PSP também informaram que o trânsito na Marginal, na estrada de Sintra e na Ponte 25 de Abril, no sentido Sul-Norte, estava a decorrer com grande intensidade e precaução e que os toques de chapa aumentaram.

Ainda esta manhã, um voo de longo curso, proveniente de Toronto e com destino a Lisboa, teve de seguir para Faro, devido ao nevoeiro intenso. Este avião, cuja aterragem estava prevista para às 8 e 45, foi o único que teve de alterar o seu destino. O aeroporto da Portela optou

depois por encerrar às aterragens e a partir das 10 horas só se faziam descolagens. Uma fonte do aeroporto explicou este facto dizendo ao «DL» que não era possível fazerem-se aterragens com cerca de 150 metros de visibilidade.

A GNR e a PSP afirmaram também que os acidentes aumentaram esta manhã devido às condições atmosféricas. A visibilidade era da ordem dos 40 metros, o que provocou engarrafamentos nos acessos à cidade e já dentro desta, nomeadamente na zona do Marquês de Pombal e na Rotunda do Aeroporto.

Informações recolhidas, à hora do fecho desta edição, junto do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica indicam que o nevoeiro só se começaria a dissipar ao fim da manhã, prevendo-se bom tempo para a tarde.

B R E V E S

Camião cisterna de leite colhido por comboio

Uma camião cisterna transportador de leite foi colhido, na manhã de hoje, cerca das 10 horas, por uma composição ferroviária de passageiros, numa passagem de nível sem guarda, entre Pinhal Novo e Moita, informou um porta-voz da CP. Segundo a mesma fonte, não se registaram danos pessoais. A circulação foi interrompida na via férrea. Apesar de não dispor de guarda, a referida passagem está equipada com sinalização acústica e luminosa, destacou ainda o porta-voz da CP. Entretanto, a empresa anunciou que deverão ser conhecidos quarta-feira os primeiros resultados do inquérito mandado instaurar para investigar o acidente registado às 10.10 horas de sábado na linha de Vendas Novas e que causou uma morte (Manuel Custódio Pirralha) e 20 feridos. O desastre envolveu apenas pessoal da CP. Segundo um porta-voz da empresa, não teria sido cumprida uma regra de segurança nas vias de linha única. O acidente resultou do choque entre uma automotora, que seguia no sentido Vendas Novas-Entroncamento com pessoal de passagem de nível e factores e duas pequenas viaturas de transporte de pessoal de vias e obras. A circulação ferroviária foi reaberta às 20 horas de sábado.

Inventos portugueses expostos em Lisboa

A maior exposição de inventos portugueses é inaugurada amanhã na Galeria 2002, do centro comercial da Amoreiras, em Lisboa, anunciou a Associação Portuguesa da Criatividade. Ali vão estar, entre outros, os inventos e inventores que estiveram presentes no Salão Mundial da Invenção, da Pesquisa e da Inovação Industrial de Bruxelas - Eureka 90, onde conquistaram quatro medalhas de ouro, duas de prata, três de bronze e um prémio especial. Seis dos inventos seleccionados contaram com o patrocínio da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, um da Câmara Municipal da Amadora e os restantes foram financiados pelos próprios inventores.

Jornada Pastoral dos Ciganos alerta autoridades

A necessidade de alertar as autoridades civis e religiosas para os problemas da falta de habitação e do consumo de droga foi a principal resolução saída dos trabalhos das Jornadas da Pastoral dos Ciganos que, ontem, encerraram em Fátima. A toxicodependência e a carência habitacional foram os temas centrais dos trabalhos das jornadas que reuniram em Fátima, durante três dias, 13 secretários diocesanos da Pastoral dos Ciganos. A irmã Zulmira Cunha, secretária da Pastoral, disse que uma das resoluções aponta para a necessidade de um trabalho conjunto que garanta aos ciganos os direitos constitucionais à habitação própria.

Ministro anuncia alterações na formação dos médicos

A partir de Janeiro, haverá alterações profundas em relação à formação de jovens médicos, anunciou o ministro da Saúde, Arlindo Carvalho, no final de uma reunião de trabalho da Associação Nacional de Jovens Médicos. No encontro, realizado sexta-feira, foram debatidas as carreiras médicas e as suas linhas de orientação. O governante adiantou que está a ser preparada legislação que extinguirá o exame de saída, admite o voluntariado neste tipo de exames e introduzirá o regime de avaliação contínua ao longo dos internatos.

Condutor morre em despiste próximo do Ralis

O condutor de um automóvel ligeiro morreu na madrugada de hoje, na Avenida Cidade do Porto, próximo do Quartel de Artilharia Ligeira (Ralis), em Lisboa, quando a viatura se despistou e, depois de embater num candeeiro, capotou. A vítima, José Carlos Henriques Antunes, de 20 anos, era o único ocupante do veículo. Segundo a Divisão de Trânsito da PSP, o sinistro terá ficado a dever-se a excesso de velocidade. Aquele departamento policial registou, durante o fim de semana, na cidade de Lisboa, 87 acidentes de que resultaram um morto e 38 feridos, dos quais 13 em estado grave.

Universidades a passo de caracol com financiamentos em casa

«Financiar é preciso!» foi o lema do 1º Encontro Nacional de Docentes e Investigadores universitários, promovido pela Fenprof

Dois dias de trabalhos para reflectir sobre as questões do financiamento e da avaliação das universidades e dos modelos a seguir na alteração aos estatutos da carreira docentes e de investigação do ensino superior levaram ao Estoril, sexta-feira e sábado, algumas dezenas de conceituados universitários da nossa praça, naquele que, promovido pela Fenprof - Federação Nacional de Professores -, se assumiu como o primeiro encontro nacional de profissionais do sector.

Pautado pela crítica aos «financiamentos altamente deficitários» que são consagrados aos estabelecimentos públicos do ensino superior, o encontro, mais que propriamente conclusivo, serviu sobretudo para «fazer convergir opiniões» dos diversos sectores da comunidade universitária, possibilitando, deste modo, «a clarificação ou definição de orientações» com vista a «uma maior eficácia» da actividade da Fenprof.

Sentida foi, ao longo das várias intervenções, a «encruzilhada» em que vive a Universidade portuguesa, entre a autonomia legal que tem e a falta de meios financeiros com que se debate.

Detalhou-se o medo de que a «independência» das instituições universitárias esteja em «risco», à semelhança do que, há alguns meses atrás, o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) referiu - a propósito das dotações orçamentais previstas para o sector para 1991 - já impera entre os docentes.

Por um lado, afirmam, o grosso dos financiamentos das universidades continua a provir de «contratos-programa», situação que não só reduz o sentido da «autonomia universitária», como coloca dificuldades «de facto», no que respeita à contratação

de pessoal docente e, consequentemente, ao normal funcionamento das instituições.

Por outro, a dependência, face a esta situação, que a Universidade começa a ter relativamente ao mundo empresarial e à necessidade de recorrer a «certos fundos» põe seriamente em causa a sua função «natural»: a de gerar ciência e cultura e de divulgar e a formação de quadros.

«É imperioso que as universidades tenham orçamentos próprios para o desenvolvimento das suas actividades, nomeadamente da investigação, papel central em toda a estrutura universitária», defendeu João Cunha e Serra, professor do Instituto Superior Técnico e dirigente do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (SPGL) e da Fenprof.

«Os objectivos nacionais da Universidade não podem ser vistos como os de uma empresa, situação que já se verifica e com tendência a acentuar-se», sublinhou ao «DL».

Considerando que, neste momento e para a própria «sobrevivência» das instituições públicas de ensino superior, a resolução do problema do seu financiamento «é o fundamental», Cunha e Serra alertou ainda para a situação que se está a viver nas universidades privadas que «fortemente subsidiadas pelo Estado», começam a reflectir «dificuldades» para o sector público.

Dinheiros públicos custeiam universidades privadas

Corroborando a opinião daquele dirigente sindical, Mário Carvalho, do Conselho Nacional do Ensino Superior da Fenprof, voltou à carga com um já «velho» problema do ensino superior português: a existência de investimentos públicos «usados» por univer-



Rui Vasco

Os docentes reunidos no Estoril exprimiram a sua desconfiança relativamente ao ante-projecto de proposta de lei para avaliação das instituições de ensino superior

sidades privadas «sem quaisquer contrapartidas».

«É necessária uma avaliação do que está a ser feito no sector universitário privado, desde o seu financiamento à qualidade de ensino que ministra», afirmou ao «DL».

Fazendo eco das várias intervenções, sobre esta matéria, dos docentes que participaram no encontro nacional do Estoril, Mário Carvalho referiu que, tendo aquelas instituições acesso a, entre outras, verbas comunitárias, não têm «quaisquer custos com investigação e com formação de docentes - porque não as fazem».

«Continuamos a assistir a um ensino privado que usa os dinheiros públicos, na medida em que recruta pessoal que é formado pelo sector público e às suas expensas, não contribuindo para a investigação nacional, não tem cursos ditos «caros» e que exigem meios laboratoriais, e usa

verbas do Estado - como o programa Prodep, que envolve fundos comunitários - para pagar instalações, sem qualquer garantia de que, daqui a uns anos, continuem sequer a estar ao serviço do ensino superior».

O «adeus» à qualidade de ensino, consequente desta situação, é igualmente ponto assente entre os docentes universitários da Fenprof, para quem «fica o voto de que a promessa do Ministro da Educação de que o sistema de avaliação das instituições de ensino superior «seria idêntico» para as públicas e privadas, seja mais que demagogia».

«Fundação» avalla ensino superior

Matéria «quente» entre os docentes universitários, e largamente debatida ao longo dos dois dias de trabalhos do seu 1º Encontro Nacional, é o sistema de avaliação das insti-

tuições de ensino superior, para o qual existe já um ante-projecto de proposta de Lei, a que o «DL» teve acesso, e que estabelece a criação de uma «Fundação Nacional» com vista, entre outras, a proceder à «avaliação global do sistema de ensino superior português e de todas as suas instituições».

Acusado, desde já, de «não salvaguardar convenientemente a participação das universidades na definição dos critérios que presidirão à avaliação das instituições», este ante-projecto de proposta de Lei, saído do Conselho Nacional de Educação (CNE), é visto com «desconfiança» entre os docentes.

A representação muito minoritária que teriam as universidades nesta Fundação - os seus três órgãos (os conselhos de curadores, executivo e fiscal) seriam compostos, na sua generalidade, por nove membros designados pelo Governo, dois designados por

associações empresariais, dois por associações profissionais, um por fundações com fins culturais e científicos, quatro por universidades e institutos politécnicos e os restantes pela própria Fundação - alertou já os professores do ensino superior para o «perigo» de que «critérios de rentabilidade empresarial possam adulterar a natureza das universidades».

«A avaliação das universidades não pode nunca ser um meio para justificar certos orçamentos», sublinhou ao «DL» o professor Cunha e Serra, que adiantou como uma «forma possível» para a composição de uma entidade como aquela que agora é proposta no documento do CNE «uma estrutura independente e autónoma do Estado e das universidades, dirigida por um corpo desligado da Administração Pública e dos órgãos que gerem o financiamento daquelas instituições».

Maria Antónia Martinho



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/2013
Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, está patente o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição de Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:
Linha aérea a 30 kV, com origem no apoio n.º 19 da linha para o PT CCH, 207 Herdade do Monte Novo da Palma, com 1667 metros, na freguesia do Couço, concelho de Coruche na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE CORUCHE, durante 15 dias, nas horas de expediente.
Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.
Lisboa, 9 de Novembro de 1990

«DL»: 19/11/90

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D Processo 1/118
Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, está patente o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal, E.P., DIRECÇÃO DISTRIBUIÇÃO TEJO a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:
Linha aérea, a 30 kV, com origem no apoio n.º 76 da linha entre o PST 35 Mari-nhais e o PT 36 Salvaterra e término no PS 289 Benavente, com 6904 metros, nas freguesias de Salvaterra de Magos e Benavente, concelhos de Salvaterra de Magos e Benavente, nas Secretarias das CÂMARAS MUNICIPAIS DE SALVATERRA DE MAGOS E BENAVENTE, durante 15 dias, nas horas de expediente.
Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.
Lisboa, 9 de Novembro de 1990

«DL»: 19/11/90

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037 Processo 1/2006
Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, está patente o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição de Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:
Linha mista, a 15 kV, entre a Subestação n.º 1914 Espadanal e o apoio n.º 2 da linha para o PT AZB 74 Entre Águas, com 402 metros, na freguesia de Vila Nova da Rainha, concelho de Azambuja.
Linha mista, a 15 kV, entre a Subestação n.º 1914 Espadanal e o apoio n.º 2 da linha para o apoio n.º 16 da linha para o PT AZB 27, com 419 metros, na freguesia de Vila Nova da Rainha, concelho de Azambuja, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE AZAMBUJA, durante 15 dias, nas horas de expediente.
Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».
Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.
Lisboa, 9 de Novembro de 1990

«DL»: 19/11/90

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

Carvalho da Silva: a difícil tarefa de conciliar o (quase) inconciliável

As contradições marcaram o discurso do coordenador da CGTP, preocupado em apaziguar as divergências na União dos Sindicatos de Setúbal que se refletem no interior da central

Entre afirmações como «a CGTP é um projecto de todos e a sua riqueza é o resultado da pluralidade de opiniões» e «é necessário promover o despiste de atitudes discordantes», Carvalho da Silva, coordenador nacional daquela central sindical, tentou conciliar as posições divergentes que existem no seio da Inter e de que o III Congresso da União dos Sindicatos de Setúbal (USS) foi o último exemplo.

As divergências na União - marcadas nomeadamente pelo afastamento de José Encarnação e a sua demissão da Comissão Executiva da CGTP - não terminaram com o Congresso. A próxima batalha será a um nível superior: o Conselho Nacional da Inter sobre o caso.

Para encerrar o Congresso da USS (que decorreu na sexta-feira e sábado passados), o coordenador da CGTP optou por um discurso de compromisso entre as duas linhas que se distinguiram claramente durante os trabalhos. Se, por um lado, manifestou, em nome da central, a «inequívoca solidariedade na realização das suas tarefas» ao recém-eleito Conselho Distrital, por outro lamentou o afastamento dos membros que «deixaram de exercer funções na direcção da USS» e desejou que «continuem a desenvolver trabalho» no movimento sindical.

Com o mesmo discurso de duplo sentido se pronunciou sobre as recentes posições do anterior coordenador daquela estrutura intermédia: «Quero transmitir-vos que a Comissão Executiva da central tem apreciado a postura do camarada José Encarnação e que

criticou a forma, o enquadramento e o momento em que as trouxe a público - e que o camarada reconheceu que teve prejuízos para o movimento sindical», acusou, não lhe tendo, no entanto poucado elogios: «Mas expresso também, de uma forma muito sincera, que não se pode deitar pela borda fora o seu trabalho», recordando que «aos 22 anos já era coordenador da União dos Sindicatos de Setúbal».

«Recados» para dois locais

Segundo alguns dirigentes sindicais presentes no Congresso, a intervenção de Carvalho da Silva acabou por, implicitamente, estabelecer a comparação entre as divergências na USS e na própria CGTP. E os «recados» deixados em Setúbal podem ser entendidos na Vitor Cordon.

Questão central de muitas das intervenções dos delegados ao Congresso, o Acordo Económico e Social (AES) não deixou igualmente de estar presente no discurso de Carvalho da Silva.

Afirmando mais uma vez que o AES é globalmente negativo embora tenha aspectos positivos, o líder da Inter fez questão de sublinhar: «Não há desfazamento entre as posições da Comissão Executiva e as dos restantes órgãos» da central, pois todos se pronunciaram maioritariamente pela não assinatura.

No entanto, acrescentou: «Consideramos que devemos ponderar sobre se as estruturas e os quadros se aperceberam do que estava em jogo. O jogo é perigoso, mas não temos outro caminho senão

ir a ele». E como exemplo, disse: «Não é justo afirmar, como um camarada aqui disse, que os burocratas queriam a assinatura do Acordo. Os camaradas que eram a favor da sua assinatura têm muito trabalho de activistas atrás de si».

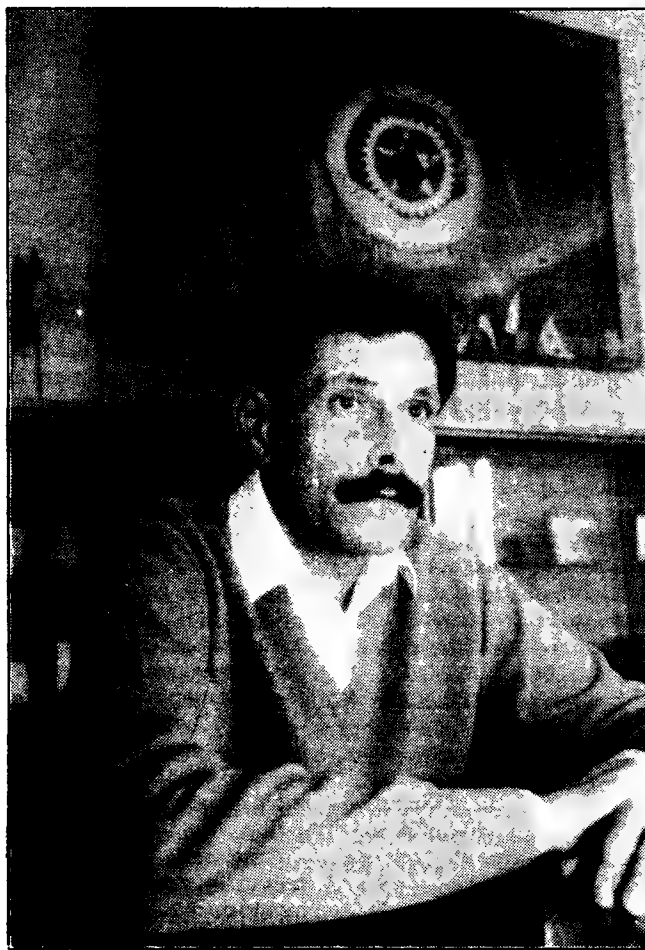
Mas quis pôr um ponto final no assunto: «Não assinámos o Acordo, a discussão acabou, temos uma plataforma reivindicativa aprovada sobre a qual devemos trabalhar», disse.

«A posição da CGTP foi correcta. Fomos à discussão e apresentámos propostas. Tudo isto é complicado e exige uma análise de cabeça fria», afirmou Carvalho da Silva, para acrescentar: «Ficou provado que não há contradição entre a luta de massas e a negociação, que é um direito dos trabalhadores conquistado com muito sacrifício, e o do qual não devemos abrir mão». Esta foi uma das mensagens que foi entendida como tendo dois sentidos, pois em alguns elementos da USS está presente o receio de que a União retroceda no caminho de diálogo que a tem caracterizado.

Aliás, o coordenador da Intersindical não deixou de dizer ao Congresso que «recorde o que fez para o reconhecimento da crise, obrigando à tomada de medidas contra ela», pedindo-lhe para «analisar a capacidade de aliar a luta de classe ao diálogo, que o movimento sindical aqui conseguiu».

Congresso morno, com vontade de explodir

O ambiente de tensão que se viveu no edifício Luísa Todi durante os dois dias de trabalhos do Congresso expli-



Rui Paixão: «Vamos cumprir o Programa de Acção»

cam o discurso de Carvalho da Silva. Sem nunca se ter chegado ao confronto directo, as várias intervenções dos delegados deixaram implícitas as críticas ao anterior coordenador e ao caminho que a USS trilhou pela sua mão.

Não se chegou a «chamar os bois pelos nomes», mas as mensagens ficaram. António Joaquim Conceição (Sindicato dos Metalúrgicos), por exemplo, chegou a afirmar: «Hoje é o Zé, amanhã o Manel, depois o Joaquim a vender as conquistas dos trabalhadores por um prato de lentilhas», numa clara alusão ao facto de José Encarnação ter rescindido o seu contrato de trabalho.

E se a linha mais «dura» da CGTP teve a sua vitória neste Congresso da USS, não deixou igualmente de receber um aviso de que nem tudo está bem.

O novo Conselho Distrital (que elegerá, na sua primeira reunião, a comissão executiva e o coordenador) é composto por 47 membros, entre os quais 41 são conotados com o PCP, três com a UDP, dois independentes e um da Intervenção Democrática. Tendo em conta a representatividade dos vários sectores de actividade, a maioria recai sobre os metalúrgicos: 11 elementos.

Constituindo a única lista presente ao Congresso, o novo órgão teve o seu «amargo de boca»: dos 312 delegados inscritos votaram 236, sendo eleito com 215 votos, 7 nulos,

14 brancos e 76 abstenções.

Para alguns elementos presentes, este resultado foi considerado «uma forma das pessoas se manifestarem contra o que se está a passar», tendo em conta que «entre os que não votaram, os brancos, os nulos e as abstenções está mais de um terço dos delegados».

«Não há nem um socialista para amostra», disse José Encarnação comentando a composição recém-eleito Conselho.

O facto das críticas a Encarnação nunca terem sido directas, ficando-se por alusões, levaram aquele dirigente a afirmar aos jornalistas que «este é um problema que existe há muito tempo no movimento sindical. As pessoas escudam-se em opiniões ditas colectivas, nas insinuações e na injúria sem terem a coragem de assumir claramente as suas posições».

Para José Encarnação, o futuro da USS será contraditório. «O Congresso aprovou um relatório de Actividades que confirma o caminho que se percorreu, bem como um Programa de Acção virado para a continuidade, mas a direcção não está inequivocamente de acordo e não conseguirá levá-lo até às últimas consequências».

E as contradições começaram logo na aprovação dos documentos, quando o Relatório de Actividades foi aprovado pela maioria, mas contando com 14 abstenções... algumas delas dos elementos da direcção, que o elabo-

raram.

Quanto ao Programa de Acção, Rui Paixão (apontado como o futuro coordenador da USS), que falou em nome do recém-eleito Conselho Distrital, afirmou claramente: «Vamos cumpri-lo».

CGTP obrigada à clarificação

O pedido de demissão de José Encarnação da Comissão Executiva da CGTP obrigará a central a «clarificar posições».

Ao Conselho Nacional da Inter cabe aceitar (ou não) a demissão daquele sindicalista e pronunciar-se sobre quem o substituirá na Executiva. Para já, está marcada uma reunião daquele órgão para os próximos dias 29 e 30 mas, segundo o DL apurou, a discussão do «caso Encarnação» não está na ordem de trabalhos.

«O Conselho Nacional tem que decidir se aceita ou não a minha demissão e, para isso, tem que discutir as razões que me levaram a tomar essa posição», afirmou o sindicalista, acrescentando:

«A Comissão Executiva, por maioria, já disse que não há desconfiança sindical sobre mim, nem falta de apoio. Assim, é necessária uma discussão profunda quanto as razões político-sindicalistas que apresentei, e provavelmente muita coisa virá para cima da mesa».

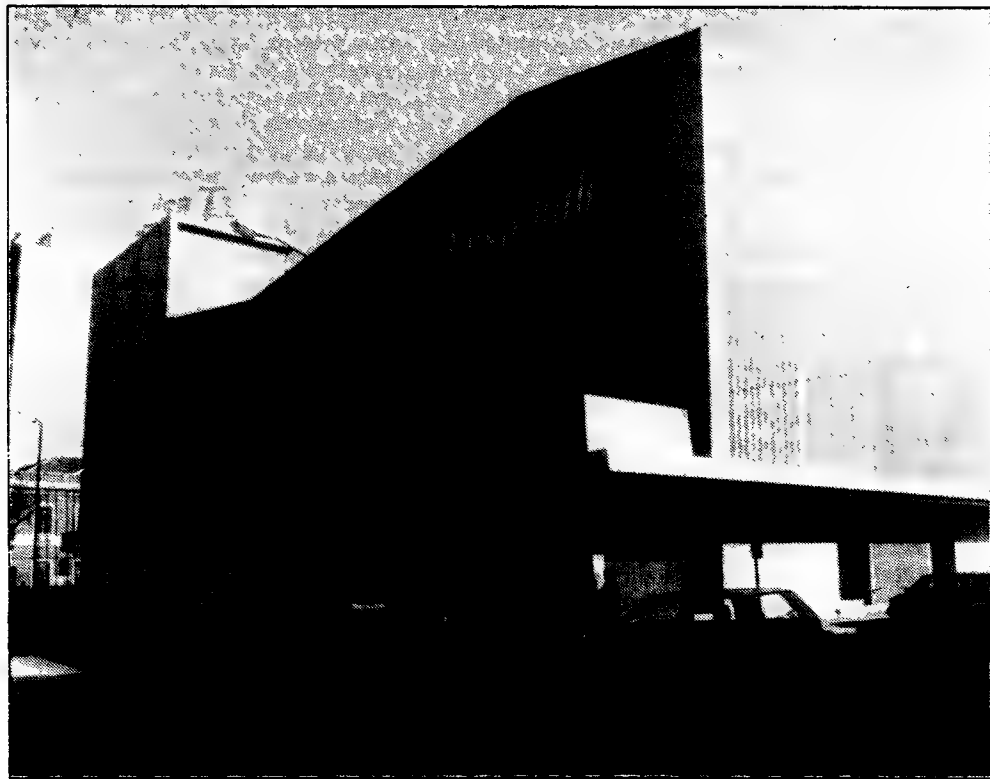
Uma das questões a necessitar de clarificação é a das inerências. «Esse critério não existe formalmente, pelo que a minha posição poderá ajudar a deixar clara a forma como se debatem estas questões. Neste quadro - em que não há inerências nem falta de confiança sindical em mim - o Conselho Nacional deverá mostrar que existe de facto autonomia sindical», afirmou José Encarnação.

Aquele sindicalista vai mais longe e acusa: «Há camaradas que olham o percurso da CGTP com alguma desconfiança. E coloco o Rui Paixão neste grupo».

Carvalho da Silva, interrogado pelos jornalistas, apenas disse que a Comissão Executiva está a «analisar o enquadramento da demissão de Encarnação na vida do movimento sindical». «Não têm grande fundamento as referências que têm vindo a público sobre a interferência do PCP na vida da central», acrescentou.

Quanto à USS, «é à União que cabe gerir o seu funcionamento. Os assuntos que tiverem a ver com a central serão analisados», disse o coordenador da CGTP, sublinhando que «o respeito da central por Rui Paixão e pelo José Encarnação é igual».

Elsa Andrade



O edifício Luísa Todi foi palco da tensão que percorreu o III Congresso da União dos Sindicatos de Setúbal

CULTURA

Curto-circuito nas letras espanholas

Produtores dizem que cinema não é muleta da literatura

O programa da iniciativa «Livros de Espanha-dez anos de criação e pensamento» entrou este fim de semana em desagradável curto-circuito, ficando assinalado por aquilo a que os portugueses, imprópria e injustamente, costumam chamar de «galegada» (o que não faz sentido, posto que os galegos são um dos povos mais amáveis e prestáveis do mundo).

Preparávamo-nos para rever «El Sur», de Victor Erice, porventura o mais importante dos modernos realizadores espanhóis, na que seria a sessão inaugural de um ciclo dedicado à literatura no cinema recente do país vizinho, quando deparámos com um aviso à porta da Cinemateca: o referido «El Sur», bem como os previamente anunciados «Luna de Lobos», de Júlio Sánchez Valdez, «Requiem por un campesino español», de Frances Beltriu, «Bodas de Sangre», de Carlos Saura, «Los Santos Inocentes» e «La Casa de Bernarda Alba», de Mário Camus, não seriam exibidos por proibição expressa dos respectivos produtores.

Alegando que o cinema não existe «para servir de muleta à literatura», os donos das fitas nem sequer deixaram passar em Portugal as cópias que a Cinemateca espanhola se prontificou a emprestar à portuguesa. Uma demarcação tão drástica e ofensiva sugere que as coisas não correm pelo melhor nas relações entre as diversas áreas da cultura espanhola, ou talvez entre os vários departamentos que a superintendem: provavelmente o cinema recebe menos dinheiro ou é menos apoiado oficialmente do que a literatura, e os produtores não perdem oportunidade de se vingar.

Enfim, a Cinemateca lá compôs as coisas como pôde, apresentando, no lugar dos filmes anunciados, a «Tristana», de Buñuel, e fitas de Almodóvar já exibidas no circuito comercial.

Poesia e música

O cinema engasgou-se na sexta-feira, mas as coisas voltaram a compor-se com os dois recitais de sábado: o primeiro, de poesia, realizou-

se ao fim da tarde no que já foi o Castil e é agora o Banco Exterior de Espanha, alinhando, pelo país vizinho, os poetas José Hierro, Luis García Montero e Felipe Benítez, e, por Portugal, Egito Gonçalves, Fernando Guimarães e Al Berto; o segundo, de música, protagonizado por Amancio Prada, teve lugar à noite no belo cenário do Palácio Fronteira.

A poesia, não sendo propriamente bancária, deixou algo a desejar, destacando-se, no entanto, a voz de José Hierro, poeta galardoado com os prémios Príncipe das Astúrias e Nacional das Letras Espanholas, que fez parte, conjuntamente com Blas de Otero, Gabriel Celaya e Eugénio de Nora, do movimento poético de tendência social que surgiu após a guerra civil.

Amancio Prada seria, porém, o grande acontecimento do dia. Trata-se de um caso peculiar e pouco menos que insólito no panorama da música popular espanhola, com uma obra toda ela percorrida por um esforço de rigor e qualidade, contra a

corrente das modas mais ou menos impostas (recorde-se o seu LP de há um bom par de anos, «Cântico Espiritual», sobre a obra poética de San Juan de la Cruz).

Detractores nunca faltaram ao músico-cantor de El Bierzo, acusando o seu trabalho de se afastar excessivamente dos temas candentes do dia ou de se encerrar numa sobriedade estilística dificilmente acessível ao grande público.

Amancio Prada contratacou sempre: «Os meus trabalhos não são herméticos. O certo é que o consumismo que nos invade faz com que os discos e toda a nossa obra criadora se percam no marasmo da tremenda produção comercial existente».

Artista preocupado em identificar-se com o conteúdo cultural e histórico do seu povo, Amancio Prada deu no sábado mais um exemplo de como essa preocupação se pode harmonizar com as exigências da mais alta qualidade estética.



Ernesto Sampaio

Amancio Prada

Em conferência de Imprensa

Cineastas portugueses reunidos, hoje, no IPC

Um grupo significativo de cineastas portugueses dá esta tarde, no Instituto Português de Cinema, uma conferência de Imprensa sobre a paralisação da actividade daquele organismo. A conferência de Imprensa, convocada numa reunião realizada ontem à noite, no Teatro do Bairro Alto, decorre à hora a que o nosso jornal começa a circular.

Rui Avelar no IPC?

Rui Avelar, gestor do Banco Comercial Português,

poderá ser o futuro presidente do IPC. Dizemos «poderá» porque a notícia, recolhida pelo «DL» junto de boa fonte, não foi confirmada nem desmentida por Rui Avelar ao nosso jornal.

Contactado, ontem, pelo «DL» sobre a eventualidade de vir a ser o próximo presidente do Instituto Português de Cinema, cargo em que sucederia a Salgado Matos, Rui Avelar afirmou-nos, primeiro, que não tinha comentários a fazer, e, depois, que não tinha base nenhuma para confirmar.

Rui Avelar é economista e, durante alguns anos, na década de setenta, escreveu sobre Cinema para o «Cinéfilo», «A Luta», «Opção» e «Expresso».

O possível futuro presidente do IPC, conforme diria ao «DL», é amigo pessoal de António-Pedro de Vasconcelos e, também, de Paulo Branco.

A eventual indicação do nome de Rui Avelar para o IPC poderá ser oficialmente anunciada quando Santana Lopes apresentar o seu «pacote legislativo» sobre o Cinema. Tal apresentação, inicialmente prevista para dia 23, foi antecipada para amanhã.

Quanto a Rui Avelar, tanto poderá ser o futuro presidente do IPC como não, que, nestas coisas de nomeações, a Cultura hoje em Portugal é assim: dispara-se em todos os azimutes a ver se se acerta nalgum. Tenha-se em vista o que se passou com a nomeação do director do Teatro Nacional: andava Fonseca e Costa a reunir equipa, depois de convidado para o cargo por Santana Lopes, eis quando sabe que afinal Agustina é que era... Daí que, em relação a Rui Avelar, a notícia deva ser encarada com aquela dose de cepticismo a que a Secretaria de Estado da Cultura ultimamente nos habituou.

R. da S.

Este fim-de-semana, por 13 mil contos

Espada histórica, recorde de leilão

O leilão que, no sábado, decorreu no Hotel Holiday Inn de Lisboa reservou algumas surpresas aos habituais frequentadores. Organizado pela Numisma, sob o título genérico de «Portugal Histórico», apresentou 837 lotes de peças portuguesas, desde a pré-história até à primeira República.

Inicialmente pouco concorrida (decorria, em simultâneo, outro leilão, em Setúbal), a maratona (das 15 até perto das 24 horas) acabou por revelar preferências do público por peças no domínio dos «múltiplos»: gravuras, folhetos, alvarás régios, etc. Alguns dos lotes mais espectaculares acabaram por ser retirados de praça. Foi o caso dos brincos tartésicos, do anel de ouro romano, do vaso visigodo ou do sinete do «conjurado» D. Antão Vaz de Almada. Em compensação, o morrião quinhentista, tipo preto-e-branco, português, subiu além do previsto, até aos 165 contos.

Vendidos dentro das estimativas, foram o «biscuit» montado como jóia com um camaféu representando D. Maria I (por 80 contos) e um espadim de prata do final do século XVIII (por 90). Algumas espadas portuguesas (lotes 460, 507, etc) foram retiradas de praça. Mas a surpresa da noite-já na sessão das 21 horas-foi a licitação de espada do General Silveira, herói da Guerra Peninsular, e

da sua medalha de honra.

A base, de 12 mil contos, não desmotivou dois concorrentes à aquisição. Após alguns lances, foi arrematada por 13 mil. Javier Salgado, que presidia ao leilão da Numisma, revelou logo a seguir: a espada ficará em Portugal, na coleção da Lusitânia Companhia de Seguros. Já no passado dia 26 de Outubro, noutra dos leilões organizados pela Numisma, a referida companhia apresentara a melhor oferta pela primeira moeda de ouro portuguesa.

Esta espada de honra, de «cem guinéus», tem punho de marfim e guardanhões de latão enzelado e dourado a fogo. Apenas Nelson e Wellington ostentaram, na época, espadas de semelhante valor. Aliás, a obra está assinada, junto do louvor respectivo, a ouro, nas costas da lâmina: «Ao General Silveira em signal de gratidão pelos seus talentos, valor e patriotismo nas acções de Amarante, Sana-bria, e Pinhel, os seus afeiçoados compatriotas em Londres esta dedicam». E no verso, comprovando o o fabrico: «John Prosser, London, Sword maker to the Prince of Wales -1811».

A medalha que acompanha a espada constitui a maior condecoração com que o Governo britânico alguma vez agraciou um militar português.

M.T.D.

ABC Cine Clube retoma actividade

Com a antestreia (amanhã, às 19 horas, no Londres), de «Um Crime Divertido», de Malcolm Mowbray, o ABC Cine Clube de Lisboa reinicia a sua actividade.

Até ao fim de Janeiro, aquele cineclubes promove um ciclo de cinema inglês dos anos 80 e, paralelamente, um ciclo sobre clássicos ingleses.

Todas as sessões se realizam às terças-feiras, semana após semana, alternadamente, no Londres (às 19 horas) e na SPA (às 18 e 30).

Teatro Circo de Braga

O Teatro Circo de Braga inicia hoje um ciclo de cinema suíço, com a exibição de dois filmes: «La Méridienne», de Jean-François Amiguet (1988); e «Piano Panier ou La Recherche de L'Équateur», de Pierre Plattner (1989).

Este último filme tem como uma das principais intérpretes a actriz portuguesa Rita Blanco. «Piano Panier...» nunca foi exibido em Portugal.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Crítica de teatro

O nada que é tudo

Muito Barulho por Nada, de William Shakespeare. Tradução: Sophia de Mello Breyner Andersen. Encenação: Luís Miguel Cintra. Assistente de Encenação: António Fonseca. Cenografia/ Figurinos: Jasmim. Música: Constança Capdeville, Paula Azguime e Miguel Azguime. Direcção Musical: Constança Capdeville. Coreografia: Elisa Worm. Desenho de Luz: Luís Miguel Cintra/José Eduardo Páris. Interpretação: Luís Lima Barreto, Carlos Vieira de Almeida, Luísa Cruz, Márcia Breia, Teresa Madruga, Maria José Wallenstein, Miguel Guilherme, Luís Miguel Cintra, Luís Lucas, António Fonseca, Adriano Luz, Manuel Cintra, Rogério Vieira, Gilberto Gonçalves, Canto e Castro, João Coutinho Cabral, Rui Mata-Mouros, Rui David, Jorge Parente, Isabel Baleiras, Maria Granja, Natália Vieira, Paula Alexandra, Verónica Filipe. Músicos: Miso Ensemble, José Ponte e Manuel Cintra. Teatro da Cornucópia. Estreia: Teatro do Bairro Alto (14-11-1990).

A história do teatro português, do teatro que se faz em Portugal, é feito tanto de presenças como de ausências. E são estas de tal modo gritantes, dolorosas — que é uma dor d'alma! Que houvesse e continue a haver peças de Shakespeare por estrear em Portugal — aí está uma ausência que faz história, melhor, faz a-história, se o neologismo cabe. Podemos, a respeito, dormir agora menos inquietos: à Cornucópia ou, para darmos o seu a seu dono, a Luís Miguel Cintra, ficamos a dever mais este serviço prestado à cultura em Portugal: o da estreia de uma peça de Shakespeare. E, ao mesmo tempo podemos lamentar as gerações e gerações de portugueses que não puderam vê-la. Lembremos, a propósito, que já lhe ficámos a dever a estreia de outro Shakespeare, «Ricardo III».

Para se começar a falar desta peça é preciso começar por referir o trabalho da tradução: Sophia de Mello Breyner Andersen escreveu — tanto quanto me é possível julgá-lo — um belíssimo texto português, fluente, aberto, cheio de artimanhas cómicas: essa é uma das primeiras vitórias do espectáculo. E só não é a primeira pelo facto do original shakespeariano não poder deixar de ocupar esse lugar. «Tanto Barulho por Nada» é uma daquelas comédias de enganos de que o dramaturgo inglês criou alguns exemplos admiráveis, ao mesmo tempo que é um

drama de desenganos que acaba bem, como nestas coisas de comédia convém, mesmo caso de roçar o drama.

A história gira à volta de dois pares: Hero (Luísa Cruz) está prestes a casar com Cláudio (Miguel Guilherme) quando este julga descobrir uma imperdoável infidelidade da noiva que, claro, está inocente; Beatriz (Márcia Breia) e Benedito (Luís Miguel Cintra) detestam-se até perceberem que se amam. À volta e no meio das intrigas amorosas, fazem-se e desfazem-se os nós que constituem a tessitura de que essas histórias de amor são o motivo principal.

Tudo aqui é teatro, mesmo o teatro. Os processos que Shakespeare inventa para fazer e desfazer os referidos nós são inteiramente teatrais (quando, por exemplo, certas personagens representam determinadas situações que levam outras personagens a tomar determinadas atitudes) e em que intervêm personagens cuja composição é por si só teatral (caso dos guardas que são também os vizinhos e que são, teatralmente, velhos clowns).

A encenação de Luís Miguel Cintra é, como sempre, um modelo de entendimento das razões do texto. Por isso o espectáculo é deslumbrante naquilo que é nele essencial: a teatralidade, na qual incluo não só o discurso cénico propriamente dito como o teatro do discurso falado. Se a peça de Shakespeare nos fala da vida que não há, isto é, in-

venta a felicidade que a utopia contém, o espectáculo coloca essa utopia no lugar a que, no contexto shakespeariano, verdadeiramente pertence: o teatro. Por isso as personagens nos parecem ao mesmo tempo verdadeiras e falsas, as situações exactas e imaginárias, os percursos incríveis e inevitáveis. Em tudo isto, «Tanto Barulho por Nada» é uma das obras poéticas de Shakespeare e o espectáculo da Cornucópia a expressão admirável dessa carga poética. Este é um espectáculo que nos dá a sensação de que quando rimos estamos a ser inteligentes — o que é raro acontecer no teatro português (e raramente por nossa culpa!).

Do mesmo modo que é vaga a localização da peça, também o espaço do espectáculo é neutro, melhor, é composto na sua nudez: o espaço do interior de um palco onde funcionam segmentos de fingimento do real. A escadaria que domina a cena lembra que a invenção desse dispositivo por Adolphe Appia é um elemento-chave da cenografia do século XX, as aves (papagaio, pombas), a mesa posta com as virtualhas, o jazigo onde é suposto estar o corpo de Hero, com o coração vermelho, o biombo florido, as luzes do céu, a bola iluminada que sobe e desce, imagem do globo, os instrumentos musicais — são sinais desse mundo teatral em que o texto se inscreve.

Esta máquina, que obrigou a companhia, a esforços suplementares, é constituída, também no trabalho dos actores, por zonas de espectáculo que têm as suas leis próprias. A mais criativa e densa dessa zona é constituída pelo par Luís Miguel Cintra-Márcia Breia, não só por ser o jogo mais rico e brilhante da peça, como pela qualidade dos intérpretes. E se Luís Miguel Cintra teria vencido o duelo, se fosse caso disso, pela simples razão de ser actor sem paralelo entre nós e certamente um dos maiores actores do nosso

tempo, com um trabalho que não surpreende só porque estamos habituados às suas criações (a ausência da surpresa não prejudica o infinito prazer de o ver representar), nem por isso Márcia Breia deixa de fazer da sua Beatriz uma personagem fortemente visível, magnífica de intencionalidade, de um cómico sempre dominado.

Outro espectáculo é constituído pelo conjunto de personagens a quem cabe fazer, um deles, o teatro da comédia, o outro, o teatro do drama. Outro ainda, é constituído pelas personagens socialmente menores e que fazem a ligação entre uns e outros, ajudando a esclarecer as intrigas em jogo.

Há nesta versão um momento de ruptura que é traduzido pelo baixamento das luzes e pelo desaparecimento da bola iluminada: é a introdução do drama de que é responsável D. João (Luís Lucas), irmão bastardo de D. Pedro (José Wallenstein), e de que são instrumentos Borráquio (António Fonseca) e Conrado (Adriano Luz, numa composição de bobo). Opostos a estes, Abrunho (Rogério Vieira) e Varas, seu compadre (Gilberto Gonçalves), cuja actuação tem início no intervalo, entre o público. Luís Lima Barreto, é Leonato, pai de Hero, por quem o drama passa, Carlos Vieira de Almeida, António, seu irmão (estreia na Cornucópia sem problemas). Úrsula, aia de Hera, é Maria José, e Ter-

esa Madruga, Margarida, instrumento inocente, ou talvez não, da intriga de que Hero foi vítima. Frei Francisco, inventor do processo que vai permitir o desenlace feliz (processo bem teatral que evoca «Romeu e Julieta») é interpretado por Canto e Castro. Estes nomes e outros que estão na ficha, estão aqui para deixar bem clara a importância do trabalho dos actores. Neste jogo eles são primordiais.

Mas não é justo referir os jogos de que este jogo é constituído sem lembrar a importância da música executada ao vivo pelo Miso Ensemble e José Pontes, sob a direcção de Constança Capdeville, com intervenções cantadas por Manuel Cintra, também actor. Como não se pode deixar de referir a coreografia de Elisa Worm, que contribui para o ritmo vibrante de algumas cenas, e muito menos a iluminação, com a assinatura do encenador do seu colaborador José Eduardo Páris: é uma das belezas do espectáculo só maculada por uma cena breve no 2.º acto, insuficientemente iluminada.

Aliás, esse 2.º acto pareceu-me, na estreia, a precisar de ser ainda trabalhado. Por duas razões: a primeira, o facto de Canto e Castro ter substituído Ruy Fur-

tado quatro dias antes da estreia. Embora já tenha construído a personagem, Canto e Castro ainda não domina o texto, o que o obriga a recorrer ao papel (como se reforçasse exageradamente o carácter teatral da encenação); é um problema que estará resolvido por estes dias. A outra razão tem a ver com uma inapetência de Miguel Guilherme para as cenas dramáticas, o que o leva dar a algumas passagens de Cláudio um carácter melodramático que funciona mal.

É preciso voltar ao princípio: à peça de Shakespeare, à esplendorosa encenação de Luís Miguel Cintra que teve em Jasmim um colaborador precioso não só na invenção do espaço, na depuração que o define, como na criação de um guarda-roupa digno do resto: vejamos os fatos de Márcia Breia e José Wallenstein, entre outros. Sem esquecer as máscaras de Luís Moura.

Não sabemos quanto custou este espectáculo. Sabemos que em qualquer outro país europeu custaria aquilo a que chamáramos uma fortuna que aqui, nem de longe, custou. Quando será devidamente reconhecido este esforço dos nossos artistas de teatro, esta criatividade que constantemente revelam?



Carlos Porto

Museu de História Natural lança dinossáurios em vinil

Na sequência das acções desenvolvidas para fazer renascer das cinzas o Museu Nacional de História Natural, consumido pelo incêndio de 1978, esta instituição vai lançar, por ocasião da III Feira Internacional de Lisboa de Minerais, um disco intitulado «A Canção dos Dinossáurios», da autoria da escritora e bióloga Clara Pinto Correia e do músico Eduardo Paes Mamede.

Com o produto da venda dos discos, pretende a direcção do Museu — a que preside o Professor Galopim de Carvalho — contribuir para a compra de um dinossáurio, no âmbito de uma campanha nacional que abrangerá diversas iniciativas no mesmo sentido.

O lançamento do disco corresponde a uma acção conjunta da Liga dos Amigos do Museu Nacional de História Natural e da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais.

Na sequência do movimento de solidariedade que se tem gerado em torno do reapetrechamento do Museu, os autores ofereceram a letra e a música para a canção e prescindiram dos direitos de autor, do que já foi dado conhecimento à Sociedade Portuguesa de Autores, que por sua vez autorizou a reprodução do disco.



Também a editora discográfica Valentim de Carvalho decidiu colaborar na iniciativa, ao facultar condições especiais no que se refere à feitura e distribuição do disco.

Concerto da Liberdade em Leipzig

Foi há cerca de uma semana, em Leipzig — cidade alemã onde «só» nasceram Bach, Mendelssohn, Schubert, Shumann e Wagner — que se realizou, para comemorar o 1.º aniversário da queda do muro de Berlim, o «Concerto da Liberdade».

Patrocinado pela «Sileno-Smirnoff», este concerto teve lugar no «Leipzig's Neues Gwendhaus» e reuniu artistas de grande renome internacional, como por exemplo o maestro americano Richard Williams, o pianista britânico Peter Katin e a Orquestra Radiofónica de Leipzig, a mais antiga e famosa da Europa.

O concerto foi transmitido pela televisão alemã e por diversas estações de televisão de todo o mundo, incluindo EUA, Reino Unido, África e Austrália.

As receitas reverteram a favor do «World Conservation Monitoring Center», uma acção comum com o «World Nations Environment Programme». O maior beneficiário, será o programa para o Leste da Europa.

Felipe La Féria passa por nós no Rossio

A revista revisitada

A experiência ensinou-me que lidar com porteiros dos organismos estatais requer paciência de santo e habilidade diplomática. Qualidades de que efectivamente careço. Mas no Teatro Nacional exagera-se, a burocracia instalou-se de tal maneira nas mentalidades que ultrapassa tudo o que se possa imaginar. Era preferível reterem-nos o bilhete de identidade e entregarem-nos um *crachat* que nos facultasse a livre circulação dentro daquele edifício labiríntico e

gelado como um túmulo. Furiosa com o senhor da portaria, após uma troca de palavras azedas, dois funcionários conduziram-me até junto de Felipe La Féria que interrompera os ensaios de "Passa por mim no Rossio", a revista que em Janeiro subirá à cena se, entretanto, não surgir mais um acidente de percurso. «Recuso-me a falar das tricas e confusões... só queria esclarecer uma coisa. As bruxas que me viam no papel de director do teatro D. Maria II enga-

naram-se redondamente. Nunca admiti essa hipótese, não me atraíam os cargos políticos», afirmou.

Diário de Lisboa- A nomeação de Agustina Bessa-Lúis para o lugar de directora é, no mínimo, um facto incompreensível para não dizer insólito. Gostaria que comentasse tão surpreendente fenómeno.

Felipe La Féria- Porque não? Considero-a uma mulher culta e de bom senso.

DL- Indiscutivelmente. Só não percebo como é

possível uma pessoa, que vive a 300 quilómetros de Lisboa, desempenhar as funções?

FLF- Não tenho mais nada a acrescentar. Apenas estou interessado em fazer "Passa por mim no Rossio", espectáculo em que ando a trabalhar há perto de um ano e que já me trouxe grandes preocupações e dissabores.

DL- Realmente tem tido complicado.

FLF- Pensei até desistir, pois encaro o teatro sob um ponto de vista lúdico e

quando me chateiam vou-me embora.

DL- Com que tipo de entraves deparou?

FLF- Mudemos o rumo da conversa. Convidaram-me para fazer uma revista e eu aceitei o desafio. Sou um simples encenador contratado, encontro-me longe dos movimentos de bastidores. Bastam-me as responsabilidades assumidas com o teatro que para mim é uma aventura interior.

DL- Consta que se desentendeu com Ricardo Pais.

FLF- Desde o princípio levantaram-se os mais inexplicáveis obstáculos. Por favor, mudemos de assunto.

DL- Não foi o secretário de Estado da Cultura que desbloqueou o impasse criado?

FLF- Sim... mas isso não passou na demissão de Ricardo Pais. Estou aqui de passagem e fui apanhado por uma crise.

Regresso às origens

DL- Que género de revista se propõe fazer?

FLF- Trata-se de uma revisitação poética ao teatro de revista, de uma homenagem aos actores e autores que

soal do Parque Mayer.

FLF- O Parque Mayer só existe desde 1922 e a revista conquistou, no princípio deste século, a maioria dos teatros de Lisboa. Enquadrava-se perfeitamente no espírito nacional. O português gosta de ver a sua vida retratada de uma maneira jocosa e a revista preenchia essa faceta crítica. Por outro lado, o cidadão comum iden-

«Encaro o teatro como uma aventura interior»

contribuíram para o sucesso da revista portuguesa.

DL- Será que a revista, agora numa fase de decadência, ainda atrai o público?

FLF- Suponho que a decadência é geral, atinge todo o género de teatro.

DL- "Passa por mim no Rossio" obedece à estrutura tradicional da revista?

FLF- Das revistas que se faziam até 1927, antes da viragem operada com "Água Pé". A partir daí começou a funcionar com o esquema da sucessão de quadros intercalados pela actuação do "compère". De início, as revistas submetiam-se ao modelo das comédias de Aristófanes. Havia um emissário dos deuses que vinha à terra observar os costumes. No entanto, a revista à portuguesa é a parente pobre das revistas que anualmente se realizavam em Paris. Prática que absorvermos e adaptámos à nossa escala.

DL- Esta também mete "compère"?

FLF- Consiste na mistura das várias técnicas. Quanto a trazer uma revista ao Teatro Nacional corresponde a um hábito antiquíssimo. Mesmo a companhia de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro costumava apresentar pelo Carnaval uma revista.

DL- Convidavam o pes-

tificava-se com os personagens encarnados pelos actores. O curioso da revista é que joga com o duplo sentido, característica que lhe permitiu manter-se nos tempos da ditadura.

Um jogo metafórico

DL- A seguir ao 25 de Abril perdeu a graça.

FLF- Vivia de metáforas, sem nunca abrir o jogo. O mal foi que as piadas se tornaram demasiado directas e o público não gosta disso. Precisa de se sentir inteligente, capaz de perceber o significado subjacente ao não dito. Quando aparecia o professor de Coimbra, o pintor de paredes ou o Marco António já se sabia que era o Salazar. Julgo que o êxito da "Madalena Iglésias" derivou do recurso a um humor menos agressivo do que é habitual nas revistas.

DL- A revista fundamenta-se numa crítica social de circunstância.

FLF- Sem dúvida que é um espectáculo efémero. Os atrasos do Nacional obrigaram-me a recrescer o texto várias vezes.

DL- Suponho que hoje o panorama se alterou. Não traduzia a revista um certo sub-desenvolvimento cultural?

FLF- Está a defender uma



«Fui apanhado por uma crise»



«Sou um simples encenador contratado»

posição muito radical. Com efeito, registaram-se profundas mudanças na sociedade portuguesa. Actualmente, talvez um dos raros actores de revista que o povo aprecia seja o dr. Mário Soares. Ele une o passado ao presente.

DL- "Passa por mim no Rossio" é uma estrofe do fado "Recado a Lisboa" da autoria de João Villaret.

FLF- "E mesmo que esteja frio/E os barcos fiquem no rio/ Parados sem navegar/ Passa por mim no Rossio/E deixa-lhe o meu olhar".

DL- Lindíssimo.

FLF- Desde a infância que sou um apaixonado de revista. Em miúdo, na década de 50, divertia-me a recortar as caricaturas dos actores de revista publicadas nas pági-

nas do "Diário de Notícias". Colava-as num cartão grosso para as tornar mais resistentes e entretinha-me a brincar aos teatros. As empregadas da minha casa adoravam ir à revista, com o dinheiro que amealhava pagava-lhes o bilhete, exigindo em troca que me contassem quadro por quadro. Fascinava-me aquele imaginário lisboeta que se prende com os desenhos do Stuart de Carvalhais e do Bernardo Marques.

DL- E com alguma pintura de Almada Negreiros. Varinas, estivadores, marujos... uma fauna típica.

FLF- Que é também o universo da poesia de Cesário Verde e do António Botto: um universo urbano e

«A esquerda afunda-se e a direita corre atrás do dinheiro e do poder»

Bordalo Pinheiro. Recordo a minha adolescência quando, pela primeira vez, fui à revista, a fingir ser um rapaz de 17 anos. De descer a Avenida em alvoroço, depois de ter assistido à 2ª sessão, noites que acabavam no cacau da Ribeira.

DL- Pobre Parque Mayer que caiu no declínio.

FLF- Nos finais dos anos 60 ainda exercia um certo encanto

DL- Sobretudo à noite com o "barulho" das luzes que disfarçavam a pobreza do ambiente. No palco as lanterna das coristas pareciam diamantes, e só os espectadores das primeiras filas se apercebiam dos buracos nas meias.

FLF- Era animado com os automóveis eléctricos, os restaurantes e as raparigas dos tirinhos.

Assunto esgotado

DL- Não se esqueça que somos Europa.

FLF- No caso do espectáculo "Passa por mim no Rossio" interpreto-o como uma incursão à revista. Não espero voltar a reincidir, nesta revista esgota tudo o que pretendo dizer.

DL- Não é difícil articular todos as artes que participam da revista?

FLF- Disponho de um naipe de actores excelentes. Para além do elenco do Teatro Nacional, entram a Rita Ribeiro e o António Cruz que vieram comigo da Casa da Comédia. Como mandam as regras, a revista terá uma atracção que é a Simone de Oliveira.

DL- A rival da Madalena Iglésias.

FLF- A Simone é uma fi-

que transporte para o presente». Lamenta o sucessivo fecho dos teatros e a insensibilidade dos políticos. Manifesta ainda a sua mágoa a propósito da situação dos actores no nosso país. Ninguem os respeita, debatem-se com dramáticos problemas de sobrevivência, «pertencem à classe mais sacrificada da sociedade portuguesa». O teatro caminha para um autêntico caos, não existe critério na concessão de subsídios, ao fim e ao cabo «espelha o mundo em que vivemos». Uma sociedade que adora o bezerro de ouro, desprovida de ideais e de esperança. «A esquerda afunda-se e a direita corre atrás do poder e do dinheiro.

sidência da República. Uma tristeza.

Nervoso e impaciente, Felipe La Féria mostra uma expressão de enfado. E de vítima, dando a impressão de estar a responder a um interrogatório policial. Com o seu rosto angelical, de menino mimado, mexe-se na cadeira, olha o relógio, e diz «já chega». À laia de brincadeira advirto-o de que não se escapa sem me contar as "tricas" do Teatro Nacional. Visivelmente em pânico desabafa: «não aguento mais a pressão».

No táxi, que compartilhámos até ao Saldanha, transformou-se noutra indivíduo. Descontraído, forneceu-me algumas pistas

«O público de revista não gosta das piadas demasiado directas»

Basta reparar na pobreza do espectáculo político, exceptuando o dr. Mário Soares nem sequer apareceram candidatos credíveis à Pre-

que apontam para a sua versão dos acontecimentos. Mas prometi-lhe guardar segredo.

Lourdes Fória



«Na infância brincava aos teatros»

«Não me atraíem os cargos políticos»

pequenino.

DL- Pequenino em que sentido? Mediocre?

FLF- Não. De cidade acolhedora, onde o Tejo serve de evasão. Refiro-me ao imaginário popular que a revista ampliava. A uma certa ingenuidade do guarda nocturno ou da varina, em contraste com as figuras caricatas dos políticos, um pouco na linha do

gura teatral com uma presença muito forte.

Pondo cara de sofredor, Felipe La Féria refere-se ao trabalho de pesquisa dispendido na montagem de "Passa por mim no Rossio". Consultou perto de 600 números antológicos da revista, elementos que recolheu na Sociedade de Autores, no Museu do teatro, na Biblioteca Nacional e através das longas conversas com os velhos actores. «Convém realçar a colaboração de Fernando Heitor. Tratava-se de um material desactualizado



«Agustina é uma mulher culta e de bom senso»



Auto Monumental de Aveiro
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Montserrat Caballé no Coliseu

O chamado mecenato cultural continua a privilegiar com especial predileção a vinda até nós das grandes vedetas. Desta vez foi Montserrat Caballé, um dos «monstros sagrados» do firmamento vocal da actualidade, graças ao Montepio Geral e ao apoio e produção de Santiago e Demoustier Lda. e José Adelino Tacanho. O amplo recinto do Coliseu registou uma enchente das grandes noites, reatando com tradições das mais prestigiosas do seu histórico.

O público, na sua heterogeneidade e na espontaneidade das suas reacções, também não desmereceu dessas tradições. Percorria, de facto, a sala, nos largos momentos que precederam o concerto, o «brouhaha» expectante característico da alguma impaciência dos milhares de melómanos ávidos de apreciar o seu ídolo ou de... «ver para crer»! Os 15 minutos de atraso, mais ou menos da praxe nestas circunstâncias, relativamente à hora marcada (21 e 30) para o começo da «cerimónia» foram suportados com galhardia. Mas, esgotados os tais 15 minutos, a importância passou a tornar-se mais sensível: a princípio com surtos de palmas denunciadoras e apelativas, depois com comentários cruzados e cada vez mais pressionantes, e, por fim, a inevitável pateada...

As coisas, porém, não chega-

ram a agravar-se demasiado. E a orquestra a tão falada e discutida Orquestra do Porto, da Regie «Sinfonia» — lá foi dando entrada no palco e ocupando os seus lugares, o que contribuiu para acalmar os ânimos mais insofridos. E, por último, subiu ao pódio o maestro titular: o talentoso e já nosso bem conhecido Jan Lathan-Koenig.

O primeiro número do programa pertencia-lhes, aliás: a abertura rossiniana do «Barbeiro de Sevilha», cuja execução — verdade, verdade — teria ganho certamente com um pouco mais de «verve», de vivacidade. Após o que entrou, finalmente, na sala Montserrat Caballé, saudada com uma ovação prolongada e vibrante.

O trecho inicial da sua actuação foi a sempre deliciosa e fresca página de «Gianni Schicchi»: «O Mio Babbino Caro». E logo aí a cantora catalã deixou entrever que o timbre de uma voz privilegiada e a sua intencionalidade interpretativa, que uma longa carreira de mais de 30 anos evidenciaram aos auditórios de todo o mundo e nos repertórios mais diversos, não a tinham abandonado. Só que a verdadeira medida de disposições excepcionais não ficou ainda patente. A voz precisava de «aquecer» ou de...esconjurarmos compreensíveis receios. O que se notou igualmente no trecho operístico seguinte, também de Puccini: «Quando

Lieta Usci», da «Bohème».

A despedida de Mimi não logrou todo aquele carácter que seria de esperar de alguém que se chama Montserrat Caballé.

Isso, no entanto, aconteceu pouco depois, com uma das mais sublimes páginas do «Otello» de Verdi: «Canção do Salgueiro» e «Ave Maria». Aí, sim, tivemos a grande Caballé, a desafiar, com pleno êxito, o tempo e a recuperação de uma carreira portentosa. O encanto do seu timbre e a finura e expressividade da dicção, um e outros servidos por uma técnica magistral, admiravelmente alicerçada e experimentada, estiveram presentes de maneira ines-

quecível.

Estes precitados mantiveram-se em altíssimo plano, pela modelar escola vocal e pela propriedade interpretativa, na 2.ª parte do concerto: em trechos de óperas de Cilea, Massenet e Boito, com destaque para a famosa passagem «L'Altra Notte in Fondo al Mare», que teve uma versão soberba de sensibilidade, de intensidade e de equilíbrio vocal.

Os aplausos e os bravos não faltaram, levando a um extra. Montserrat Caballé repetiu «O Mio Babbino Caro», que então resultou com uma desenvoltura e uma plasticidade que não havia atingido tão esplendorosamente

quando se ouviu a iniciar o programa.

A categoria da Orquestra do Porto e a justeza, a qualidade sonora das suas execuções ressaltaram uma vez mais. O maestro Lathan-Koenig não deixou igualmente os seus créditos por mãos alheias. Se a abertura do «Barbeiro» soou tolhida na espirituosa desenvoltura que a define, já o sombrio e requintado Intermezzo da «Manon Lescaut» e os excertos da «Carmen» tiveram o carácter requerido. El Lathan-Koenig «acompanhou» a cantora com a adequada maleabilidade.

Nuno Barreiros



Montserrat Caballé, sábado, no Coliseu

Prémio de Espinho para filme suíço

O filme suíço «Les Saisons Quatre a Quatre», de Daniel Suter, foi o grande vencedor do XIV Festival Internacional de Cinema de Animação (Cinanima), que sábado terminou em Espinho. O júri internacional atribuiu uma menção honrosa na categoria «A» ao filme «The Ladder to Escape», do realizador alemão Holger Leig. Na categoria «B», o filme premiado foi «Next», do realizador inglês Barry Purves, enquanto a película «Braço Papa 2040», de Susanne Franzel, mereceu uma menção honrosa nesta categoria.

Jack Lang contra os EUA

Poucas horas antes de regressar a França, no termo de quatro dias passados nos Estados Unidos, o ministro francês da Cultura, Jack Lang, afirmou em Saratoga, onde procedeu à inauguração do Festival do Filme Francês, a sua «cruzada» contra o proteccionismo cinematográfico e cultural americano.

No decurso de uma última reunião com a Imprensa americana, e acompanhado por Alain Delon, Jack Lang mais uma vez reafirmou o princípio dos direitos morais dos artistas.

«Os Estados Unidos assinaram a Convenção de Berna, mas apesar disso não reconhecem os direitos morais dos artistas. Esta questão — acentuou — constituirá o grande debate franco-americano dos próximos meses.»

Ballet Euskadi: um «pot pourri» de retalhos

Se há festivais que de um modo ou outro privilegiam vertentes artísticas específicas — como é o caso da Bienal Universitária de Coimbra a decorrer até dia 24, e que dá um ênfase muito especial ao teatro e sobretudo à dança portuguesa contemporânea — outros há que, através de um ecletismo deliberado, mas nem sempre conseguido, pretendem tocar todas as teclas...

É este o caso dos Festivais de Lisboa, que na área de dança apresentam este ano uma programação particularmente modesta.

Em representação da dança espanhola, deslocou-se este fim-de-semana ao Teatro Maria Matos (com espectáculos no sábado e no domingo), a jovem companhia basca de Bilbao, o Ballet Euskadi, com um programa de bailado clássico algo desusado.

Num palco particularmente adverso à prática deste tipo de dança, a proposta do «Euskadi» foi apesar de tudo não só uma alternativa ao pomposo «D. Quixote» em cena no Teatro de S. Carlos, como também tentou deslocar os espectáculos de bailado na capital, do eixo Chiado-Praça de Espanha.

Ambas as «soirées» consistiram na apresentação de um bailado em duas partes e que consistiu basicamente num «pot pourri» de excertos de obras do repertório russo tradicional (onde pontuaram Paquita, A Bela Adormecida, Quebra-Nozes, D. Quixote, etc.) e de algumas criações originais menores e de gosto

coreográfico duvidoso, da autoria do seu Director Artístico, Rafael Martí.

De um modo geral, os seus bailarinos são bastante bem treinados, dançam com virtuosismo, muita garra e (curiosamente) com uma invejável informalidade, desprezando todavia, aquilo que de mais sagrado especialmente hoje se deve guardar da chamada «danse d'école»: o rigor histórico e a pureza estilística.

Verónica Villar e Mercedes Villanueva, assim como Iñaki Hurtado que empareceirou várias vezes com ambas, são os bailarinos mais interessantes dos vinte e um que compõem a trupe nascida do Jovem Ballet de Bilbao e cujo conjunto feminino é de longe bastante mais apurado que o masculino, mostrando-se à altura de maiores voos.

Com tal ênfase em «morceaux de bravure» de gosto popular (mormente as gastas «Águas da Primavera»), e em que os bailarinos puseram à prova uma certa tendência para habilidades do foro circense — cascadas de piruetas, repetidos saltos de grande amplitude e elevação, etc. — quase nos pareceu estar em presença de um daqueles conjuntos soviéticos que de vez em quando nos visitam sob os auspícios da Associação Portugal - URSS.

Certamente que um repertório menos trivial e de melhor «gosto» ter-nos-ia feito olhar esta companhia de um outro modo, pois que verve e dedicação parece não faltar aos seus jovens e elegantes bailarinos.

Primeiro concurso do CPDD, ontem à noite, no Beato

«Os Jovens e a Dança: dar asas ao talento...»

Iniciativa conjunta do Conselho Português da Dança e do Instituto da Juventude, terminou já na madrugada de hoje o concurso «Os Jovens e a Dança», realizado nos claustros do Convento do Beato.

Fundado em 1983, sob os auspícios da UNESCO, o CPDD é uma associação cultural sem fins lucrativos cujos objectivos são promover a dança nas suas mais variadas vertentes.

Ainda sem uma actividade regular a consistente no nosso país, iniciativas deste tipo visam sobretudo conseguir uma maior implantação do Conselho junto da nossa comunidade da dança, e até mesmo incentivar formas de intercâmbio com outros países.

Lamentavelmente a competição não pôde ser realizada no Norte, o que muito louvavelmente foi intenção da comissão organizadora presidida pela professora Anna Mascolo, tendo em vista descentralizar uma arte praticamente confinada a Lisboa.

De Tavira a Aveiro, passando por Setúbal e Coimbra, participaram neste primeiro concurso do CPDD um total de catorze grupos concorrentes (de profissionais e estudantes) distribuídos por quatro níveis etários e disputando prémios pecuniários e um troféu especial concedido por um grupo de críticos da especialidade.

Todas as obras concorrentes incidiram em duas áreas bem definidas: a dança académica-clássica (não de repertório) e a dança contemporânea, não se tendo manifestado qualquer interesse por obras de folclore,

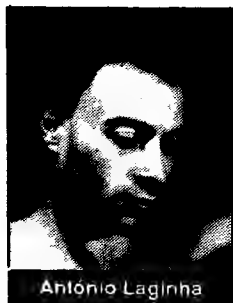
dança-jazz, danças étnicas ou tradicionais!

Esta pequena amostra, que aliás se pretendeu a nível nacional, é bem elucidativa do estado em que o ensino da dança se encontra no nosso país. Pena foi que a ela se não tenha associado o Ministério da Educação, pois que de uma assentada poderia ter tirado «in loco» muitas ilações que possivelmente demoram muitíssimo mais tempo a descodificar dentro das paredes dos gabinetes.

De um modo geral, as obras apoiadas no léxico balético resultaram particularmente frágeis (tanto em termos de composição como de interpretação) enquanto que não mais do que uma meia dúzia de grupos apresentaram um trabalho de nível artístico-técnico minimamente comparável aos padrões exigidos aos seus congéneres estrangeiros.

Os elementos premiados, tanto pelo júri constituído para o efeito, como pelos representantes de alguns dos nossos jornais diários, estão directamente ligados a estabelecimentos de ensino conhecidos, nomeadamente à Academia de Dança de Setúbal, à Escola de Dança Clássica Anna Mascolo, à Escola de Dança do Conservatório Nacional e à Faculdade de Motricidade Humana/ISEF, ou são agrupamentos de pequenas dimensões tais como o jovem Grupo de Dança de Almada e o veterano Dança Grupo.

Em data posterior, e numa gala especialmente organizada para o efeito no Teatro da Trindade, os laureados voltarão a apresentar-se ao público (juntamente com outros artistas convidados) para então receberem os prémios e o aplauso, já sem nervos nem expectativas mas com uma responsabilidade redobrada.



António Laginha

CULTURA E ESPECTÁCULOS

I Encontros Internacionais de Cinema Amascultura inauguraram, sexta-feira, na Malaposta

Abertura sublime

O documentário está para o cinema na mesma razão em que o jornalismo está para a escrita. Um como o outro não têm de ser lidos como géneros maiores ou menores. São apenas falas autónomas, específicas, amadurecidas, cuja excelência depende sobretudo do empenhamento e do saber que nelas se investe. No entanto, o troféu que a Academia de Hollywood anualmente atribui a um documentário não conta sequer para os vários totobolas dos Oscars, pelo simples facto de que, a nível mundial, poucos conhecem os diferentes nomeados.

Consciente da desabitação dos espectadores ante este género cinematográfico, a Amascultura subordinou a ele os I Encontros Internacionais de Cinema, a decorrerem até 2 de Dezembro próximo. A escolha foi justificada na passada sexta-feira, durante a sessão inaugural. Manuel Costa e Silva, membro da comissão organizadora alemã, antes de mais, razões históricas (afinal, «o cinema foi, em primeiro lugar, documentário»). Só que a estas há a acrescentar a angústia de uma tradição que se perde e dissolve, muito por culpa de imperativos comerciais que,



«Douro, Faina Fluvial», na abertura dos Encontros Internacionais de Cinema

por sua vez, condicionam o gosto de forma draconiana.

Costa e Silva está, todavia, confiante na capacidade dinamizadora destes Encontros. E tem razões para isso, a atestar pela abertura sublime com que os Encontros nos brindaram no Centro Cultural Malaposta.

A falta de «Seul», do belga Thierry Knauf, apresentou-se uma obra de que muito se fala, mas pouco se vê: «Douro, Faina Fluvial», realizada por Manoel de Oliveira, espantosa resposta portuguesa a «Lisboa, Crónica Anedótica» de Leitão de Barros. A escolha não podia ser mais acertada. Datado de 1931, «Douro» não perdeu actualidade, antes, pelo contrário, reafirmou-se como notável testemunho das re-

lações que os homens são capazes de estabelecer com um rio. Tal importância tornou-o, porventura, o mais belo documentário da nossa cinematografia e um dos melhores do mundo. A sua passagem pelos Encontros valeu mais do que quaisquer palavras e justifica só por si que se lute por um género que, apesar de esquecido, foi suficientemente nobre para produzir obras de semelhante igualha. É que o ciclo de um cinema com que o grande público não está familiarizado, carece de uma boa introdução. Este (sentimo-lo) teve-a e de que maneira.

Adiante, para nos debruçarmos sobre a segunda obra apresentada durante a sessão inaugural. Oriunda da Bélgica,

«Je Suis Fou, Je Suis Tot, Je Suis Mechant», realizado por Luc de Heusch, demonstrou aos presentes a actual vitalidade do documentarismo no reino de Balduino. É que, para além desta obra com 55 minutos de duração, serão exibidos mais cinco filmes belgas.

«Je Suis Fou, Je Suis Sot, Je Suis Méchant» é uma biografia do pintor James Ensor. Mas aos dados essenciais, às cidades que percorreu, o documentário acrescenta a errância mental do pintor, patente nos seus quadros que, ao longo da primeira metade do século, subverteram de todo os dogmas artísticos. Luc de Heusch aproxima a câmara de certos detalhes da pintura de Ensor até chegar ao grande plano e o que capta é um autêntico carnaval grotesco, em que as fronteiras entre a vida e a morte não são tão óbvias e delimitadas quanto estaríamos habituados a crer. As imagens juntam-se os poemas macabros de Ensor, os sons de ondas devastadoras e assassinas, quando transpõem amuradas e roubam transeuntes ao seu passeio dominical. Uma obra notável, este documentário. Feita a introdução, venham mais e ainda melhores.

María João Martins

CEE: Portugal apoia projecto sobre protecção do património

Portugal apoia hoje em Bruxelas as orientações da Presidência da CEE sobre a protecção dos bens do património artístico, histórico e arqueológico, depois da supressão das fronteiras internas na Comunidade, a partir de 1993.

Em discussão no Conselho de Ministros da Cultura, encontra-se uma proposta de compromisso entre as teses dos Estados-Membros mais proteccionistas e as dos países mais liberais.

Trata-se de um documento que satisfaz as posições que Portugal vem defendendo, as quais se baseiam no artigo 36 do Tratado de Roma, que prevê a possibilidade de os Estados membros poderem restringir ou proibir a importação de obras do seu património nacional de valor artístico, histórico ou arqueológico.

A delegação portuguesa ao Conselho é chefiada pelo secretário de Estado da Cultura, Pedro Santana Lopes.

Forum Europeu de Cinema e Televisão

Mais de duas centenas de profissionais europeus do Cinema e da Televisão rejeitaram sábado em Varsóvia a confusão do interesse público com o do Governo ou de qualquer partido político.

«O sistema de mercado não pode ser usado cegamente: a liberdade de expressão e do interesse público são mais essenciais», alertou Pinto Balsemão, na sessão de encerramento do Forum Europeu da Televisão e do Cinema, reunido durante três dias naquela capital, sob o tema «Os media na Europa Ocidental e de Leste: problemas partilhados, soluções partil-

hadas?»

Os participantes, alguns representando o sector dos países de Leste, reconheceram a situação difícil da Televisão e do Cinema na Europa, nomeadamente em relação à concorrência norte-americana, concluindo, a propósito, sobre a necessidade de soluções para a eliminação das barreiras linguísticas no continente.

Actualmente, a ocupação das salas de cinema na Europa é cerca de metade da registada nos Estados Unidos, ao contrário do que sucedia em 1955, quando era superior à norte-americana em um terço, salientaram.

CONCERTO SINFÓNICO

Ciclo

Luiz de Freitas Branco

Obras de Luís de Freitas Branco

Antero de Quental
Concerto para Violino
Balada para Piano e Orquestra
Guerra Junqueiro
(1.ª audição)

ORQUESTRA DO PORTO
Silva Pereira, maestro
Anibal Lima, violino
Jorge Moyano, piano

SEXTA-FEIRA 23 NOV. 21h30 CINEMA TIVOLI

antena2

ENTRADA LIVRE

DESPORTO

Nacional de futebol

Brumas de suspeição e de incertezas fazem içar vagas de violência

Há muito tempo que romperam os diques da moral do futebol português. Aconteceu muito antes do escândalo de Penafiel. Todos sabem as causas e muitos conhecem os seus protagonistas e fomentadores. Protesta-se, clama-se por moralização, elaboraram-se comunicados, promovem-se reuniões, anuncia-se o nome de alguns agentes responsáveis, enumeram-se casos de suspeição, levanta-se o véu da denúncia, ergue-se o manto da corrupção, mas a avaliar pelo que se passou na última sessão que reuniu os dirigentes dos vários órgãos federativos e os representantes das associações, receia-se que tudo fique na mesma. Ou pior. E não escapa a esta pessimista previsão, a ciência de que, no refogar do futebol, existem interesses aventureiros. Está, decididamente, franqueado o reino da anarquia no futebol português com as brumas das dúvidas e das incertezas em queda sobre os estádios.

A jornada de ontem foi assinalada com mais um leque de episódios vergonhosos que o meu companheiro Neves de Sousa conta na página seguinte. Culpar (apenas) a deficiente actuação do trio de arbitragem chefiado por Carlos Sepa Santos é fazer análise descuidada. A culpa vem de outros sectores e de outra gente e, enquanto não se der uma forte varridela nos insuficientes e incompetentes dirigentes que por aí andam com emblemas clubistas, associativos e federativos, continuaremos a assistir a cenas chocantes e vergonhosas, com reminiscências no temor, na violência e na agressão. O caos de tudo isto não tardará.



O professor Neca ensinou a lição a preceito

Vamos a uma breve «leitura» da fatídica ronda n.º 13. Benfica, Sporting e Porto venceram pela mesma e tangencial marca (1-0). Em Alvalade e no S. Luís os remates certeiros de Leal e Paulo Pereira resultaram da marcação de pontapés de canto, enquanto na Luz coube a Rui Águas a obtenção do «tirinho» que valeu mais dois pontos para o boral da sua colectividade. Um golo algo confuso, mas que valeu os pontos em disputa.

Outra curiosidade: os clubes da Madeira (Marítimo, União e Nacional) não averbaram qualquer ponto, tendo o União baqueado em Penafiel e

o Nacional «tombado» em Guimarães. O Marítimo foi surpreendido nos barreiros frente ao SC Braga que, deste modo passou a «lanterna vermelha» novamente para a posse do Belenenses.

Por «um-zero» triunfaram ainda o Beira Mar (frente ao Famalicão com mais um «petardo» de Sousa) e o Gil Vicente (ante o Vitória de Setúbal na sequência de uma grande penalidade).

Como nota de destaque — distúrbios em Faro, à parte — refira-se que os 10 árbitros em cena, foram forçados a mostrar a cartolina amarela a 46 artistas tendo mandado para o antecedido banho sete.

As ilacções, quanto a este elevado número de «repreensões» e expulsões, que as tiram os doutos dirigentes, com Gilberto Madail no topo da fila, que tornaram possível a alteração à lei no que respeita aos efeitos da mostragem do cartão da cor do sol. Uma decisão que tornou possível o alastrar da indisciplina com as consequências (nefastas) que daí resultam. E não se tenham dúvidas, a violência que se está gerando nas bancadas, tem como origem próxima o que se passa dentro da zona relvada. Prevendo-se que brevemente iremos assistir a uma reunião da assembleia geral da FPF, para análise e discussão



Artur Ferreira: estreia vitoriosa

das convulsões que por aí vão ocorrendo em ritmo alarmante, bom será que alguém com senso (deixamos o «recado» a Fernando Pedrosa, Vieira de Carvalho, Mendes Palitos, Lúcio Barbosa e outros mais) retome o assunto e faça anular a aberrante decisão feita com objectivos que nada têm a ver com a desejada moralização do espectáculo futebolístico.

Foi deficiente a arbitragem feita por Sepa Santos no S. Luís. Cometeu alguns lapsos, sendo o mais grave, a benevolência e tolerância usada, para com os prevaricadores e quando se lembrou de que tinha cartões nos bolsos já era demasiado tarde. Quanto aos

demaís nove parceiros que Lourenço Pinto escalou para a coordenação dos jogos da ronda, nota negativa para João Mesquita (o Chaves tem fartas razões para contestar), o braceiro Adão Mendes foi desastroso no «comando» do encontro de Paranhos e Xavier de Oliveira continua a evidenciar a ausência de potencialidades para o exercício das funções. Aos restantes nada a assinalar em termos negativos sendo justo conceder «menção honrosa» a Jorge Coroado (Beira mar-Famalicão) e Carlos Valente (Marítimo-Braga). É natural, por ambos ostentarem galões dourados.

Alves Henriques



Muita emoção e virilidade no confronto de Paranhos



Na Luz, o pesadelo durou até ao derradeiro silvo do árbitro

DESPORTO

Tiros, gases lacrimogéneos, brava pancadaria...

Nova facada no futebol

Aqui para nós: estranha e complicada maquinação, insólita e causticante vergastada, um terramoto de negros casos rasgando brechas em tudo o que é futebol algarvio. Ontem, para completo desgosto de quantos ainda vamos amando o jogo da esferinha aos saltos, o pior dos atentados aconteceu em Faro.

Tem sido um ver-se-te-avias, uma escalada de arrepiar: e (também) de muito fazer pensar. Pegando no calendário: o presidente Portimonense Manuel João a deitar cá para fora um bom rol de verdades que alguma boa gente não aceitou. Vai daí, com uma prestreza nem sempre usual, com o cutelo mais aguçado que o trivial, ultrapassando celeremente as suas rebuscadas e demoradas inquirições, um dos muito sapientes e doutos conselhos federativos atirou para a indisponibilidade desportiva, por dois anos bem aferidos, o cidadão que tinha ousado proclamar que um rei ia nu pela estrada.

Veio, quase de enfiada, o mal explicado afastamento do antigo juiz internacional César Correia do círculo de cúpula da arbitragem cá da loja: dogmático, senhor de toda a ciência, dos livros, da régua, do esquadro e do compasso, Lourenço Pinto atirou pela borda fora o único representante do Algarve no conclave que escolhe árbitros. Um ostracismo que (certamente) ainda fará correr muita tinta, como ontem nos garantiu o próprio César Correia nos camarotes do S. Luís farense, ainda tão serenos e calmos como o Mediterrâneo que banhava a província das mouras encantadas.

Num repente, a chama cresceu até ao infinito, com a complicada história de Rocambole, vivida em Penafiel, com o mais viajado, credenciado e popular dos árbitros algarvios caindo como um patinho sem papás numa esparrela onde, talvez sem previamente o imaginar, igualmente o presidente Manuel Rocha fica enredado. Uma bem dilatada teia de aranha que apenas (e só) pode ser inteiramente deslindada pela Polícia Judiciária, que será ainda obrigada a horas extraordinárias e a longos processos de análise às contas bancárias e haveres, bens ao luar e riquezas bastante nebulosas que (diz-se) ficaram marcando a actividade de outros colegas de Francisco Silva, possivelmente mais espartalhados na hora de não deixar rasto muito visível das suas façanhas.

Ontem, explodiu o vulcão. E, por culpa de quem? Em primeira e talvez derradeira análise agradece-se esta gentileza à infeliz escolha do lisboeta Sepa Santos para comandar um Farense-Porto que se adivinhou escaldante, tendo em linha de conta que uma recente tentativa de abraço ao Algarve pelos «dragões», com

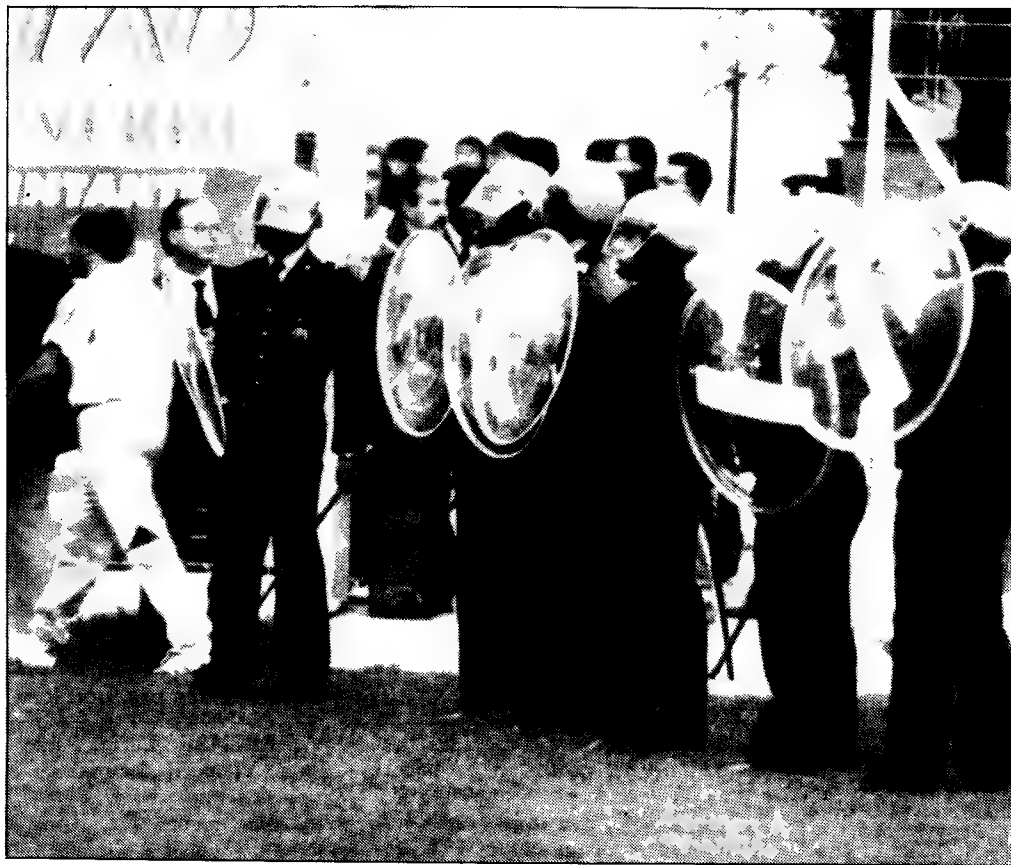
presença bonita a título particular num joginho em Olhão, não fizera ainda total limpeza das imagens deixadas como marcas de vergonha no tal Portimonense-Porto que terminou em guerrilha de trincheiras, salve-se quem puder, fé em Deus para os que puderam escapar de uma salgalhada ainda por bem julgar nos tribunais, o chefe portimonense sentindo que o corte de amizade com o papá nordestino lixava por longas eras o seu emblema.

Como se nota, foi todo um avolumar de fósforos e rastilhos, impondo ao mais leigo dos sujeitos que neste país circulam pelas ruas serena ponderação em relação ao árbitro que deveria tomar conta das rédeas do jogo que, nesta fatídica 13.ª rodada, era cabeça de cartaz na lista de espectáculos. Ora, em lugar de desembarcar em Faro um juiz internacional com traquejo e personalidade, sabedor pleno do tempo até onde poderia deixar a corda esticar, caiu no S. Luís um honesto apaixonado pela arbitragem, precisamente Carlos Sepa Santos, um lisboeta nascido em 1950 que às tantas, perturbado pelo ambiente, atingido na base da cabeça por um objecto voador não completamente identificado (tanto podia ser um saco de plástico com água, como uma das muitas garrafinhas que se vendiam no estádio) caiu sideado no relvado, com toda a plateia a ficar de cabelos arrepiados e espinha fria, desabitada, um rio escorrendo por ele abaixo.

— *Síncope? Enfarte de miocárdio? Congestão? Fractura da coluna ou do occipital?*

Interrogou-se a multidão durante dois longos minutos, os médicos debruçados sobre Sepa Santos, jogadores e fiscais em seu redor, um anel de solidariedade esperando o diagnóstico. Porém, tão bruscamente como quando tombara, Sepa Santos ergue-se, sacode a cabeça e logo se dirige para a linha lateral do lado da bancada, onde se encontravam os bancos dos dois clubes. E começa uma incrível Via Láctea, de polícia em polícia, sempre indagando quem mandava no destacamento da autoridade, cada guarda apontando para o companheiro da esquerda e o árbitro, entre risota de largo sector, a parecer um corredor de fundo entregando a estafeta a tudo o que estava fardado em redor do relvado. E, veja-se bem a malandrice ou o acaso: o comissário da PSP que mais ordenava estava do lado fronteiro ao agente que mandou iniciar a volta ao circo!

Bem: acabou este intermédio tragicómico, o pagode voltou a sentar-se, limpou o suor da testa ao constatar que ainda não era caso para marcar missa do 7.º dia por alma de quem quer que fosse e preparou-se para ver qualquer coisinha de futebol, que bem



Para o pagode, com os cumprimentos da gerência do futebol

arredado tinha estado logo a partir dos primeiros chutos, por acaso sempre endereçados às canelas do artista que mais perto ia passando da Linha Maginot, como se a rapaziada estivesse em camuflado, de capacete em aço e G3 nas unhas.

Mas a coisa ia correndo, bom futebol viste-o, vamos lá a ver se a cruz chega ao Calvário. Antes da função, tinha acontecido a já tradicional recepção *desamistosa* aos enviados das Antas desde que não aterram em palco da simpatia azul-branco, dos conformes com a sua visão da vida. Jorge Nuno Pinto da Costa, Reinaldo Teles, Artur Jorge, suplentes e até o bom doutor Domingos Gomes, mimoseados com um banho de líquidos em várias tonalidades, não propriamente perfumes Cardin mas, no melhor dos casos, água fresquinha. Depois começou o cerco ao banco portista, primeiro por meia dúzia de garotinhos que pareciam brincar no jardim, depois já com sujeitos de mais fechada e inflexível catadura, consoante o tempo ia desfilar nos relógios. Ao intervalo, para mais excitar quem já estava com os nervos em franja, viu-se o técnico farense Paco Fortes em marcha acelerada até junto do trio de arbitragem, provavelmente para saber como estava o tempo nos antípodas. No rectângulo ficou a certeza de que o espectáculo não seria propriamente para futura exibição nas escolas ou nos conventos de freirinhas.

Realmente, conforme as folhas iam correndo, intensificava-se o braseiro, todo um clima de incógnito arrebato a sair pelas bocas das duas falanges, embora (honra lhes seja feita) tanto os dirigentes farenseiros como al-

guns dos seus jogadores (Eugénio, Quim) tudo tivessem feito para ir deitando água na fervura, em boa medida também secundados por sensatos espectadores que já palpitavam que ia haver «molho» ao fechar da tenda.

O único que continuou a actuar em linha uniforme foi o árbitro: Sepa Santos apenas teve o cuidado de deitar para as urtigas a «lei da vantagem» porque, no resto, tudo era co-co. Pontapé, empurrão, cabeçada, cotovelada, pisadela, trinta e um de boca, chamamento à ancestralidade mais querida entre vários intérpretes do «show», tudo ia transitando em julgado, garrafas poisando suavemente sobre a relva, a vedação atacada por jovens que queriam ir abraçar os chutadores do emblema contrário, o banco portista sujeito a tratos de polé, nem um só dos profissionais da bola a deixar de conhecer a queda porque também nenhum poupava quem estava com as pernas mais perto da foice, mais à ordem de semear.

Ao meu lado, havia quem estivesse atento às estatísticas: tantos murros, xis de pontapés, rasteiradas a dar com um pau. Pitico, fugindo do arame farpado, refugiava-se na lateral: o sonho era tornar-se fiscal de linha, mas do lado das cabanas, porque na nossa banda aquilo estava em ponto de rebuçado. Quim andava de rodilhas, Geraldão acertava um teleguiado directo em Curcic, Mané vinha para o olho da rua, a orquestra tocava afinadinha que era um regalo para os apaixonados pelo «catch».

Sepa Santos andava naquele mar sem bóia nem barbatanas. Já passava da hora e Paco Fortes comete um erro palmar: manda sair Pitico e avan-

çar Marco, coisa que mais ainda chateou amigos do Farense. E o tempo a passar, Curcic também a ceder o posto a Ricardo mas com uma tal rapidez que parecia que os algarvios ainda queriam vencer o duelo, embora os portistas carregassem a toda a brida, apenas Vítor Bafa lá ao longe, deitando o rabo do olho para quem tinha alvejado Sepa Santos e continuava comodamente instalado no topo da bancada que dá para a rua sportinguista. E, quando todo o mais elementar bom-senso recomendava que Sepa Santos aproveitasse já estarem corridos 90 e tal bons minutos e a porta para o duche estar a um passo, não senhor: toca de ainda mandar que se marcasse um pontapé de canto contra os algarvios, estavam para afdez farenseiros e outros tantos portistas a dois palmos do risco branco à guarda de Lemajic. Domingos cruzou e, num cacho de gente, metade com os pés pesando como chumbo e outra com a cabeça à espera da esfera, eis que o couro fica a carimbar a testa de Paulo Pereira e, adeus minhas encomendas: era o golo, solitário, sem perfume, sem beleza, mas que marcava nitidamente a fronteira entre o querer e o poder.

Então, foi o fim da macacada. Mais esticões à vedação, corridas para onde calhava, murro e estalo fervendo entre as guardas avançadas dos dois estandartes, a PSP incrivelmente de braços em baixo e o Corpo de Intervenção timidamente fazendo entrada no recinto apenas para proteger a saída dos juízes e dos dirigentes portistas.

Mas, o pior estava para acontecer. O repórter televisivo Manolo Belo ainda teve

tempo para sossegadamente entrevistar o presidente farense António Begonha e o preparador físico portista Hernâni Gonçalves, mas quando chegou à zona dos balneários, já uns milhares de apressados amigos de Sepa Santos, mais dos fideis Ildefonso Gomes e Carlos Pires, estavam na linha de cerco à cidadela.

Gases lacrimogéneos, tiros, pancadaria de catálogo (para todos os gostos e feitios), carros riscados e apedrejados, o próprio autocarro do Farense que fora cedido para o transporte dos jogadores portistas ao aeroporto a ficar com tantas marcas como se tivesse acabado de ser considerado salvo de guerra no Vietname. Desculpem mas não é exagero: a multidão, sempre acéfala ou bem comandada, fazendo das suas.

O pavilhão onde se jogava o Farense-Seixal, para a *taceira* competição basquetebolística, ficou sem ar respirável: os gases faziam tombar miúdos e graúdos, senhoras e militares sem graduação. Um tiro acertou em pé desprevenido, outro enfiou-se nos testículos de desprevenido cidadão, mais outro foi apanhar uma criança, os berros e as correrias faziam lembrar um filme do Oeste, da série OK Corral, muitos espadachins avançando para a delegação da RTP, escaqueirando portas e vidros, ameaçando e não só.

Lá apareceu o presidente da edilidade (João Botelho) que, inteligentemente, pediu às forças policiais para regressarem a quartéis, não continuarem o diálogo com aquele boa gente que apenas queria a pele e um pedaço da camisa de Sepa Santos, vá lá também um *recurso* da vestimenta de Ildefonso Gomes, o fiscal do lado da bancada que Paco Fortes só não tinha fulminado em trânsito porque a pistola do olhar encravara com o golo portista.

Por fim (muito para o fim, diga-se) Sepa Santos e os seus bandarilheiros conseguiram chegar incólumes à localidade de Patacão, num cortejo que metia polícias motorizados, polícias em carros nvea, ainda mais polícias de viseira e escudo ao longo do percurso, como se estivesse a desfilar Gorbachev ou Bush e existisse denúncia de atentado à bomba. Para trás, no hospital, ia entrando variada clientela, quem tinha apenas nódoas negras recolhia a penates amparado pela família, quem tinha furinhos ou ainda não conseguia pesanejar gemia por tudo o que era sítio à espera de vez antes de chegar nova leva de médicos.

Não restem dúvidas: na verdade, foi um rico domingo para quem esperava futebol em Faro. Afinal, bem vistas as coisas, meia palavra basta: quem semeia ventos não fica sujeito a tempestades?

Neves de Sousa

DESPORTO

Campeonato Nacional da 1.ª Divisão

Belenenses: o regresso à base

Boavista-Belenenses

Árbitro: João Simãozinho (Leiria).

BOAVISTA: Hubart; Casaca, Frederico, Barny, Caetano, Jaime Alves, Bobó (Parente, aos 76), Walker, Jorge Andrade (Marlon, 80), Nelson e Nelo.

BELENENSES: Mihaylov; Carlos Ribeiro (Jaime, 80), Morato (Edmundo, 63), Oliveira, Zé Mário, Juanico, Chiquinho, Macaé, Paulo Sérgio, Sadkov e Nito.

Golo de Frederico (24 minutos).

Acção disciplinar: Cartão amarelo para Frederico (20), Carlos Ribeiro (65) e Sadkov (77).

Salgueiros-Estrela da Amadora

Árbitro: Adão Mendes (Braga).

SALGUEIROS: Madureira; Nelson, Pedro, Jorge Costa, Djoincevi, Milovac, Vinha, Álvaro Soares (Miguel, aos 84m), Tozé (Jorge Silva, 75m), Nolic e Rui Frana.

EST. AMADORA: Melo; Rui Neves (Marito, 45m), Duílio, Valério, Dimas, Miranda, Abel Campos (Baroti, 60m), Rebelo, Ricky, Paulo Bento e Paulo Jorge.

Golos de Vinha (14), Nolic (60, de grande penalidade) e Miranda (71).

Acção disciplinar: Cartão amarelo para Abel Campos (34), Rui Frana (39), Nelson (68), Djoincevi (80), Marito (87) e Valério (88).

Penafiel-União da Madeira

Árbitro: Carlos Calheiros (Viana do Castelo).

PENAFIEL: Quim; Abel, Vasco, Tomás, Mário Augusto, Rebelo, Roldão (Adão, aos 65), Nogueira, Secretário,

Reinaldo e Moreira de Sá (Ricardo, aos 77).

UNIÃO DA MADEIRA: Valente; Nelinho, Dragan, Carlos Manuel (Rui Neves, aos 57), Alfredo, Matias, Horácio, Markoviz (Rogério, aos 57), Lepi, Vicente e Valadas.

Golos de Moreira de Sá (5 minutos), Reinaldo (40) e Matias (82, autogolo).

Acção disciplinar: Cartão amarelo para Valadas (14) e Secretário (67).

Guimarães-Nacional

Árbitro: Soares Dias (Porto).

GUIMARÃES: Jesus; Nando, Germano, Basílio, Bené, Soeiro, N'dinga, Basaúla (Mbouh, aos 75), Caio Júnior, Batista e Chiquinho (Peixoto, aos 76).

NACIONAL: Gilmar; Tininho, Paulinho, Toninho, Paulito, Hélio, Robertinho, Miguel (Muchacho, aos 45), Dinis, Edu e Edmilson.

Golos de Caio Júnior (33), Chiquinho (40 e 67) e Muchacho (78).

Acção disciplinar: Cartão amarelo para Dinis (4), Basílio (43) e Bené (88).

Gil Vicente-Setúbal

Árbitro: Xavier Oliveira (Porto).

GIL VICENTE: Zé Nuno II; Zé Nuno I, José Carlos, Valdir, Rui Carlos, Valido, Neco (Paulo Alves, aos 53), Rosado, Nogueira, Rui Filipe e Folha (Ricardo Jorge, aos 85).

SETÚBAL: Jorge Martins; Crisanto, Quim, Jorge Ferreira, Dito, Figueiredo, Serra (Carlos Freitas, aos 75), Nunes, Amâncio, Mladenov (Rui Masside, aos 74) e Diamantino.

Golo de Zé Carlos (70m, de "penalty").

Acção disciplinar: Cartão



Bessa: ainda não foi desta que o Belenenses pontuou fora

amarelo para Nunes (39), Serra (47), Dito (53), Amâncio (55), Jorge Ferreira (70) e Ricardo Jorge (87). Cartão vermelho para Nunes (39), Figueiredo (78) e Diamantino (84).

Beira Mar-Famalicão

Árbitro: Jorge Coroado (Lisboa).

BEIRA MAR: Hélder; Oliveira, Zé Ribeiro, Redondo, Petrov, China, Abdel Ghany, Sousa, Tozé (Barreto, aos 77), Jorge Silvério e Spassov (Penteado, aos 85).

FAMALICÃO: Figueiredo; Porfírio, Tantã, Lula, Ben-Hur, Chiquinho, Leomir, Carlos Miguel (Gomes, aos 60), Hassan, Cacioli e Domingos Gomes.

Golo de Sousa (32 minutos).

Acção disciplinar: Cartão amarelo para Tantã (31) e Jorge Silvério (65).

Benfica-Chaves

Árbitro: João Mesquita (Porto).

BENFICA: Silvino; José Carlos, Ricardo, William, Fernando Mendes, Veloso, Paneira, Pacheco, Rui Águas, Valdo (Sousa, 87m) e Isafas (Vata, 45).

CHAVES: Tavares; Vicente, Filgueiras, Manuel Correia, Gilberto, David, Diamantino, Paulo Alexandre (Erasmus, 73m), Rogério, Lila e Rudi (Coelho, 31m).

Golo de Rui Águas (67 minutos).

Acção disciplinar: Cartão amarelo para Ricardo (48), Pacheco (81), Diamantino (57), Rudi (25), Erasmus (78) e Lila (20).

Sporting-Tirsense

Árbitro: Fortunato Azevedo (Braga).

SPORTING: Ivkovic; Carlos Xavier, Leal, Venâncio, Bjozinovski, Filipe, Oceano, Douglas, Gomes, Careca (Litos, aos 84) e Cadete.

TIRSENSE: Lúcio; Paulo Pires, Vlamecir, Louro, Sérgio, Eusébio (Caetano, aos 70), Nascimento, José Maria, Dreiffus, Tueba e Silvino.

Golo de Leal (67 minutos).

Acção disciplinar: Cartão amarelo para Bozinovski (8), Jospé Maria (17), Carlos Xavier (26), Vlamecir (45), Nascimento (56) e Eusébio (63). Cartão vermelho para Bozinovski (58) e Nascimento (58).

Farense-Porto

Árbitro: Sepa Santos (Lisboa).

FARENSE: Lemajic; Portela, Luisão, Stefan, Eugénio, Quim, Pítico (Marco, aos 87), Sérgio Duarte, Curcic (Ricardo, aos 89), Hadjry e Mané.

PORTO: Baía; Fernando Couto, Paulo Pereira, Aloísio, Geraldão, Kiki (Baltazar, aos 45), Jorge Couto (Paille, 83), Kostadinov, Domingos, Semedo e André.

Golo de Paulo Pereira (90 minutos).

Acção disciplinar: Cartão amarelo para Hadjry (43), Paulo Pereira (50), Pítico (55) e Geraldão (65). Cartão vermelho para Mané (79).

Marítimo-Braga

Árbitro: Carlos Valente, Setúbal.

MARÍTIMO: Everton; Barriga (Wando, 56 minutos), João Luís, Carlos Jorge e Rui Vieira, José Luís, Marquinhos (Quedes, 56), Quinho e Peter Hinds; Nunes e Esquerdinha.

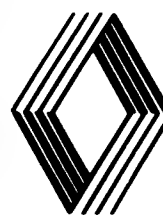
SPORTING DE BRAGA: Regis; Chico Silva, Kapa, Vítor Duarte e Moroni; Mladenov, Joaquim Machado, João Mário e O'Hana (Forbs, 64) Serrinha (Carvalho, 64) e Santos.

Acção disciplinar: Cartão amarelo para o técnico Paulo Autuori (37), O'Hana (48), Carlos Jorge (51), Quinho (52), Moroni (60) e Forbs (72).

Golo de Santos (30 m).

RESULTADOS

BOAVISTA	1-0	BELENENSES
SALGUEIROS	2-1	E. AMADORA
PENAFIEL	3-0	U. MADEIRA
GUIMARÃES	3-1	NACIONAL
G. VICENTE	1-0	SETÚBAL
B. MAR	1-0	FAMALICÃO
MARÍTIMO	0-1	BRAGA
BENFICA	1-0	CHAVES
SPORTING	1-0	TIRSENSE
FARENSE	0-1	PORTO



RENAULT

FERNANDO DE OLIVEIRA & FILHOS, LDA
Vendas: Rua Miguel Bombarda, 26
Sete Portais - Telha
Assistência - Peças: Sete Portais - Telha
2830 BARREIRO

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º SPORTING	13	12	1	0	31-6	25
2.º F.C. Porto	13	12	0	1	26-7	24
3.º S.L. Benfica	13	11	1	1	27-4	23
4.º B. Mar	13	5	7	1	18-11	17
5.º Boavista	13	7	2	4	16-13	16
6.º V. Guimarães	13	5	5	3	12-9	15
7.º G. Vicente	13	5	4	4	14-15	14
8.º Marítimo	14	5	3	6	14-15	13
9.º U. Madeira	13	4	4	5	12-18	12
10.º Salgueiros	13	5	2	6	12-18	12
11.º Farense	14	5	2	7	12-16	12
12.º Tirsense	13	3	5	5	10-13	11
13.º E. Amadora	13	4	3	6	16-19	11
14.º Nacional	13	3	5	5	9-15	11
15.º Famalicão	13	3	3	7	10-14	9
16.º V. Setúbal	13	2	5	6	10-15	9
17.º Penafiel	13	4	1	8	12-25	9
18.º D. Chaves	13	1	6	6	12-20	8
19.º Braga	13	2	2	9	9-21	6
20.º Belenenses	13	2	1	10	7-15	5

Próxima jornada (14.ª - 25/11): Belenenses-Farense; Estrela da Amadora-Boavista; União da Madeira-Salgueiros; Nacional da Madeira-Penafiel; Vitória de Setúbal-Vitória de Guimarães; Famalicão-Gil Vicente; Sporting de Braga-Beira Mar; Desportivo de Chaves-Marítimo; Tirsense-Sport Lisboa e Benfica e Futebol Clube do Porto-Sporting Clube de Portugal.

TOTOBOLA

A chave

Sporting-Tirsense	1
Farense-Porto	2
Benfica-Chaves	2
Boavista-Belenenses	1
Salgueiros-E. Amadora	1
Penafiel-U. Madeira	1
Guimarães-Nacional	1
G. Vicente-V. Setúbal	1
B. Mar-Famalicão	1
Marítimo-Braga	2
P. Ferreira-Feirense	1
Leixões-B.C. Branco	1
Estoril-Portimon.	X

Totoloto
16 - 17 - 22 - 24 - 36 - 37 (25)

Totoloto: «jackpot» foi repartido

Os Serviços de Escrutínio da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa prevêem que oito a nove matrizes tenham acertado no primeiro prémio do Totoloto, cabendo a cada uma cerca de 24 mil contos.

O segundo prémio deve ser distribuído por 29 a 32 matrizes, com um valor individual aproximado de 1150 contos.

Cento e vinte contos é o valor estimado para cada uma das 766 a 833 matrizes que se prevêem para o terceiro prémio, enquanto que o quarto prémio terá um valor individual de cerca de dois mil escudos, já que deverão ser escrutinadas entre 45 577 a 49 601 acertadores.

A nossa aposta

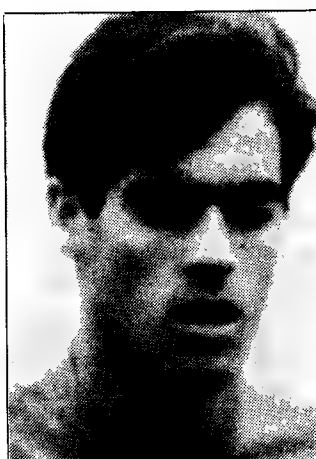
Concurso n.º 47
25 de Novembro de 1990

Porto-Sporting	X
Tirsense-Benfica	2
Belenenses-Farense	1
E. Amadora-Boavista	X
U. Madeira-Salgueiros	1
Nacional-Penafiel	1
Setúbal-Guimarães	1
Famalicão-G. Vicente	1
Braga-B. Mar	1
Chaves-Marítimo	1
Feirense-Aves	1
B.C. Branco-P. Ferreira	1
Barreirense-Académica	X

O quinto prémio será distribuído por 893 047 a 971 903 matrizes, cabendo a cada uma cerca de 160 escudos.

O primeiro prémio (13 resultados certos) do Totobola será distribuído por 1714 a 1842 apostas, com um valor individual de cerca de onze contos.

Com 12 resultados certos, as previsões apontam para a existência de 51 786 a 55 680 matrizes, cabendo a cada uma perto de 370 escudos e o terceiro prémio (11 resultados certos) deve valer apenas 60 escudos para cada uma das 338 463 a 363 915 matrizes ganhadoras.



Goleadores: Águas e Gomes em marcação cerrada

O benfiquista Rui Águas, que marcou o golo da vitória da sua equipa frente ao Chaves, igualou Fernando Gomes, do Sporting, no primeiro lugar da classificação dos melhores marcadores do Nacional de futebol da primeira Divisão.

Nesta ronda seis jogadores fizeram a sua estreia como marcadores na actual temporada: Vinha e Rebelo (Salgueiros), Caio Júnior (Guimarães), Sousa (Beira Mar), Santos (Marítimo) e Paulo Pereira (FC Porto).

Após 13 jornadas, a lista dos melhores marcadores na primeira Divisão é a seguinte: 1.º, Fernando Gomes (Sporting) e Rui Águas (Benfica), 12 golos; 3.º, Jorge Silvério (Beira Mar) e Geraldo (FC Porto), 7; 5.º, Jorge Andrade (Boavista), Curcic (Farense), Domingos (FC Porto), Tozé (Salgueiros) e Ricky (Est. Amadora), 6; 10.º, Spassov (Beira Mar) e Peter Hinds (Marítimo), 5.

DESPORTO

Divisão de Honra

Paços de Ferreira: mais um passo

Beneficiando da derrota (inesperada) da Académica de Coimbra no seu estádio frente ao Elvas, o Paços de Ferreira (que derrotou o Feirense por 1-0) colocou-se a par dos «estudantes» na liderança da pauta classificativa da Divisão de Honra, com a curiosidade de ambos registarem o mesmo número de triunfos, empates e derrotas. Na sua «cola» estão o Torreense, Estoril e União de Leiria distanciados apenas por dois pontos e, depois, surge outro trio formado pelo Aves, Elvas e União de Leiria (menos três pontos) seguindo-se o Feirense, Leixões, Portimonense e Académico de Viseu (menos quatro). Quatro pontos a separar o 1.º do 12.º o que revela grande equilíbrio entre os candidatos à subida ao escalão maior do nosso futebol. Fora de combate parecem estar o Freamunde (5 pontos) e Barreirense, Águeda e Maia (8). A luta para estes já não será a subida, mas apenas a manutenção no escalão secundário. Bom, mas ainda faltam 25 jornadas...

Resultados: Paços de Ferreira-Feirense, 1-0; Leixões-Benfica de Castelo Branco, 4-1; Lusitano de Vila Real de Santo António-Louletano, 1-0; Estoril Praia-Portimonense, 1-1; Torreense-Recreio de Águeda, 3-2; Académico de Viseu-Varzim, 0-0; Académica de Coimbra-«O Elvas», 0-2; Sporting de Espinho-Barreirense, 5-1; Maia-Freamunde, 2-3; e Desportivo das Aves-União de Leiria, 0-0.

	J	V	E	D	G	P
1.º ACADÉMICA C.	13	8	2	3	16-9	18
2.º P. Ferreira	13	8	2	3	19-15	18
3.º B.C. Branco	13	6	4	3	17-14	16
4.º Torreense	13	6	4	3	22-14	16
5.º Estoril	13	6	4	3	14-9	16
6.º U. Leiria	13	5	5	3	12-8	15
7.º D. Aves	13	5	5	3	16-13	15
8.º «O Elvas»	13	6	3	4	14-13	15
9.º A. Viseu	13	4	6	3	16-15	14
10.º Feirense	13	5	4	4	11-8	14
11.º Leixões	13	6	2	5	13-12	14
12.º Portimon.	13	6	2	5	28-15	14
13.º Louletano	13	5	2	6	20-19	12
14.º Varzim	13	3	5	5	11-13	11
15.º Lusitano V.R.S.A.	13	3	5	5	5-11	11
16.º S. Espinho	13	4	2	7	14-16	10
17.º Maia	13	4	0	9	15-20	8
18.º R. Águeda	13	4	0	9	15-26	8
19.º Barreirense	13	2	4	7	13-31	8
20.º Freamunde	13	1	3	9	14-25	5

Próxima jornada (14.ª — 25/11): Feirense-Desportivo das Aves; Benfica de Castelo Branco-Paços de Ferreira; Louletano-Leixões; Portimonense-Lusitano de Vila Real de Santo António; Recreio de Águeda-Estoril Praia; Varzim-Torreense; «O Elvas»-Académico de Viseu; Barreirense-Académica de Coimbra; Freamunde-Sporting de Espinho; e União de Leiria-Maia.



Surpresa em Alvalade onde os juniores do União de Leiria empataram (1-1)

Juniores

Série A: Rio Ave-Famalicao, 3-0; Guimarães-Ponte da Barca, 6-0; Torre de Moncorvo-Freamunde, 0-6; Varzim-Vianense, 4-0; Gil Vicente-Fafe, 1-0; Chaves-Limianos, 5-1; e Braga-Vizela, 1-0.

Série B: Mangualde-Académico, 1-1; União de Coimbra-Beira Mar, 0-0; Leixões-Maia, 6-0; Lusitânia de Lourosa-Porto, 1-3; Almeida-Boavista, 0-8; Sátão-Régua, 0-0; e Oliveira do Hospital-Salgueiros, 2-1.

Série C: Tramagal-Alverca, 0-1; União de Tomar-Académica de Coimbra, 0-0; Sporting-União de Leiria, 1-1; Olivais e Moscavide-«Os Nazarenos», 3-0; Estrela da Amadora-Naval 1.º de Maio (adiado par 24 de Novembro); Benfica de Castelo Branco-Sporting de Pombal, 2-0; e Campomaiorense-Benfica, 0-4.

Série D: Desportivo de Beja-Estoril Praia, 0-1; Amora-Olhansense, 0-0; Belenenses-Barreirense, 0-0; Almada-Farense, 0-2; Vitória

de Setúbal-Quimigal, 3-0; Juventude de Évora-Lusitano de Vila Real de Santo António, 3-0; e Portimonense-Casa Pia, 2-0.

Juvénis

Série A: Vila Real-Leixões, 0-1; Bragança-Guimarães, 0-1; Chaves-Freamunde, 0-1; Braga-Porto, 0-1; Salgueiros-Fafe, 5-0; e Areosense-Vianense, 0-4.

Série B: Vilanovense-Beira Mar, 2-1; Sombras Negras-Académica, 0-4; Académico de Viseu-Feirense, 0-1; Águeda-Ginásio Figueirense, 0-3; Lourosa-Boavista, 0-1; e Espinho-Cinfães, 2-3.

Série C: Estoril-Belenenses, 2-0; Sporting-Atlético, 4-1; Torreense-União de Coimbra, 0-0; Loures-Oriental, 0-0; Alcains-Benedictense, 0-1; e Estrela da Amadora-Almeirim, 6-1.

Série D: Barreirense-Almada, 3-0; Olivais e Moscavide-Olhansense, 1-2; Costa de Caparica-Louletano, 1-1; Setúbal-Farense, 1-2; Lisboa e Évora-«O Elvas», 0-2; e Benfica-Desportar, 2-0.

Taça de Portugal

Realizou-se a 3.ª eliminatória da Taça de Portugal ainda sem a participação das equipas da 1.ª Divisão e II Divisão de Honra.

Zona Norte: Ponte da Barca-Mirandela, 0-3; Mondinense-Mogadourense, 3-0; Vila Real-Ermesinde, 3-0; Moreirense-Paivense, 3-1; Lixa-Esposende, 1-0; Delães-Felgueiras, 2-2; Perafita-Rio Ave, 1-1; Marco-Infesta, 1-0; Monção-Arsenal de Bessa, 1-1; Vizela-Joane, 3-0; Leça-Áliados do Lordelo, 3-0; Valpaços-Vieira, 1-3; Ronfe-Oliveira do Douro, 1-2; Pedras Salgadas-Sandinenses, 2-2; Fafe-Régua, 2-0; São Martinho-Arsenal de Braga, 1-2; Valdevez-Bragança, 2-1; Vilaverde-União de Lamas, 1-3; Paredes-Maximinense, 5-0; Lousada-Amarante, 2-1; Trofense-Rio Tinto, 1-1; e Pedrouços-Merelinense, 6-1.

Zona Centro: Tabuense-Benedictense, 1-0; Lourinhense-Oliveira do Hospital, 1-1; Ovarense-Santacombadense, 2-0; Cortegraga-Alcanenense, 1-0; Gouveia-União de Tomar, 0-4; Fundão-Mortágua, 1-2; Marinhense-Mirense, 3-0; Vildemoinhos-Oliveira do Bairro, 1-1; Marialvas-Anadia, 1-0; Estarreja-Covilhã, 1-0; Ponte de Sôr-

União de Santarém, 1-3; Oliveirense-Mealhada, 4-0; Valonguense-Mangualde, 0-0; Caldas-Avanca, 1-0; Portalegrense-Lousanense, 1-1; Meda-Peniche, 1-0; Ala Arriba-Sertanense, 0-0; Viseu Futebol Clube-Alcobaca, 3-0; Nelas-Esmoriz, 1-2; Oliveira-Torres Novas, 1-0; Mirandense-União de Coimbra, 0-0; Sanjoanense-Guarda, 2-0; e Alcains-Naval, 2-1.

Zona Sul: União de Santiago do Cacém-Esperança de Lagos, 1-4; Malveira-Alverca, 2-0; Seixal-Odivelas, 2-0; Estremoz-Portosantense, 1-1; Fanhões-Praiense, 1-0; Sport Lisboa e Olivais-Lagoa, 0-2; Montijo-Atlético, 0-0; Quimigal-União de Almeirim, 1-1; Juventude de Évora-Imortal, 0-0; Borbense-Almada, 3-2; Sacavenense-Olivais e Moscavide, 1-4; P. da Caparica-Sintrense, 0-1; Juventude de Belém-União de Montemor, 3-2; Loures-Piense, 3-0; Silves-Moura, 3-1; Olhanense-Sarinense, 3-1; Musgueira-Santa Clara, 2-0; Lusitano de Évora-Vilafranquense, 1-0; Futebol Benfica-Campomaiorense, 0-3; Samora Correia-Palmelense, 0-2; Marinhais-Amora, 0-1; e Oriental-Quarteirense, 2-2.



Estoril: o objectivo é regressar à 1.ª Divisão



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 7037

Processo 1/2017

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 448/76, de 5 de Junho, e outros, está patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Centro Distribuição de Santarém a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 15 kV, com origem no apoio n.º 2 da linha para o PT STR 72 Tojosa e término no PT STR 466 S. Vicente do Paul, com 532 metros, na freguesia de S. Vicente do Paul, concelho de Santarém, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE SANTARÉM, durante 15 dias, nas horas de expediente.

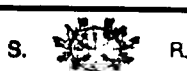
Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 9 de Novembro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL»: 19/11/90



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA
DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-D

Processo 1/115

Faz-se público que, nos termos e para efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 448/76, de 5 de Junho, e outros, está patente o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal, E.P., Direcção Distribuição Tejo a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea, a 60 kV, n.º 6517, entre o SE n.º 6808 Carrascal e o PS n.º 7045 Maxoqueira, com 8941 metros, nas freguesias de Samora Correia, Barrosa e Benavente, concelho de Benavente, na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE BENAVENTE, durante 15 dias, nas horas de expediente.

Estará também patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo n.º 81, 3.º andar, tel. 548807, durante 15 dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República».

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 12 de Novembro de 1990

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

«DL»: 19/11/90

DESPORTO

B R E V E S

Toshack no desemprego

O galês John Toshack apresentou o pedido de demissão do cargo de técnico da equipa de futebol do Real Madrid, segundo anunciou a Rádio Nacional de Espanha.

A derrota averbada sábado frente ao Valencia por 2-1 e o facto da equipa se encontrar na sexta posição da tabela classificativa, foram as razões que estiveram na base da decisão de Toshack.

Já há três semanas a imprensa espanhola noticiou a saída de John Toshack de técnico do Real Madrid, valendo na altura um «voto de confiança» dado pelo presidente do clube, Ramon Mendonza.

Segundo a Rádio Nacional de Espanha, o comando técnico do Real Madrid ficará entregue ao antigo futebolista, Alfredo Di Stefano, enquanto o presidente não arranja um substituto.

Recorde-se que John Toshack, celebrou-se como futebolista ao serviço do Liverpool, tendo até agora orientado o Swansea (País de Gales), Sporting (Portugal), Real Sociedad e Real Madrid (Espanha).

Maradona: distinção

Diego Maradona, avançado do Nápoles (Itália), foi distinguido com o Prémio Konex de Brilhantes, sendo considerado o melhor desportista argentino da última década.

Os Prémios Konex foram instituídos em 1980 pela fundação argentina com o mesmo nome e distinguem as personalidades que mais se destacaram no desporto, espectáculos, literatura, música, ciência e tecnologia, artes e humanismo, entre outras actividades.

Este ano, os prémios foram concedidos entre os desportistas mais em evidência durante os últimos 10 anos, por um júri integrado por jornalistas da especialidade.

Maradona obteve a máxima distinção, o Konex de Brilhantes, sendo atribuídos troféus de platina a Gabriela Sabatini (ténis), Hugo Porta (rúgbi), Carlos Reutemann (automobilismo) e Santos Laciar (pugilismo), entre outros.

UEFA castiga

A comissão de controlo e disciplina da UEFA sancionou o Olympiakos, da Grécia, com dois jogos à porta fechada nas taças europeias, tendo punido o Magdeburgo, da Alemanha, e o Bordéus, de França, com outras penas.

A sanção imposta ao clube grego deve-se aos distúrbios provocados pelos seus adeptos durante o jogo da primeira mão dos oitavos de final da Taça das Taças, frente à Sampdoria, que venceu a eliminatória.

O órgão disciplinar da União Europeia de Futebol obrigou o Magdeburgo a efectuar um jogo à porta fechada, devido aos incidentes ocorridos na primeira ronda da segunda eliminatória da Taça UEFA, com o Bordéus, de França.

O Magdeburgo, afastado pelos gauleses, deverá pagar ainda uma multa de 20 mil francos suíços (cerca de dois mil contos) pelo comportamento antidesportivo dos seus jogadores e má organização do encontro.

Simultaneamente, a comissão de controlo e disciplina multou o Bordéus em 24 mil francos suíços (cerca de 2400 contos) por comportamento incorrecto dos seus futebolistas e entrada irregular de um técnico no relvado.

Futebol lá fora

Real Madrid: a crise também atinge os «históricos»

Um passe de Paulo Futre originou o remate certeiro de Manolo, aos 35 minutos, que permitiu ao Atlético de Madrid vencer, no seu terreno, o Sevilla (1-0), em jogo da 11.ª jornada do Campeonato espanhol de Futebol da primeira Divisão.

O Atlético de Madrid, quarto classificado com 14 pontos, teve no alemão Bernd Schuster o catapultador de quase todo o seu jogo ofensivo, bem auxiliado por Paulo Futre através de rápidos e perigosos arranques pelo flanco esquerdo.

O Barcelona, actual líder da prova com 18 pontos, goleou no seu terreno o Castellon por 6-0, com três golos de Stoichkov e um de Eusebio, Bakero e Julio Salinas.

A grande surpresa da jornada foi protagonizada pelo Real Madrid derrotado sábado no terreno do Valencia por 2-1. Os detentores do título espanhol, estão agora na sexta posição a comprometedores cinco pontos de distância do Barcelona.

Na partida de Valência, o mexicano Hugo Sanchez foi expulso depois de converter com êxito uma grande penalidade da qual resultaria o tento de honra da sua equipa.

Resultados da décima primeira jornada: Barcelona-Castellon, 6-0; Atlético de Madrid-Sevilla, 1-0; Gijon-Maiorca, 1-1; Osasuna-Saragoça, 1-0; Bilbao-Cadiz, 1-0; Tenerife-Real Sociedad, 2-0; Valladolid-Logroñes, 0-0; Bétis-Oviedo, 1-1; Burgos-Espanhol, 0-0 e Valência-Real Madrid, 2-1.

Itália: 9.ª jornada

Resultados: Bolonha-Bari, 3-0; Cagliari-Fiorentina, 1-1;

Génova-Torino, 0-0; Juventus-Roma, 5-0; Lazio-Atalanta, 2-2; Lecce-Cesena, 2-0; A.C. de Milão-Inter de Milão, 0-1; Nápoles-Sampdoria, 1-4; e Pisa-Parma, 0-2.

Classificação: Sampdoria, 15 pontos; Juventus, 14; Inter de Milão, 13; A.C. de Milão, 12; Torino e Parma, 11; Lazio, 10; Roma, Génova, Nápoles e Atalanta, 8; Fiorentina, Bari, Cesena, Pisa e Lecce, 7; Bolonha, 5; e Cagliari, 4.

Alemanha (RFA):

14.ª jornada

Resultados: Werder Bremen-Karlsruhe, 2-0; Hertha Berlin-Bayern de Munique, 0-0; Eintracht de Frankfurt-Bayer Uerdingen, 4-0; Hamburgo-Bayer Leverkusen, 3-1; Borussia Moenchengladbach-Estugarda, 2-0; Bochum-Kaiserslautern, 0-2; Colónia-St. Pauli, 2-0; Borussia de Dortmund-Nurembergaa, 0-2; e Fortuna de Duesseldorf-Wattenscheid, 2-1.

Classificação: Werder Bremen, 20 pontos; Kaiserslautern, 19; Bayern de Munique e Eintracht de Frankfurt, 18; Colónia, 17; Wattenscheid e Bayer Leverkusen, 16; e Borussia de Dortmund, 15.

Inglaterra:

13.ª jornada

Resultados: Arsenal-Southampton, 4-0; Coventry-Liverpool, 0-1; Leeds-Derby, 3-0; Luton-Manchester City, 2-2; Manchester United-Sherffield United, 2-0; Norwich-Aston Villa, 2-0; Nottingham Forest-

Sunderland, 2-0; Queens Park Rangers-Crystal Palace, 1-2; e Wimbledon-Chelsea, 2-1.

Classificação: Liverpool, 37 pontos; Arsenal, 29; Tottenham, 25; Crystal Palace, 24; Leeds, 22; Manchester United, 20; Manchester City, 19; e Nottingham Forest e Norwich, 17.

A Associação Inglesa de Futebol retirou dois pontos ao Arsenal e um ao Manchester United, por indisciplina dos jogadores na partida entre ambas as equipas.

Bélgica: 14.ª jornada

Resultados: F.C. de Liège-Lokeren, 2-2; Kortrijk-Molenbeek; Ekeren-Beerschot, 2-0; Antuérpia-Genk, 6-2; Ghent-Malines, 2-1; Anderlecht-Waregen, 4-0; Lierse-Standard de Liège, 0-0; Bruges-Charleroi, 3-0; e St. Truiden-Cercle de Bruges, 0-1.

O campeonato continua a ser liderado pelo Ghent, agora com 24 pontos, Anderlecht é segundo, com 21, seguido do Bruges e do Standard de Liège, com 20. O Malines é quinto, com 18 pontos.

Roménia: 14.ª jornada

Resultados: Farul Constanta-Petrolul Ploiesti, 3-0; Univeritatea de Craiova-F.C. Arges, 4-0; F.C. Bihor-Polihetica Timisoara, 0-1; Progresul Braila-Jiul Petrosani, 4-1; F.C.M. Brasov-F.C. Bacau, 2-0; Gloria Bistrita-Dinamo de Bucareste, 1-1; Univeritatea Cluj-Rapid de Bucareste, 0-0; Steaua de Bucareste-Inter Sibiu, 3-1; e Sportul Studentesc-Corvinul Hunedoara, 1-1.



Bert Jacobs (treinador do Vitesse) esteve em Alvalade e, no final do encontro, mostrou-se optimista: Pelo que vi acho que o Vitesse tem possibilidades de eliminar o Sporting»

doara, 1-1.

O Universitatea de Craiova consolidou o comando, somando agora 21 pontos, mais um que o Steaua de Bucareste, que mantém a segunda posição. Dinamo de Bucareste e Timisoara, ex-adversários do Porto e do Sporting nas taças europeias, partilham o terceiro lugar, ambos com 19 pontos.

Suíça: 18.ª jornada

Resultados: Sion-Lugano, 3-0; Aarau-Grasshoper, 0-2; St. Gallen-Lucerne, 0-1; F.C. de Zurique-Wettingen, 2-4; Servette-Young Boys, 3-0; e Neuchatel Xamax-Lausanne, 5-1.

O Sion subiu para o topo da tabela, com 24 pontos, enquanto que o Lausanne se viu relegado para o segundo lugar (23 pontos). Grasshoper e Neuchatel estão na terceira posição, com 22 pontos.

«Sagres 500/Portalegre»

UMM lidera em todo o terreno

Carlos Sousa/Joaquim Capelo formaram a dupla que se impôs não só na categoria de veículos de série, como foi a mais rápida entre os concorrentes ao Troféu UMM, aumentando de forma importante as suas possibilidades na vitória final no mais concorrido troféu monomarca que se realiza no nosso país.

Depois do domínio de Rui Viana, que liderou até se despirar e abandonar, Carlos Sousa passou para a primeira posição, mas teve de suportar o ataque final dos gémeos Almeida, que ficaram na segunda posição, a 14 escassos segundos do vencedor.

Com o seu terceiro posto entre os concorrentes ao Troféu UMM, Francisco Esperto manteve intactas as suas possibilidades. Menos feliz foi Alberto Gonçalves, o líder do troféu à partida da Sagres 500/Portalegre que, devido a problemas colocados pelas ultrapassagens a concorrentes

mais lentos, acabou por dar um toque que lhe danificou a suspensão traseira, não indo além do sexto lugar, mas mantendo-se em condições de poder vencer o troféu.

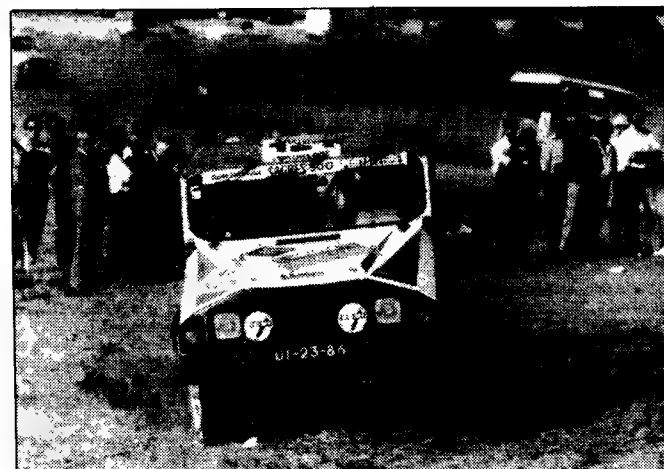
Uma referência ainda muito especial para a equipa feminina Lúcia Albuquerque/Margareta Guedes, que venceu a

classificação de senhoras ao volante de um UMM Alter Turbodiesel, também de série.

Classificação final: 1.º, Duarte Guedes/Rui Choças (Nissan Terrano), 7h 47m 40s; 2.º, João Serrano/Paulo Mendes (Nissan Pick-Up), a 1m 15s; 3.º, Carlos Lei-

tão/Filipe Campos (Nissan Pick-Up), a 1m 40s; 4.º, Carlos Sousa/Joaquim Capelo (UMM Alter Turbo), a 9m 42s; 5.º, Carlos Almeida/Rogério Almeida (UMM Alter Turbo), a 9m 56s; 6.º, Adriano Barbosa/Artur Costa (Toyota Land Cruiser), a 14m 28s; 7.º, Francisco Esperto/Alexandre Borga (UMM Alter Turbo), a 19m 56s; 8.º, Nuno Rosa/Fernando Carreira (Toyota 250 TD), a 25m 34s; 9.º, António Cardoso (Toyota 250 TD), a 27m 07s; 10.º, Luís Dias/Sousa Santos (Nissan Pick-Up), a 30m 36s.

Classificação actual do Troféu UMM 1990: 1.º, Carlos Sousa, 310 pontos; 2.º, Alberto Gonçalves, 300; 3.º, Francisco Esperto, 269; 4.º, Carlos Almeida, 191; 5.º, Álvaro Castro Santos, 173; 6.º, Pedro Barreiros, 154; 7.º, Rui Viana, 153; 8.º, Francisco Sande e Castro, 130; 9.º, Filipe Penaguião, 104; 10.º, Luís Oliveira, 98; etc.



Carlos Sousa: líder do troféu

UNICAR

Comércio de Automóveis, Lda.
VIATURAS NOVAS E USADAS
Peças de origem



VIATURAS USADAS

NOVAS CONDIÇÕES DE CRÉDITO

Renault 5 TL	1989
Renault 5 GTR (5P)	1988
Renault 11 TSE	1986
Renault 19 Chamade TSE	1989
Renault 19 Bicolor	1988
Renault 25 GTS	1984

Para peças de origem
consulte-nos na R. do Telhal

SEDE: R. dos Condes, 37 Tel.: 32 75 23 • 32 75 27 • 32 85 44
Stand Novos: Pr. dos Restauradores, 46 (ABERTO AOS SÁBADOS)
Stand Usados e Loja Peças: R. do Telhal, 4-A — Tel.: 32 78 21
Loja de Peças 2 • Pr. S. João Bosco, 21-B • Tel.: 60 46 50/2
Oficinas: R. Possidónio da Silva, 104 • Tel.: 60 73 06

RENAULT

DESPORTO

Hóquei em patins

FC Porto: «tudo sobre rodas»

Muitas surpresas nesta 3.ª ronda do Campeonato Nacional da I Divisão, até mesmo a derrota do Benfica frente aos «dragões» já que, actuando no Pavilhão Borges Coutinho, seria de esperar que os benfiquistas não deixassem de averbar os dois pontos em disputa.

Refira-se, no entanto, que a vitória dos portistas (2-1) se ficou a dever a alguma «colaboração» da dupla de árbitros minhotos formada por Luís Rei e Rego Lamela que cometeram diversos atentados às leis de jogo, em nítido benefício para os portistas. Uma arbitragem que convirá ser analisada pelos dirigentes da Federação de Patinagem por forma a que se não repitam os hiatos a que assistimos na Luz. Um golo mal anulado e uma grande penalidade ignorada, são lapsos imperdoáveis e que, decididamente, vieram a influir no resultado.

Outras surpresas: vitória da Oliveirense em Viana do Cas-



Campelo (com três remates certos) esteve em evidência no confronto Sporting-Paço de Arcos que os lisboetas venceram por 7-2

telo, do Turquel no recinto do Bom Sucesso, da Sanjoanense no Barreiro (Quimigal) e ainda a goleada (17-5) do Óquei de Barcelos perante a Académica de Coimbra.

Vejam os resultados, classificação e próxima jornada:

Resultados: Bom Sucesso-Turquel, 3-4; Quimigal-Sanjoanense, 4-6; Valongo-Física de Torres, 6-3; Sporting-Paço de Arcos, 7-2; Óquei Clube de Barcelos-Académica de Coimbra, 17-5; Benfica-F.C. Porto, 1-2 e Ju-

ventude de Viana-Oliveirense, 4-6.

	J	V	E	D	P
OC Barcelos	3	3	-	-	9
FC Porto	3	3	-	-	9
HC Turquel	3	2	-	1	7
Benfica	3	2	-	1	7
Oliveirense	3	2	-	1	7
Valongo	3	2	-	1	7
Sanjoanense	3	2	-	1	7
B. Sucesso	3	-	2	1	5
Sporting	3	1	-	2	5
Física de T.	3	1	-	2	5
P. Arcos	3	1	-	2	5
J. Viana	3	-	1	2	4
Quimigal	3	-	1	2	4
A. Coimbra	3	-	-	3	3

Próxima jornada: Hóquei Clube de Turquel-Juventude de Viana; Sanjoanense-Bom Sucesso; Física de Torres-Quimigal; Sporting-Valongo; Académica de Coimbra-Paço de Arcos; FC Porto-Óquei Clube de Barcelos e Oliveirense-Benfica.

V. Carvalho

Râguebi

Direito: a sensação da ronda

Ao vencer o CDUL, pela marca contundente de 15-4, a turma dos «advogados» provocou a grande sensação da ronda. Com este resultado, o GD Direito continua a alimentar esperanças no que respeita ao apuramento para a fase final do grupo «C», onde o CDUL arantido.

Relativamente ao grupo «B», o Cascais «cilindrou» a Universidade Livre por 52-13. Nesta série o Cascais e o Agronomia já tem garantido o acesso à fase final.

Ainda na que toca à série «A», a Académica «brindou» o Lousã por 42-3, ficando apurada para a final juntamente com o Benfica.

Outros resultados: Agronomia, 23-CRAV, 6; Loulé, 6-Benfica, 31 e Técnico, 7-Belenenses, 12.

Classificações

Série A	J	V	E	D	P
BENFICA	5	5	0	0	15
Académica	5	3	0	2	11
RC de Loulé	5	1	1	3	8
RC da Lousã	5	0	1	4	6

Série B	J	V	E	D	P
B. DE CASCAIS	4	4	0	0	12
Agronomia	4	3	0	1	10
Universidade Livre	5	1	0	4	7
CRAV	5	1	0	4	7

Série C	J	V	E	D	P
CDUL	5	4	0	1	13
Belenenses	5	3	0	2	11
Direito	5	2	0	3	9
Técnico	5	1	0	4	7

Voleibol

Em casa mandam os de fora

Na jornada n.º 7, a curiosidade consistiu na circunstância de todos os visitantes terem vencido os confrontos. Foi assim:

Sábado: Leixões-Nacional, 1-3 (7/15; 9/15; 15/8; 8/15); Gueifães-Antigos Alunos, 1-3 (13/15; 12/15; 16/14; 4/15); Castelo da Maia-Sporting de Espinho, 2-3 (15/7; 15/6; 10/15; 7/15; 9/15); Académico de São Mamede-Académica de Espinho, 1-3 (11/15; 4/15; 15/10; 3/15); Grundig-Sporting, 1-3 (17/16; 13/15; 8/15; 11/15).

Domingo: Sporting de

Espinho-Nacional da Madeira, 3-0 (15/13; 15/9; 15/13); Académico de São Mamede-Sporting, 2-3 (2/15; 15/8; 15/13; 8/15; 14/16); Académica de Espinho-Antigos Alunos, 3-0 (15/5; 15/12; 15/8); Gueifães-Grundig, 0-3 (11/15; 7/15; 3/15).

Após as duas jornadas deste fim-de-semana, a classificação geral ficou assim ordenada:

	J	V	D	P
Benfica	8	7	1	22
Leixões	8	7	1	22
Sporting	8	7	1	22
Grundig	8	6	2	20

S. Espinho	8	5	3	18
A. Espinho	8	4	4	16
A.S. Mamede	10	3	7	16
Nacional	9	3	6	15
C. Maia	8	3	5	14
A. Alunos	9	1	8	11
Gueifães	8	0	8	8

Última jornada da 1.ª volta no próximo sábado: Benfica-Leixões; Sporting-Gueifães; Sporting de Espinho-Académica de Espinho; Antigos Alunos-Grundig; e Nacional-Castelo da Maia.

Andebol: programa cumprido

A selecção de Portugal «A» redimiu-se das modestas exibições que teve no Torneio RTP em andebol, ao vencer a credenciada formação búlgara por 17-14, assegurando a terceira posição final.

O inesperado triunfo da selecção portuguesa de seniores, que ao intervalo perdia por 9-7, «vingou» a derrota sofrida frente à Bulgária no último Campeonato do Mundo, grupo «C», disputado na Finlândia.

Ao apontar cinco golos, Mário Macedo foi o principal «carrasco» da selecção búlgara, mas Paulo Carneiro (quatro golos marcados) Armando Pires (três) e David Cunha (três) estiveram também em evidência na turma das «quinas».

Miguel Ângelo e Paulo Gonçalves, com um golo cada, foram os restantes marcadores do encontro no qual, arbitrado por Carlos José e Fernando Humberto.

Portugal alinhou assim: João Santa Bárbara (Miguel Fernandes), João Duarte, Paulo Gonçalves (1), David

Cunha (3), Miguel Ângelo (1), Armando Pires (3), Alberto Cabaço e Paulo Carneiro (4).

Num outro jogo da derradeira jornada, a selecção «B» sofreu uma esperada derrota (21-19) frente à Lituânia, representada pela forte equipa do Granitas, que terminou na primeira posição do torneio, invicta.

Portugal esteve ainda em

destaque na lista dos melhores marcadores da competição, com Carlos Resende, da selecção «B», em primeiro (35 golos), e no prémio «fair play», onde as duas formações lusas conquistaram os lugares primeiros.

Na outra partida da última ronda, a Estónia bateu a Argélia por 22-20.



Costache Mircea: é romeno e seleccionador português. Neste torneio internacional organizado pela RTP e realizado em Guimarães, certamente que retirou lições bastantes para o trabalho futuro.

MODALIDADES



Aurora Cunha: um triunfo à porta de casa. Aconteceu em Pevidém, numa prova presenciada por milhares de assistentes e participada por centenas de atletas. No sector masculino a vitória pertenceu ao benfiquista Joaquim Silva

Atletismo: António Pinto foi 3.º no Crosse de Bolbec

António Pinto e Albertina Dias classificaram-se em terceiro lugar no Crosse de Bolbec, em França, prova inaugural do grande prémio da especialidade FIAA.

Em masculinos, o triunfo pertenceu ao queniano Oshiro Ondoro, que cumpriu os 9,2 quilómetros da prova em 27 minutos e 34 segundos, batendo por seis segundos o seu compatriota Kibiwot bitok, segundo classificado.

António Pinto chegou na terceira posição, a oito segundos do vencedor e com mais dois segundos que o britânico Richard Nerurkar, quarto classificado.

Na competição feminina, com uma extensão de 4,8 quilómetros, a vencedora foi a britânica Andrea Wallace, creditada com 16.15 minutos, seguida da belga Veronique Collard, com 16.20 segundos.

Albertina Dias gastou 16.24 segundos, impondo-se por cinco segundos à britânica Julie Holland, quarta classificada.

Natação: Ana Barros com «forte braçada»

A nadadora do Algés, Ana Barros assegurou a sua presença no próximo Campeonato do Mundo, ao nadar os 200 metros costas em 2.18,71 minutos, nas eliminatórias do «Meeting» de Outono de Sarcelles, França.

Ana Barros tornou-se a sexta nadadora portuguesa apurada para os «Mundiais», que terão lugar em Janeiro, em Perth, na Austrália, juntando-se a Alexandre Yokochi, Artur Costa, Joana Arantes, Diogo Madeira e Paulo Trindade.

Outro mínimo «B» de pré-apuramento para o «Mundial» foi alcançado por Nuno Soares, da Associação dos Bombeiros do Estoril, que cumpriu os 200 metros bruços em 2.24,62 minutos, vencendo a final «B».

Nuno Soares, na prova dos 100 metros bruços, foi décimo nas eliminatórias com 1.09,32 minutos, tendo participado na final «B», na qual efectuou o tempo de 1.08,77 minutos.

A benfiquista Sandra Neves foi quarta na eliminatória dos 200 mariposa, com 2.24,18 minutos, sendo primeira na final «B», com 2.22,81 minutos.

Nos 100 metros mariposa, Sandra Neves, foi décima na sessão da manhã com 1.07,30 e novamente primeira na final «B» com 1.06,12 minutos.

Rui Borges (F.C. do Porto) foi décimo nas eliminatórias com 2.16,04 minutos, sendo primeiro na final «B» com 2.14,74 minutos, enquanto que o madeirense do Naval do Funchal, Paulo Camacho, ficou no décimo sétimo lugar na eliminatória dos 100 metros livres com 54,81 segundos.

Ténis de mesa: Benfica fora da Europa

O Benfica foi eliminado na segunda eliminatória da Taça Europeia «Nancy Evans», ao perder em Lisboa com os alemães do Martela Reutlingen, por 5-0.

Contando com o chinês Guo Yuehua, a formação germânica — uma das melhores do seu país — nunca colocou em perigo a sua vitória na eliminatória, que proporcionou excelentes momentos de ténis de mesa ao público presente no Pavilhão do Benfica.

O ESTADO DO TEMPO**CONTINENTE**

Em todo o território: Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco por vezes moderado do quadrante Norte. Neblinas ou nevoeiros matinais. Condições favoráveis à formação de geada nas regiões do Norte e Centro. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação sueste inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu pouco nublado ou limpo tornando-se gradualmente nublado para o fim da tarde. Vento fraco. Nevoeiros matinais.

Depois de amanhã

Aumento progressivo da nebulosidade a partir da madrugada, com chuva no Minho a partir da manhã. O agravamento estender-se-á progressivamente a todo o território, devendo atingir a região Sul durante a noite.

MADEIRA

Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado de Nordeste. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Norte de 2 metros na Costa Norte e encrespado ou de pequena vaga com ondulação sueste de 1 metro na Costa Sul.

No Funchal: Céu pouco nublado. Vento fraco.

Amanhã

Céu muito nublado alternando com boas abertas. Vento fraco ou moderado de Nordeste.

AÇORES

Grupo Ocidental: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de Sudoeste rodando para Noroeste. Períodos de chuva passando a aguaceiros fracos. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros.

Grupos Central e Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado do quadrante Oeste. Períodos de chuva fraca para o fim da tarde. Mar de pequena vaga a cavado com ondulação noroeste de 2 metros.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento de Sueste moderado. Aguaceiros fracos em todas as ilhas e descida da temperatura.

MARÉS**Hoje**

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
03.54 3,6m	09.27 0,9m
16.14 3,4m	21.36 1,0m

Amanhã

04.29 3,6m	10.02 1,0m
16.50 3,3m	22.11 1,1m

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

AGENDA**HÁ 20 ANOS****Já se pode fazer TV em casa****NOVOS TIPOS DE PÃO****Novos tipos de pão**

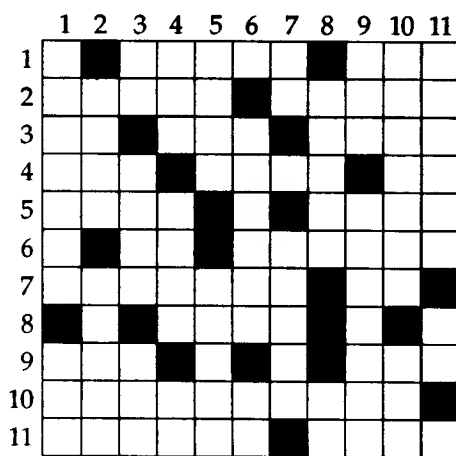
O novo regime cerealífero, cujo diploma recentemente publicado entra em vigor depois de amanhã, vai provocar importantes alterações tanto no que respeita ao fabrico do pão como no que se refere à sua comercialização. No entanto, os preços não foram alterados.

Professores em greve

Em Buenos Aires, a polícia empregou mangueiras de incêndio contra cem mil professores em greve, que desfilavam ontem no centro da capital argentina, para protestar contra a política educacional do governo e insistir em aumentos salariais. Os manifestantes, professores de escolas elementares e secundárias, iniciaram ontem uma greve de 24 horas.

Cessaram os combates

Os combates cessaram esta manhã, ao romper do dia, em Amã, capital da Jordânia. Os tiros das armas automáticas e das metralhadoras cessaram pouco depois das 6 horas locais. O tiroteio, que se tinha tornado esporádico às 2 horas, recomeçou com violência um quarto de hora depois e após um período de mais calma, às 4 horas e 45.

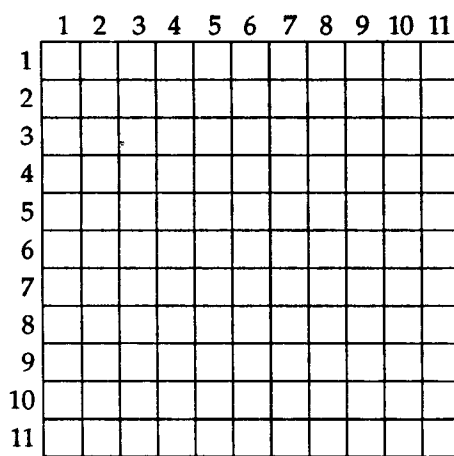
PALAVRAS CRUZADAS**PROBLEMA N.º 18047****HORIZONTAIS:**

- Artigo definido. Enrubesçam. Nome de mulher.
- Invólucro de palha em que se metem os objectos frágeis para que se não partam durante o transporte. Despachem.
- Pátria de Abraão. Fedor. Toste.
- Uma das Espérides. Prender. Pronome pessoal.
- Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Invulgar.
- Em a. Estados que têm por soberano um rei.
- O mesmo que amourem. Nesse lugar.
- Aragem.
- Fruto da ateira. Armaria.
- Abatimento.
- Poisas no mar (o avião). Queime.

VERTICAIS:

- Desvair. Governanta.
- Enguias. Assassinem.
- Cálcio (s.q.). Remédio. Filéira.
- Escava. Fronteira. Atmosfera.
- Casta. Destruição.
- Conjunção. Disparar. Césio (s.q.).
- Miriare. Reúno em maço.
- Limpel com vassoura. Nota musical.
- Suspiros. Cobris de nata.
- Arruina. Chefe etíope.
- Abertura no alto de uma muralha de uma fortaleza por onde se visava o inimigo (pl.). Amónio (s.q.).

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

**PROBLEMA N.º 18057****HORIZONTAIS:**

- Freguesia do concelho de Arcos de Valdevez. Gemido (Bras.).
- Poisar no mar (o avião). Acreditar.
- Batráquio. Sensação de azedume no estômago.
- Interjeição de dor. Repetir.
- Dinheiro (gir.). Lista.
- Guarnecesse de asas. Cacete.
- Mil cento e um em romano. Macacas.
- Grande desordem. Rio de França.
- Relativo a uma tribo de Malange. Letra grega.
- Textualmente. Cidade de Portugal.
- Rate. Senhora. Rénio (s.q.).

VERTICAIS:

- Vila e sede de concelho (Guarda). Césio (s.q.).
- Antes do meio-dia. Seguias. Tombar.
- Cidade da Ucrânia. Cidade da Ásia Menor, capital da Síria.
- Ornatos caprichosos à moda dos Árabes.
- Concede. Planta têxtil.
- Tempo do verbo ir. Nome de letra (pl.).
- Clima. Bramir.
- Dinheiro (pop.). Época.
- Freguesia do concelho das Velas (Angra do Heroísmo).
- Regras. Adejar.
- Agora. Murmuro (fig.).

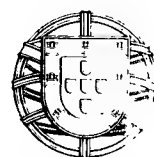
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 18 046

HORIZONTAIS: 1 - PARA. OS. Ela. 2 - Acampe. Si. 3 - Ob. Uta. Pás. 4 - Criara. Curi. 5 - Co. Varas. 6 - Recostados. 7 - Aram. Iu. 8 - Cá. Eta. Cabo. 9 - Om. Tufão. Ar. 10 - Eo. Adão. 11 - SS. Moscardo. **VERTICAIS:** 1 - Pá. CO. RAÇÕES. 2 - Açor. Eras. 3 - Rabi. Cá. 4 - AM. Acometam. 5 - PUROS. TUDO. 6 - Oeta. Afãs. 7 - Sia. Vai. Coa. 8 - Caduco. 9 - É. PURO. Sr. 10 - Liaras. Ba. 11 - Assis. Corgo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 856

HORIZONTAIS: 1 - Ar. Agá. Bade. 2 - Iela. Amaras. 3 - Limasses. 4 - Atais. 5 - Na. Clarão. 6 - Trafas. Tem. 7 - Af. Sm. Uro. 8 - Armou. ML. 9 - Cs. An. Amada. 10 - Arderas. 11 - Me. Aéreo. Ms. **VERTICAIS:** 1 - Atlanta. Cem. 2 - Rei. Árias. 3 - Imã. 4 - AAA. Cismara. 5 - Salamonde. 6 - Aas. As. Er. 7 - Mear. Are. 8 - Basta. Romão. 9 - Ar. Aoto. As. 10 - Damí. MD. 11 - És. Simulais.

PROVÉRBIO:
PARA OS CORAÇÕES
PUROS, TUDO É
PURO.



I Série N.º 267
Dia 19 de Novembro

DIÁRIO DA REPÚBLICA**SUMÁRIO****Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação**

Portaria n.º 1141/90:

Estabelece normas sobre as ajudas à produção de azeite. Revoga a Portaria n.º 535-B/86, de 19 de Setembro.

Ministério da Educação

Portaria n.º 1141/90:

Estabelece que o Instituto Superior de Ciências Dentárias de Lisboa, criado e reconhecido pelo Decreto-Lei n.º 250/89, de 8 de Agosto, passe a determinar-se Instituto Superior de Ciências da Saúde.

Região Autónoma da Madeira

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 21/90/M:

Adapta à Região Autónoma da Madeira o Decreto-Lei n.º 19/90, de 11 de Janeiro, que disciplina o regime de caducidade das licenças municipais de obras de construção civil.

I Série N.º 266

Dia 17 de Novembro

SUMÁRIO**Assembleia da República**

Resolução da Assembleia da República n.º 30/90:
Viagem do Presidente da República ao Japão.

Ministérios da Defesa Nacional e das Finanças

Portaria n.º 1138/90:

Alarga o quadro de pessoal militarizado da Marinha (QPM).

Ministérios das Finanças e do Planeamento e da Administração do Território

Portaria n.º 1139/90:

Cria um lugar de assessor no quadro de pessoal anexo ao Decreto-Lei n.º 120/89, de 14 de Abril.

Despacho Normativo n.º 142/90:

Cria no quadro de pessoal do Ministério do Planeamento e da Administração do Território (dotação do Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo), aprovado pela Portaria n.º 351/87, de 29 de Abril, um lugar de técnico superior principal, a extinguir quando vagar.

Ministérios das Finanças e da Justiça

Despacho Normativo n.º 143/90:

Cria no quadro de pessoal da Direcção-Geral dos Serviços de Informática do Ministério da Justiça um lugar de assessor principal da carreira de técnico superior, a extinguir quando vagar.

Ministérios das Finanças e da Agricultura, Pescas e Alimentação

Despacho Normativo n.º 144/90:

Cria no quadro de pessoal da Direcção-Geral das Florestas três lugares de assessor principal da carreira de engenheiro, a extinguir quando vagarem.

Ministérios das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 145/90:

Cria no quadro de pessoal da Direcção-Geral de Transportes Terrestres um lugar de assessor principal da carreira de jurista, a extinguir quando vagar.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Portaria n.º 1140/90:

Sujeita ao regime cinegético especial os prédios rústicos situados nas freguesias de Ventosa do Bairro, Antes, Tamengos e Ois do Bairro, concelhos da Mealhada e de Anadia.

CINEMAS

LIBROA

ALFA

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496

SALA 1

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
Filme de Jerry Zucker
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 24.00

SALA 2

UM SONHO DE MULHER
Filme de Gary Marshall
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 24.00

SALA 3

O LEGIONÁRIO
Filme de Sheldon Lettich
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

SALA 4

ROBOCOP 2
Filme de Irvin Kershner
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 24.00

SALA 5

PRESUMÍVEL INOCENTE
Filme de Alan Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496

UM SEDUTOR EM APUROS
Filme de Roger Donaldson
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS

Shopping Center da Lisboa
T. 691275

O LEGIONÁRIO
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 24.00

SALA 2

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762

FERAS

HUMANAS

Filme de Frank Zúñiga
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

ASSALTO AO AEROPORTO
Filme de Renny Harlin

M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407

COMPETIÇÃO SEXUAL

Hard-core - 1.ª escala (porno)

M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 397 - T. 546085

CINEMA ESPANHOL

LUNA DE LOBOS

Filme de Julio Sanchez Valdes,
às 18.30

CICLO DE CINEMA SUÍÇO

NOVA VAGA

Filme de Jean-Luc Godard,
às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999

UM SONHO DE MULHER

M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2
T. 322523

ROBOCOP 2

M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

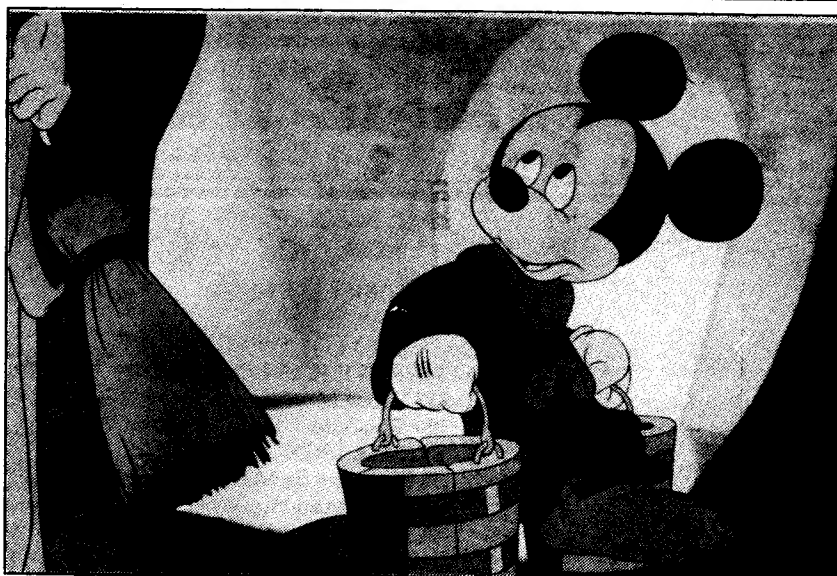
Al. D. Afonso Henriques, 35
T. 3525133

OLHA QUEM FALA

M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

SUGERIMOS

«Non ou A Vã Glória de Mandar»
o destino português, segundo Oliveira
«Malditos à Água»
Greenaway antes de «O Cozinheiro...»
«Na Pele do Urso»
fábula urbana luso-britânica
«A 300 Milhas do Céu»
dois mundos polacos em fuga. Lindo
«Um Sonho de Mulher»
Julia Roberts enche o ecrã...
«Encruzilhada de Ilusões»
edificação do amor pelo melodrama
«Henry e June»
...só para ver Maria (Anita) de Medeiros



«Fantasia», de Walt Disney

LAS VEGAS

SALA 1

Pingo Doce - Alcântara
T. 3631162

UM SEDUTOR EM APUROS

M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e
21.30

SALA 2

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e
21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313

HENRY E JUNE

Filme de Philip Kaufman
M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL

R. Martens Faria - T. 538743

SALA 1

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

SALA 2

PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

SALA 3

HENRY E JUNE
M/18 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B
T. 574362

EXPRESSO DOS MALDITOS

M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. das Condes, 4 - T. 326283

ATRAÇÃO ESCALDANTE

M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLÍMPIA

Rua das Condes, 13 - T. 325309

BALBÚRDIA SEXUAL

Filme porno

Sessões continuas a partir das
14.00

PLAZA

Centro Com. Alvalade

SALA 1

UM SEDUTOR EM APUROS
M/12 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

SALA 2

UM SONHO DE MULHER
M/12 - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St. Antão
T. 326305

O LEGIONÁRIO

M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378

SALA 1

MALDIÇOS À ÁGUA
Filme de Peter Greenaway
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30, 21.45 e 24.00

SALA 2

NO TRIUNFO DA DROGA
Filme de Gus van Sant
M/18 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SALA 3

PRESUMÍVEL INOCENTE
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SALA 4

ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
Filme de Alan J. Pakula
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE

Av. da Liberdade, 175
T. 579144

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR

M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e
21.15

SALA 2

HENRY E JUNE
M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

SALA 3

UM SONHO DE MULHER
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

7.ª ARTE

Av. da República
T. 730715

O EXPRESSO DOS MALDITOS

M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
T. 804210

GHOST - ESPÍRITO DO AMOR

M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573

O EXPRESSO DOS MALDITOS

M/16 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A
T. 706666

ASSALTO AO AEROPORTO

M/12 anos - Às 15.00, 17.30, 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446

O ÚLTIMO GUERREIRO

M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Tel. 2752127

ASSALTO AO AEROPORTO

M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado
T. 2906011

SALA 1

O LEGIONÁRIO
M/18 anos - Às 15.45 e 21.30

SALA 2

ENCRUZILHADA DE ILUSÕES
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Tel. 2905350

UM SONHO DE MULHER

M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Tel. 2466653

O EXPRESSO DOS MALDITOS

M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS MIRAMAR

Tel. 2841769

UM SONHO DE MULHER

M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

SALA 2

ROBOCOP 2
M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2866027

O LEGIONÁRIO

M/12 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OBRAS

CINE PALMEIRAS

Tel. 2479144

SALA 1

PRESUMÍVEL INOCENTE

M/18 anos - Às 15.15 e 21.30

SALA 2

ROBOCOP 2
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OBRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4497759

SALA 1

ROBOCOP 2
M/18 anos - Às 15.15 e 21.30

SALA 2

O EXPRESSO DOS MALDITOS
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia
T. 4934871

UM SEDUTOR EM APUROS

M/18 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Tel. 9147570

UM SONHO DE MULHER

M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Tel. 4364845

SALA 1

ASSALTO AO AEROPORTO

M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e
21.15

SALA 2

FANTASIA
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

SALA 3

QUANTO MAIS MELHOR
M/12 anos - Às 15.30, 18.30
e 21.45

TEATROS

CASCAIS

TEC

Av. Fausto de Rigueiredo - M.
Estoril - Tel. 4670320

Às 15.30 e 21.30

BOJADOR POR AMOR

De G. Tuche e Zé Gouveia

SETÚBAL

FORUM MUNICIPAL

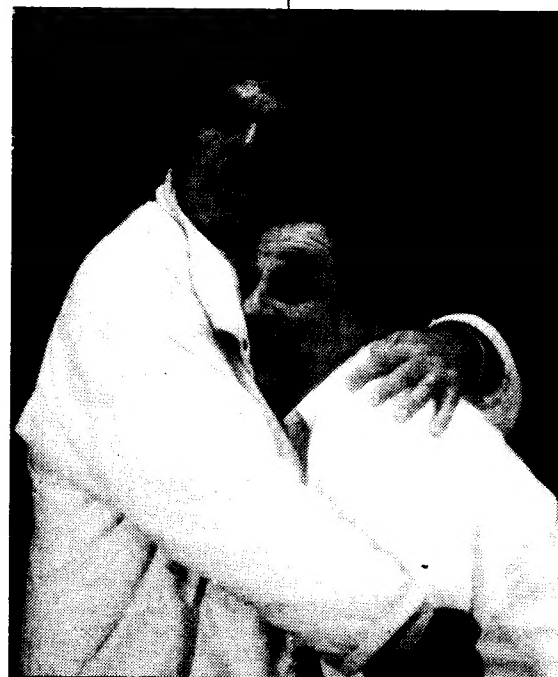
LUIA TODI

Av. Luísa Todi - T. 522127

Às 18.30 e 21.30

ROLETA RUSSA

(Textos de Anton Tchekov),
p/ Grupo de teatro
A. de Setúbal



Uma cena da peça, «Roleta Russa»

FARMÁCIAS

LIBROA

PERMANENTES

Alfama - São Tomé Zier, Rua
São Tomé, 54-56, Tel. 862835;

Amélie - Lúmar, Santos,
Al. António Sérgio, 8-C - Urb.
Quinta Santa Clara, Tel.
7598186; Av. D. Rodrigo da
Cunha, Aeroporto, Av. Almi-
rante Gago Coutinho, 101-D,
Tel. 882384; Benfica - 2.ª
Circular: Benfuz, Estrada de
Benfica, 444-A, Tel. 7141206;
Cale do Sodré: Central, Rua
São Paulo, 108, Tel. 320389;
Calvário: Monge, Rua dos
Lusitãos, 30-32, Tel. 3636704;
Estrela: Marques Freire, Rua
Santo António, 96, Tel.
3965196; Intendente: In-
tendente, Largo Intendente
Pina Manique, 50-
51, Tel. 547838; Jardim
Constantino: Portugal,
Rua Rebelo da Silva, 11-
13, Tel. 543340; Olivais Sul:
Lemos, Rua Cidade da
Beira, 46-C, Tel. 331692;
Praça de Londres: Alga-
rve, Av. Roma, 7-B, Tel.
880703; Rato: Prates & Mota:
Rua da Beneficência, 91-93,
Tel. 773728; Saldanha:
Avenidas, Av. da República,
27-A, Tel. 533688; Vale Santo
António: Santo António, Rua
Leite Vasconcelos, 72-C, Tel.

2470777. Permanente: S. Dom.
Rana: Godinho Silveira, R. A.
Albuquerque, Lote B - U. 2, Tel.
2470361. Até às 22 h; Malveira
da Serra: Luz, Estrada
Nacional, Tel. 2850635. Até às

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa
14.00: O Linho e a Seda; 15.00: Praça dos Sons; 17.00: Antena 1 - Regiões; 17.15: Porto d' Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Frequência Moderada; 15.00: Antena 1 - 15/17;
17.00: Sete Mares; 19.00: Música; 20.00: No Estúdio e no Estádio; 20.15: Musical; 20.30: O Som dos Negócios; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2

FM 2 - Estéreo

15.00: Trajectórias; 17.00: Memória do esquecimento — A Torre de Belém — símbolo de glória e da arte Manuelina; 17.30: Música de Bedrich Smetana; 18.15: Ângulos e Reflexos. 19.00: Tchaikovsky — 150 anos; 19.45: Álbum Musical; 20.10: Álbum Musical (cont.); 20.40: Esta Madrugada na Antena 2; 21.00: Música de câmara. Prokofiev: sonata n.º 1, fá menor, op. 80 p/ violino e piano (29/31"). Lydia Mordkovitch (vl.) Gerhard Oppitz (p.). Dvorak; 22.00: Música Vocal Comentada; 23.00: A representação de S. Frei Gil nos escritores portugueses; 23.45: Canto Gregoriano; 02.10: Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

14.00: Estúdio Três; 16.30 e 19.30: Quando o Telefone Toca; 17.00: Contacto; 19.00 e 23.00: Jornais - informação; 20.00: Praça de Táxis; 21.00: Estrada Fora; 23.00: Desporto.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz

14.00: Ar Condicionado, c/blues, rock, folk, country, derivadas e derivantes; 15.00: 4.º Bairro, de Eduardo Guerra e Miguel Quintão; 16.00: Rock em Stock; 17.00: A Ilha dos Tesouros, com velhas e novas pérolas da música; 18.00: RDS - Rádio das Seis, de Adelino Gonçalves; 19.00: Quatro Tempos, de Pedro Castelar; 20.00: Nova Geração, de Fernando Quinas; 21.00: Mercado de Sonhos, de Jaime Lopes; Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL DA LINHA/RCL
102.4 FM

10.00: Paulo Soares selecciona a melhor música; 13.00: Tons suaves, com Francisco Gil; 16.00: «Surf», um programa de Augusto Fernandes; 18.00: Nuno Soares dos Reis escolhe música suave; 20.00: Paraísos perturbantes, de António Coelho; 21.00: Sonoridades acústicas escolhidas por Jorge Pimentel; 23.00: Música romântica.

CORREIO DA MANHÃ/RÁDIO
101.5 FM

13.00: Música pop seleccionada por Teresa Fernandes e Informação editada por Pedro Coelho; 15.00: Espaço dedicado aos mais jovens, da responsabilidade do João Vaz; 18.00: Informação geral e desportiva; 21.00: Música suave; 00.00: Espaço dedicado à música de vanguarda; 02.00: Música na madrugada seleccionada por Paulo Oliveira, até às 07.00.

RADIOGESTE

96.6 FM

10.00: Oitava Colina; 17.00: Fim de Tarde; 20.00: A Flauta Mágica; 21.00: Terna é a Noite; 01.00: O Feitiço da Lua.

RENASCENÇA

Canal 1 - Rede Nacional de OM-FM

15.00: Hora da Música; 16.00: Banda da Amizade; 18.00: Bola Branca; 18.30: Transmissão do Terço; 19.00: A Viagem Contínua; 20.00: Inf. Religiosa; 20.10: Boa Nova; 20.30: Conversa de Amigos; 21.00: Sequência; 22.00: Espectáculos; 22.30: Bola Branca; 23.30: Suplemento Especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM - Canal 2 - Rede Nacional de FM Estéreo

15.00: Fórmula Três; 18.00: Idéfix; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de Estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

TSF/RÁDIO JORNAL

89.5 FM

Manhã informativa das 06.30 às 10.00 com animação de António Macedo, edição de Miguel Monteiro e Paulo Bastos; 06.45: Conversa de Vizinhas, texto de Filipe La Féria interpretado por Lúcia Franco e Rita Ribeiro; 07.15: Sons com história; 07.30, 08.30, 09.30: Discos pedidos por personalidades convidadas; 07.50, 08.50: O humor de Herman José; 08.45: Economia dia-a-dia, por António Peres Metelo; 08.30: Conversas de escárnio e maldizer, por Narana Coissoró, Artur Portela, Dinah Alhandra, Natália Correia e Fernando Ribeiro de Mello, por esta ordem, de 2.ª a 6.ª-feira; 12.15: Síntese desportiva; 12.45: Grande Prémio, editado por João Gabriel; 18.00: O acontecimento do dia, por Carlos Andrade; 19.00: Desporto em directo, por José Manuel Mestre. Aos sábados e domingos, noticiário produzido por uma equipa liderada por Fernando Alves e que inclui João Paulo Guerra; às 12.00 de sábado, Grande Júri TSF, com uma entrevista de fundo a uma personalidade em foco; às 12.00 de domingo, «Flash-Back» com José Magalhães, José Pacheco Pereira e Vasco Pulido Valente, sendo moderador Emílio Rangel.

TELEVISÃO



14.40 - PRIMEIRA MATINÉE

«Atrás do Espelho»

16.15 - PONTO POR PONTO

16.50 - MARAVILHAS DO MUNDO SELVAGEM

10.º Episódio

17.15 - BRINCA BRINCANDO

Os Segredos de Mimix: «Super-Rato»,

«O Porquinho Huxley»,

«A Família Barenstain» e «Caderno

Diário»

18.20 - RUA SÉSAMO

18.45 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL

18.50 - RODA DA SORTE

46.ª Sessão

19.20 - BOLETIM AGRÁRIO

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA DIA A DIA

20.05 - O TEMPO

20.15 - TIETA

16.º Episódio

21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE

21.25 - ALF

10.º Episódio: Os Tanner ficam bastante desconfiados quando o eterno grande comedor de gatos, Alf subitamente resolve demonstrar grande amor e carinho por um gatinho bebé.

21.55 - O PREÇO CERTO

7.ª Sessão

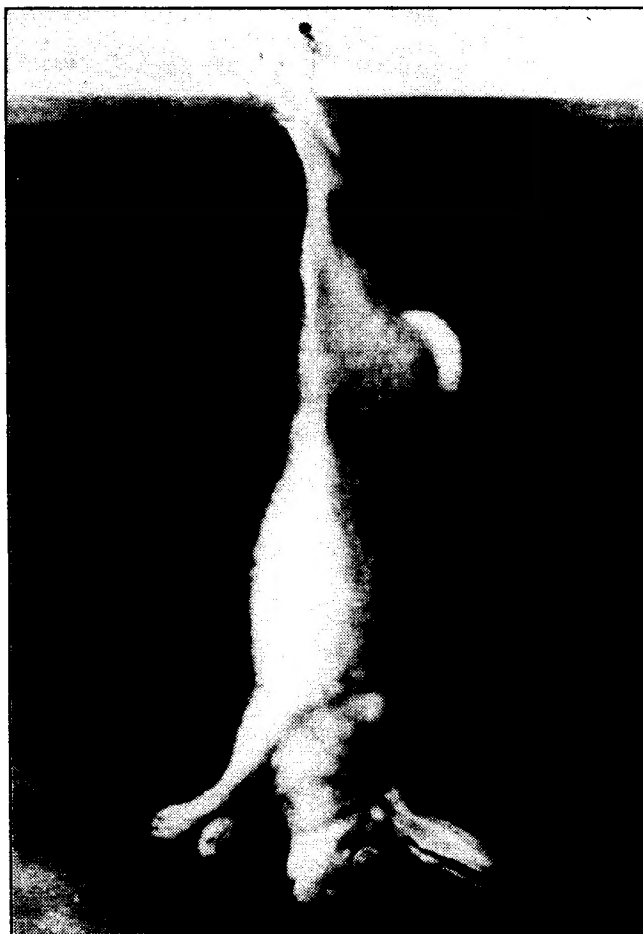
23.20 - O CÉU COMO HORIZONTE

6.º Episódio: no regresso de Ogallala, Gus aproveita para fazer uma visita a Clara. Contrariando o sentimento de atracção mútua, Clara convence o antigo capitão dos Rangers da impossibilidade do romance que em tempos existira entre ambos. Também ela separada de Gus, Lorena é convidada a ficar na cidade e aceita. De novo sozinhos, Gus e Call ruman em direcção ao Norte.

00.20 - 24 HORAS

00.50 - O TEMPO

00.55 - REMATE



Um coelho chamado Coelho

Os coelhos!

O leitor já viu um coelho, o olho reguila, as orelhas sempre captando sons - e depois (que engraçadinho!) a saltitar pelo campo fora, em busca da lura, toc! toc! toc!, que tempo é já de regressar a casa...

Numerosas são as histórias sobre coelhos, ora escritas, ora em banda desenhada, ora em filmes de animação (coloridos quase sempre!), ora...

Enfim - até em fotografias, em desenhos, em delicadíssimas aquarelas!

Conta-se que um dia (há milhares de histórias...) andava um menino pelo campo (quando havia campos, ou melhor, espaços verdes...) quando, assustando-se, encontrou um coelhinho.

- Não te assustes - disse o simpático animalinho -, pois eu não faço mal a ninguém! Como te chamas...?

- Sou tão pequenino que ainda não tenho nome...

- Isso não tem importância - disse o coelho a roer uma cenoura. - A mim também não me puseram nome, e, no entanto, toda a gente sabe que me chamo coelho...

- Ah! - disse o menino. - Então, embora ainda sem nome, o meu nome é...

- Menino! - exclamou o coelho, acabando de comer a cenoura (só deixou um restinho) e desaparecendo pelo espaço verde aberto à sua frente.

Bem - hoje, na RTP 1, às 16 e 50, exibe-se o programa «Maravilhas do Mundo Selvagem», trabalho, em parte, dos fotógrafos Dick e Brownie Borden, especialistas do mundo selvagem.

E desta feita os dois primaram sobre os pequenos mamíferos - os coelhos, os esquilos, os castores, os cães da pradaria, os coiotes e as martas... A ver, sem dúvida! Até porque é bem capaz de aparecer o tal coelhinho que disse ao menino que ele se chama Menino!

Polvo, heroína - e o que mais...?

Pelo Canal 2, às 19 e 55, temos, na rubrica «Clássicos da TV», o quarto episódio de «O Polvo».

Quem tem seguido a série, mostrará certamente interesse pela entrevista que (por vias que não podemos divulgar), de imediato passamos a reproduzir:

- Que aconteceu ao irmão de Anna...?

- Bem, ao sentir-se ameaçado, manifestou o desejo de...

- De...?

- De prestar declarações ao comissário Corrado. Mas...

- Mas este já não chega a tempo...

- Mas não chega tempo porque...?

- Ora, coisas! Temos de ser discretos... Quando chega, que lamentável, encontra o jovem

morto na sua cela.

- Oh!

- É assim...

- E quanto a Cirinná...?

- Essa encontra-se ainda, como toda a gente sabe, com aquelas ideias malucas, pelo que...

- Tão habilidoso é o tipo que consegue fazer chegar a Titti - sabem o quê...?

- Estou a adivinhar...

- Isso mesmo. Uma nova dose de heroína, o que, como é óbvio, lhe vai provocar... O quê...?

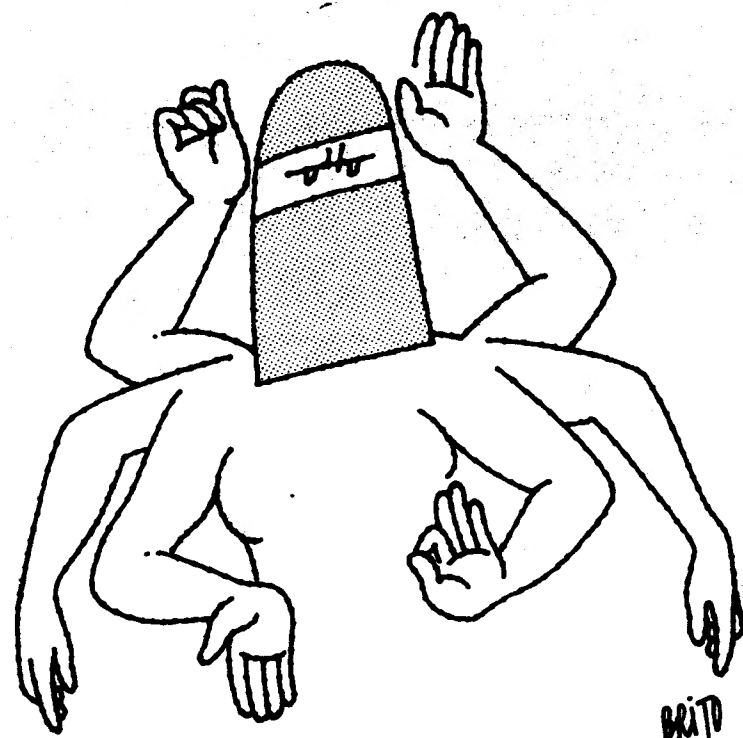
- Bem...

- Hesitações não servem. Vai provocar-lhe uma outra recaída. Mas...

- Mas...?

- Mais não vale dizer. Que se veja o filme...

- Tá bem!



TV MARCELO
Reparações 24 horas
ao domicílio
Tel. 65 91 18 (6 linhas Lx)
Tel. 486 61 92/51 Cascais



2 RTP

14.30 - AGORA, ESCOLHA!

15.55 - MARAVILHAS DO PLANETA

16.45 - RECREIO DO 2

«Cristal Tipps e Allistair» e «Ana dos Cabelos Ruivos»

17.30 - ETERNO FEMININO

«Hábitos e rotina» é o tema que Teresa Guilherme nos propõe para hoje, dia em que contamos com as presenças habituais de Heloísa Miranda (astrologia), e Áurea Regina (paisagística).

18.30 - FORA DE HORAS

18.55 - TI-TI-TI

65º Episódio

19.20 - VIA RÁPIDA

19.30 - CLÁSSICOS DA TV

«O Polvo - Ano I»: o irmão de Anna, ao sentir-se ameaçado, manifesta o desejo de prestar declarações ao comissário Corrado. Contudo, este já não chega a tempo, pois entretanto o jovem é encontrado morto na sua cela. Quanto a Cirinná, que se encontra ainda na prisão, consegue fazer chegar a Titti uma dose de heroína, o que lhe vai provocar uma outra recaída.

20.45 - DICK TRACY

43º Episódio

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - INFORMAÇÃO ESPECIAL

22.25 - TEATRO PORTUGUÊS

«Cenas da Vida de Benilde»

23.45 - O TEMPO



«Benilde»: António Sommer e Alexandra Lencastre

«Cenas da Vida de Benilde»

Para quem gostar de teatro, há que demorar os olhos no Canal 2, pelas 22 e 20. E porquê...? Teatro, que exige silêncio!

Título: *Cenas da Vida de Benilde*.

Trata-se de uma conhecida versão da peça de José Régio (*Benilde ou a Virgem Mãe*), de 1947, levada à cena, pela primeira vez, no Teatro Nacional D. Maria II, com Amélia Rey Colaço e Maria Barroso (essa, precisamente!) - e, mais tarde, em 1974, magnificamente filmada por Manoel de Oliveira, tendo como protagonista Eugénia Bettencourt.

E agora...?

Agora, ou desta vez, ou a partir deste momento, num trabalho bastante de Jorge Listopad, mais próximo da recente encenação da peça no Teatro da Graça, mas sobretudo leal ao testemunho do poeta, acores de diferentes gerações, de Ruy Furtado e Isabel de castro a Alexandre de Sousa, Elisa Lisboa, José Figueiredo, Alexandre e António Sommer, têm por missão nobre transmitir a angústia de tragédia que sobressai em *Cenas da Vida de Benilde*.

De quem a produção...?

A produção é de Mary van Dunen.

Eterno Feminino!

Até as próprias mulheres dizem o pior possível da rubrica o «O Eterno Feminino»...

Seja como for, mais outra edição vai para o ar no Canal 2, às 19 e 55.

A responsável, por escrito, concedeu-nos uma entrevista:

- Qual o tema...? -

perguntámos.

- Hábitos e Rotina.

- Só...?

- Não. Contamos ainda com a presença habitual de Heloísa Miranda, que, como sabe, se dedica à Astrologia.

- E mais ninguém...?

- Temos também a paisagista Ana Regina.

- Muito bem!

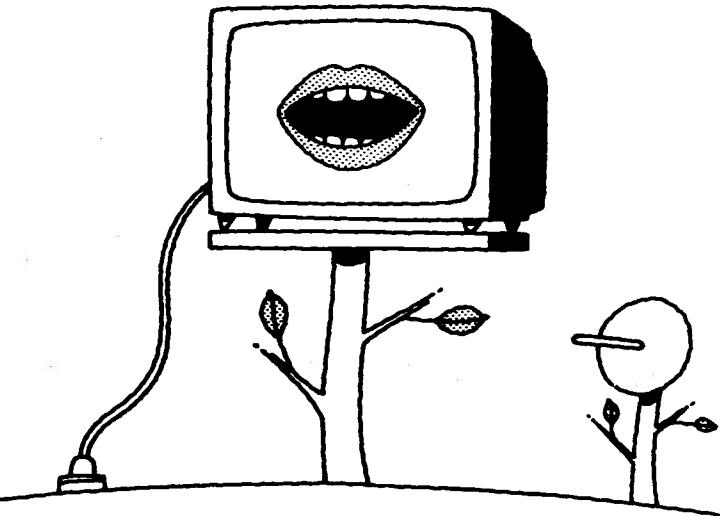
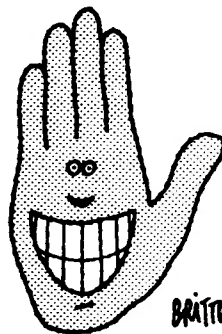
- Resumindo, posso adiantar que em foco estarão sobretudo

os hábitos de higiene. E há uma surpresa...?

- Sim, sim! Entre os vários convidados encontra-se a campeã de halterofilismo Sara Duarte. Como vê...

- Talvez escape...

- Seu malandro!



BRITO

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA

10.00 - RUA SÊSAMO

10.30 - PONTO DE ENCONTRO

11.55 - CULINÁRIA

12.10 - TOP MODEL

13.00 - JORNAL DA TARDE

13.25 - BOLSA DIA - A - DIA

13.27 - O TEMPO

13.30 - SEM LEGENDAS

«Clubíssimo»

14.30 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL

14.35 - PRIMEIRA MATINÉE

«Amor por Anúncio»

16.10 - PONTO POR PONTO

16.50 - O MUNDO

17.15 - BRINCA BRINCANDO

18.20 - RUA SÊSAMO

18.45 - DIVULGAÇÃO INSTITUCIONAL

18.50 - A RODA DA SORTE

19.20 - BOLETIM AGRÁRIO

19.30 - TELEJORNAL

20.00 - BOLSA DIA A DIA

20.05 - O TEMPO

20.15 - TIETA

21.10 - DESENHOS ANIMADOS/BOA NOITE

21.25 - MODELO E DETECTIVE

22.20 - PRIMEIRA PÁGINA

23.20 - ALLÔ, ALLÔ

23.50 - 24 HORAS

00.25 - O TEMPO

00.31 - REMATE

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.

Poder de captação:

- Actual: 8 canais
- A partir do final do ano: 24.
- Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

RTP-2

12.02 - OS NOVOS CAÇA-FANTASMAS

12.25 - DOCUMENTÁRIO

12.35 - FILHOS E FILHAS

13.00 - UM SÉCULO DE CANÇÕES FRANCESAS

14.00 - PRIMEIRO JORNAL

14.30 - AGORA, ESCOLHA!

15.55 - VIAJANDO PELO MUNDO

16.25 - OS HENDERSON

16.45 - RECREIO DO 2

17.20 - O TEMPO

17.30 - ETERNO FEMININO

18.30 - TRIBUNAL DO JÚRI

18.55 - TI-TI-TI

19.20 - VIA RÁPIDA

19.35 - CLÁSSICOS DA TV

20.45 - DICK TRACY

21.00 - JORNAL DAS NOVE

21.30 - CINEMAGAZINE

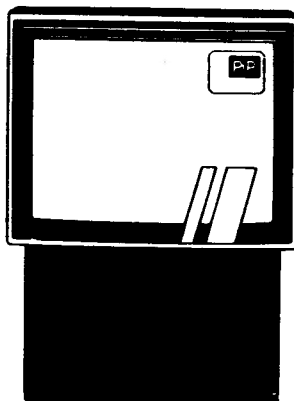
22.10 - CINEMADOIS

«O Rapaz que Ficou Amarelo»

23.05 - UNIVERSIDADE ABERTA

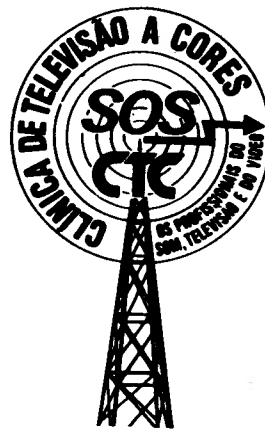
23.45 - O TEMPO

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença



Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã

28 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRONICA

Reparamos hoje em sua casa, o seu TV ou VÍDEO

Frota equipada com rádio-telefone para maior

RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

24 horas de atendimento

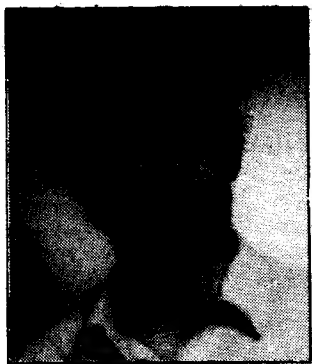
899762 • 899826 • 8482786
Av. S. João de Deus, 13-B • R. de Macau, 8 Lisboa



«O comunismo tem efeitos perversos sobre os sentimentos e torna os críticos requintadamente cínicos»

Paulo Portas, «O Independente», 16.11.90

A PERGUNTA DO DIA



António Ravara
presidente do Conselho Nacional da Juventude

Que aconteceu para para o Conselho Nacional da Juventude se tivesse retirado do IV Encontro Nacional da Juventude?

«O CNJ considera que estes encontros são muito importantes como expressão do associativismo juvenil e como espaço no qual os jovens podem discutir e propôr soluções para os problemas que os afectam. Um espaço como este deve ser global e organizado por todos e foi com esse espírito que o CNJ se juntou a outros organismos na sua organização. Estes princípios não estavam, todavia, assegurados no encontro. O CNJ começou a sentir uma grande hostilidade relativamente ao papel que desempenha na associativismo juvenil, acabando por se retirar e, com ele saíram, 14 das 17 organizações ali associadas. Todo este processo deixa-nos muito preocupados, pois existiram muitos preconceitos e as outras organizações impediram-nos de fazer coisas que considerávamos essenciais, como seja a intervenção na sessão de encerramento. Apesar de tudo, não inviabilizámos a realização do encontro, transferindo a verba a ele destinada para a Associação Académica do Porto. Em meu entender, tudo isto se ficou a dever ao facto de as pessoas não estarem habituadas a trabalhar em conjunto, de boa fé e com igualdade de poderes, e também por muitas associações verem o CNJ como um rival e não como a plataforma de entendimento que é. Esperamos, contudo, que no próximo ano seja possível organizar outro encontro em conjunto com todas estas organizações.»

Terça-feira no

Diário de Lisboa

O orçamento de Estado em debate parlamentar

«O copyright Sá Carneiro»
por Artur Portela

A PLAUSSOSA...

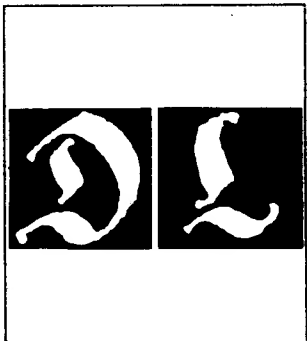
Álvaro Cunhal, pela serenidade, pelo menos aparente, que consegue manter perante a «debandada» dos militantes do seu partido. Quando a situação parecia mais calma, com «críticos» a apoiarem a candidatura de Carvalhas, eis que tudo se agita com a saída, nas últimas semanas, de elementos tão importantes como Veiga de Oliveira, Vítor Louro, Jorge Lemos e José Magalhães. Apesar de tudo, Cunhal continua, placidamente, a defender os seus centenários princípios, resistindo a tudo e a todos...



Associação Académica de Coimbra, pelo lançamento da candidatura de António Coelho Alves à Presidência da República. Com o slogan «Coelho p'ró tacho», esta quinta candidatura promete, sem dúvida, ser a mais divertida. O candidato, que ainda não prestou declarações à Imprensa, já fez saber, através do seu mandatário nacional, que pretende ir até ao fim, o que não acontece com alguns dos seus rivais. Neste momento, os apoiantes de Coelho estão empenhados na legalização da candidatura e, segundo se sabe, já recolheram cerca de 2 mil assinaturas...

Associação Académica de Coimbra

A PATEADASA...



Diário de Lisboa, por ter criticado nos outros aquilo que também fez. Há precisamente uma semana, esta secção pateava o ministro da Justiça por ter proferido e enviado aos jornais um discurso em francês. Ao mesmo tempo, aplaudia o secretário de Estado Nunes Liberato pelo seu *fair play* relativamente a uma pateada de que tinha sido alvo anteriormente. A utilização deste anglicismo - que podia perfeitamente ter sido substituído por «desportivismo», de acordo com o reparo de um leitor - levou-nos a cometer, tal como Laborinho Lúcio, o pecado do estrangeirismo. Não retiramos a crítica, mas estendemo-la a nós.

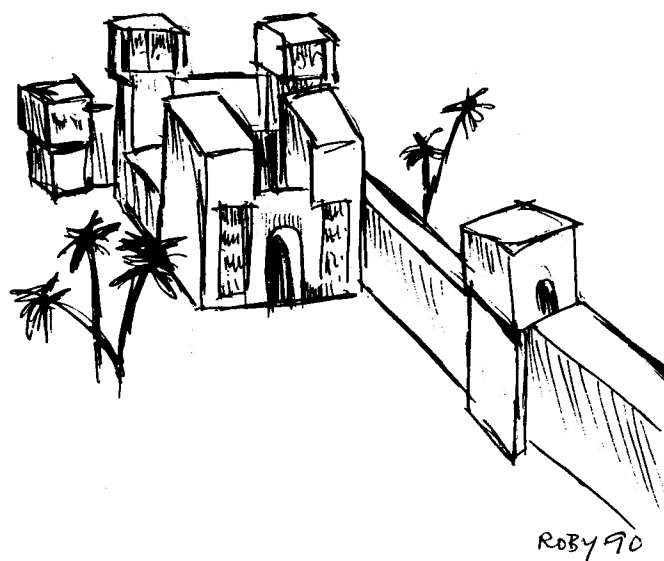


Lourenço Pinto, que em tempo recente foi eleito para presidir aos destinos do Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol, e é, porventura, o agente desportivo mais contestado dos últimos anos. Porque se assume como adepto de comportamentos ditatoriais, porque cultiva preceitos consubstanciados no abuso do poder, porque rejeita o diálogo franco e aberto com os jornalistas optando pelas inverdades e, sobretudo, porque se tem revelado imprevisto para o desempenho das funções, provocando generalizada onda de contestações que culminam com a demissão de colegas do executivo e o constante avolumar de suspeições, denúncias e contradições.



Natal à porta. Em cada ano que passa, o Natal chega mais cedo a Lisboa. Com a fúria de vender, os comerciantes da Baixa começam a iluminar as ruas e a manter as lojas abertas aos sábados de tarde logo no início do Outono. Mesmo sabendo que as iluminações mais não são do que um chamariz ao consumo, é um prazer observar as luzinhas artisticamente dispostas em árvores e postes. Depois de um ano inteiro de uma Baixa mal iluminada e triste, é muito agradável poder passear nas ruas do Marquês de Pombal sem ter que levar uma vela!

C R O N I C A



A Grande Prostituta

As guerras vivem e sugerem o momento presente e, embora se repitam, deixam o passado para o futuro. Desde há umas dezenas de anos que a cidade máxima de toda a nossa mitologia, Babilónia, estava a ser escavada das areias em que dormia desde há dois mil anos. Entre 1978 e 1981 reconstruíram-se os 52 mil metros quadrados do palácio de Nabucodonosor.

Nas ruas do Iraque, frequentes cartazes explicavam que «De Nabucodonosor a Sadam, a Babilónia recupera o seu esplendor». Chegaram os *marines* ali ao lado e os trabalhos de redescoberta da mais fabulosa das cidades pararam. A maioria dos arqueólogos foi chamada às fileiras do exército, os operários egípcios regressaram ao seu país, o dinheiro não sobre, pois é necessário para outras urgências.

Babilónia foi a capital do mundo e tem um significado especial para o mundo árabe, especialmente neste período de crise. Nabucodonosor, o mais célebre dos líderes caldeus (624-562 antes de Cristo) invadiu a Judeia, destruiu Jerusalém e levou milhares de cativos hebreus para a sua cidade, certamente algo que Sadam gostaria de poder fazer hoje para deixar a sua figura nos livros de História e, igualmente, para recompor um pouco as regas do direito internacional.

É que, certamente, o dirigente iraquiano não esquecerá que o primeiro código legal escrito entre os homens foi o de Hammurabi, gravado em barro 17 séculos antes de Cristo. A este longínquo e civilizado, embora duro, código legal opõem-se hoje os soldados americanos e a sua tradição dos duelos de *cow-boys*, aliás sem qualquer código estabelecido.

O velhíssimo Nabucodonosor deixou escritas as suas *Instruções*: Que tudo o que a minha mão fez, se mantenha para a eternidade.

Uma quase eternidade de 2 mil anos se foi encarregando de esconder, que não destruir, a maioria do que as suas mãos tinham construído. Absurdas questões (de quem nunca ouviu falar de História) impedem que Babilónia reapareça do seu longo silêncio.

Babilónia, a dos jardins suspensos (que ainda não se sabe como eram irrigados) e da fabulosa porta de Isthar, roubada pelos alemães e agora no Museu de Berlim, Babilónia, a Grande Prostituta, mas também a mais significativa cidade da História, está à mercê das armas desastradas do nosso tempo.

E não há nada que possamos fazer.

Roby Amorim

A.M.A. Auto Monumental de Aveiro

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75